

WLADIMIR OLIVIER

ANTUNES: POLICIAL
E ESPÍRITA

(DO ÓDIO AO
AMOR)

TURMA DOS PRIMEIROS ENSAIOS

918. Por que sinais se pode reconhecer em um homem o progresso real que deve elevar seu Espírito na hierarquia espírita?

“O Espírito comprova sua elevação quando todos os atos de sua vida corpórea formam a prática da lei de Deus e quando compreende por antecipação a vida espiritual.”

(KARDEC, Allan — **O Livro dos Espíritos**. Trad. de Wladimir Olivier — Inédita.)

ÍNDICE

Apresentação	
1. Cléber	
2. Gaspar	
3. Experiências amargas	
4. O Soldado Antunes	
5. Lições de amor	
6. Surpresa muito agradável	
7. Complica-se o trabalho assistencial	
8. Gaspar aprende as lições	
9. Crescem os males	
10. Antunes toma tento da realidade	
11. A palavra do orientador	
12. A fala repercute	
13. Encontros importantes	
14. Manhã atarefada	
15. Múltiplas coincidências	
16. O casal confabula	
17. Notícias da família	
18. A mãe visita o filho	
19. O bom encontro	
20. Três meses depois	
21. Deodato e Josefa	
22. Deodato e Maria	
23. Deodato e filhos	
24. Deodato e Cléber	
25. Família reunida	
26. Deodato e os protetores	
27. Conversa leal e franca	
28. Prepara-se a alta de Cléber	
29. Cléber foge de casa	
30. Diante da relutância dos pais	
31. A sociedade prospera	
32. Grave ameaça ao plano	
33. Um dia cheio	
34. Gaspar vai ao médico	
35. Cléber é testado	
36. Experimentando a sorte	
37. Conversas interrompidas	
38. Boas perspectivas	
39. De pernas novas	

APRESENTAÇÃO

Assim que tivemos notícia de que seríamos os próximos comunicadores, exultamos com imensa alegria. Estivemos presentes em diversos trabalhos mediúnicos junto ao irmãozinho e sabíamos que deveríamos preparar-nos convenientemente, dado que as exigências raíam à perfeição, conquanto o desempenho dos grupos não passe de mero exercício de caráter escolar. Esta explicação nos parece essencial para a compreensão de que não se pode requerer dos grupos de alunos a luminescência dos espíritos de escol que dirigem os trabalhos na Colônia ou mesmo na *Escolinha de Evangelização*.

Têm os leitores das obras psicografadas o hábito de vasculhar-lhes as ideias, querendo encontrar as respostas aos íntimos problemas existenciais, muitas vezes em conexão com as realizações no campo material. Embora a denúncia dessa intenção estivesse nas cogitações das turmas anteriores, não se dedicaram exclusivamente, nas mensagens avulsas ou no corpo dos romances, a apontar para os desejos sutis de se verem as pessoas em harmonia com o universo, sem a necessidade de estudarem ou de trabalharem para a introjeção dos valores evangélicos.

Quanto a nós, *Turma dos Primeiros Ensaios*, sob o comando do Mestre Miguel, fomos determinado que elaborássemos roteiro de ficção extremamente simples, em que personagens comuns, encontradas no meio social hodierno, atuem em favor do crescimento moral, sob as luzes do espiritualismo cristão.

A responsabilidade que nos pesa, portanto, há de parecer, à vista dos resultados, bastante grave, porquanto não temos tantos méritos para a apresentação de obra de irretorquível valor literário. Sabemos que esse ideal não deverá prevalecer sobre as noções da Doutrina, mas também concordamos com que, quanto mais bela for a linguagem, quanto mais variados os elementos estéticos, quanto mais ricos os recursos da escritura, tanto mais interesse haverá de provocar nos encarnados, incentivando-os à leitura e à releitura, para que, usufruindo esse prazer, possam emendar o procedimento.

AO MÉDIUM

Não se há de esperar, realmente, muita coisa de nós. Nem queremos, por nossa vez, nada de especial do mediador ou do público. O ritmo do ditado está excedendo às expectativas. Também nos causa surpresa a tradução das vibrações. Isto significa que a expressividade dos dizeres decorrerá, em grande parte, do descortino do médium, que se dedicará à revisão dos textos atento para as sugestões que lhe transmitiremos, para o aperfeiçoamento das mensagens.

Temos a intenção de permanecer no posto por dois meses, com um capítulo por dia, sem pressionar o amigo, que poderá oferecer-se ao trabalho no horário que julgar mais conveniente. Talvez tenhamos de interromper a série de ditados, mas isso não oferecerá empecilho de graves consequências. Aliás, a equipe anterior, *Grupo dos Efeitos Naturais*, se rejubilou com o fato de ter podido terminar o romance (**Sob o Signo do Medo**), após os dois meses de resguardo do médium. Teria a informar muitos fatos relacionados à doença mas encontra-se impedida pelos mentores, porque não vêm com bons olhos o incêndio da atenção dos encarnados para seus *egos*, de per si tão estimulados pelos cuidados cármicos que a presença da morte, em tais circunstâncias, desperta.

Miguel é novo junto ao amigo, mas é antigo colaborador da *Escolinha*.

Fique com Deus!

Obrigado!

1

CLÉBER

Não tinha ainda três anos mas dava muito trabalho à mãe, com estrepolias que alguém, em sendo espírita, iria dizer que provinham de outras encarnações, tendência que se acentuaria depois dos sete, quando o perispírito estivesse definitivamente preso à matéria, ao corpo.

Quebrava as louças e ria, estimulado pelo fragor dos estilhaços. Rasgava as cortinas, enfiando-lhes o garfo ou a faca, que surrupiava da gaveta da cozinha. Chegou a mexer com a criação no quintal, conseguindo tirar algumas penas dos pintainhos. Só não executou os coitados porque a reação da galinha foi feroz, deixando-lhe vergões nos braços, ameaçando furar-lhe os olhos.

O cachorro vivia enfiado debaixo dos móveis, cansado de perder os pelos. Intentou reagir, coitado, rosnando com os dentes à mostra, mas o patrão lhe deu exemplar pontapé, inesquecível para sua memória de ser inferior, escravizado à vontade dos humanos.

— Cléber, meu querido, Você vai sofrer muito na vida, se não criar juízo. — Era o avô, que percebia o quanto de atrevimento existia naquele proceder em desacordo com as normas da cortesia. Ao mesmo tempo, dava-lhe sutis beliscões, para que largasse o vasto bigode ou a cabeleira que lhe emoldurava o crânio luzidio.

Não era raro, nessas ocasiões, estando presente o pai ou a mãe, que se pusesse em convulsivo choro, bradando contra a ferocidade do avô ou de algum tio menos afeito ao sofrimento dos puxões e das mordidas. Também não era raro que os pais admoestassem os reacionários, dando motivo para discussões que iam culminar em beijos e carinhos para o pequeno. Por isso, aos poucos, os familiares foram afastando-se do petiz, deixando-o entregue a si mesmo, para as mórbidas fantasias.

Ao completar quatro anos, foi levado a uma escolinha, para brincar com gente de mesma idade. Não sabia, mas a mãe esperava outro rebento e queria ver o mais velho entretido com algo que não fosse o ciúme ou a inveja. Mesmo ela percebera o quanto de voluntarioso era o espírito do filho e antecipadamente punha de resguardo o mais novo.

Depois de mais de mês de choros e berreiros, quando a mãe, para tranquilizar o ambiente, era convidada a vir buscá-lo, um dia resolveu ficar, ao descobrir que havia brinquedos para desfazer e colegas para atormentar. Foi assim que passou por diversas

instituições de educação pré-escolar, sem se firmar em nenhuma. Se a família fosse rica, contrataria enérgica pedagoga para acompanhá-lo, impedindo-o de dar largas às malvadezas. Contudo, tal solução estava descartada, que o pai era simples peão a serviço da administração pública, servidor em início de carreira, levando para casa o correspondente a três salários mínimos, enquanto a mãe tinha os atributos apenas das prendas domésticas.

Volvendo à hipótese da crítica do espiritista, poderia ele suspeitar de que aquele espírito, em outras oportunidades, vivera sob tetos respeitáveis e abonados, revoltando-se agora contra a miserabilidade de existência tão precária materialmente. Diria mais, ou seja, que fora coagido a aceitar a encarnação, para obter a oportunidade do crescimento moral ou espiritual, aprendendo que o sofrimento é o caminho mais natural para o soerguimento da alma. Teria razão em tais hipóteses? A tempo, iremos decifrando os mistérios, que nem tudo a gente consegue informar no primeiro capítulo.

GASPAR

O irmãozinho chegou como quem deseja agradar. Talvez o bulício do mundo exterior ao da barriga lhe tivesse dado a ideia de que a melhor política seria manter-se de bem com o mais velho. Talvez fosse criatura de ânimo pacato, vinda à luz para dar sossego aos familiares, contraponto necessário para a fogueira do primogênito.

A mãe inventou que ele havia trazido um brinquedo para Cléber, bola de couro, muito parecida com as que via sendo chutadas na televisão. E permitiu que fosse ao campinho ali perto, para mostrar aos outros que ele era dono da bola. Se tivesse vontade de emprestar aos demais, perderia o precioso bem em poucos dias. Pensando em preservar o que era seu, nem se haviam passado dez minutos, foi-se embora. A turminha não esperava outra coisa, tanto que continuou o jogo com a bola de meia a que estavam acostumados. Aliás, a bola cheia era um perigo para as vidraças das vizinhanças, muitas delas quebradas por pelotas mais pesadas. O efeito, no entanto, foi o menosprezo pelo ouriçado proprietário, que se traduziu em caçoadas:

- Vai, mulherzinha, cuidar da bola!
- Vai dar papinha pra ela!
- Será que vai dar à luz outras bolinhas?

Cléber não se preocupava com as amizades. Esperava catar um por um sozinho, para lhes demonstrar quem é que era o mais valente. E assim fez, até que, um dia, os adversários se reuniram e lhe pespegaram tremenda surra.

Ao chegar em casa, aguardou momento de distração da mãe e deu tremenda bolada no pequerrucho, no berço. O caso foi grave, tanto que Gaspar carregou a cicatriz acima do lábio, do lado esquerdo, pelo resto da vida. E Cléber sentiu o peso da mão do pai, como a lhe afirmar que o preferido não seria ele. Jamais.

Aos oito anos de idade, Gaspar ingressava na escola primária. Frequentara a mesma escolinha maternal, mas não demonstrara facilidade em aprender. Levantou-se a suspeita de que as frequentes sovas que levava do irmão o teriam feito ficar atrasado mentalmente. Mas Cléber, apesar de *recompensado* constantemente pelas chineladas do pai, não oferecia graves resistências ao alfabeto ou à aritmética. Aos doze anos, ingressava na quinta série, terror das professorinhas primárias, que lhe aplacavam a sede da violência com o castigo do lado de fora da porta da sala. Às vezes, o diretor o reconduzia para a aula,

mas o desespero das professoras obrigava o administrador escolar a chamar os pais. O que não se entendia era como conseguia assimilar a matéria, se não se dedicava ao aprendizado.

Gaspar, por seu turno, rabiscava folhas e mais folhas, sem alcançar a felicidade de dois pauzinhos juntos ou de pequeno círculo. O lápis não se compunha com a mão e ficava horas a fio desenhando quiméricas casinhas, junto das quais desenhava rústicas figuras, desgrenhadas e desproporcionais. Acabava sempre por riscar tudo, decepcionado, cobrindo a folha de traços, escondendo a incapacidade motora.

A professora chamou a mãe e mostrou que Gaspar não apresentava os mesmos recursos dos colegas. Disse-lhe que deveria levá-lo ao médico. Este, por seu turno, prescreveu certos exames caros, que demorariam mais de ano para se realizarem pelo sistema oficial de saúde. Aos nove anos, Gaspar voltava a ser matriculado no primeiro ano, desleixando-se a professora de atendê-lo, para propiciar-lhe cuidados adequados ao nível da inteligência. A medida oficial que propugnou foi a de levar o pequeno à classe dos retardados, onde a mestra especializada poderia dar o mínimo que conseguisse aprender. No entanto, os testes de capacidade intelectual não recomendaram a transferência, indicando que o petiz seria bem capaz de desenvolver os tópicos do programa, se fosse acompanhado de perto por alguém competente.

A mãe se recusou:

— Eu não tenho tempo, porque as meninas menores precisam muito mais de mim.

Terá sido esta a melhor hora de revelar que havia três jovencinhas mais na família: Isaura, Beatriz e Lurdes, respectivamente com seis, três e um aninho? Pois fique o registro.

Gaspar, à vista desse conjunto de fatores, foi retirado da escola, já que o salário do pai não se avolumara, apesar do crescimento da família. De resto, as coisas começavam a desandar no relacionamento do casal, tanto que Cléber punha já na cabeça a ideia de ir viver nas ruas.

EXPERIÊNCIAS AMARGAS

Cléber era taludo para os treze anos, mas, perto do pessoal mais velho, deveria considerar-se pequeno, o que, na verdade, não levava em conta. Tinha posto a correr gente mais encorpada, com a ameaça da mão armada de paus e pedras. Quando saiu de casa pela primeira vez, imaginou que deveria portar certo canivete que surrupiou do velho.

Deu-se ares de vencedor e pôs as pernas para vagarem pelos corredores centrais da cidade. Durante o dia, tudo bem, que dava a impressão de que estava de passagem, mas, quando quis ajeitar-se para dormir, foi descoberto por um dos antigos, que desejou saber que apito tocava o novato.

— Ô seu, qual é? Aqui tem dono. 'Tá pensando que é só chegar e se aboletar no pedaço? Vê se te manca e dá de pinote. Ou deixa algum, que é pra mostrar boa vontade...

Cléber não queria dar de covarde. Mas também não iria enfrentar gente desconhecida, que não sabia a quantas andava nem com quem.

— 'Tô chegando agora, cara. Me livra dessa, que não quero ofender ninguém.

— O que é que tu tem aí?

— Só roupa e comida.

— 'Tá servindo, não sabe. Passa pra cá.

Cléber julgou que o pedido era desproporcional. Só estava ali por acaso. Não precisavam tirar tudo o que tinha. Mas não ofereceu resistência, pensando que o que não *servisse*, seria restituído.

O sujeito pegou a mochila, abriu e foi examinando tudo. Pôs de lado as roupas e comeu o sanduíche. As calças e camisas não entraram em seu corpo, mas, mesmo assim, arrumou tudo de volta na mochila, que acomodou nas costas.

— Esta noite, tudo bem. Pode ficar aí. Amanhã, vai procurar outro lugar, a menos que queira conhecer quem manda...

— Me devolve a roupa...

A resposta foi intimidativa. Levou um safanão que o jogou longe. Puxou o canivete mas nem teve tempo de abrir. Despertou no dia seguinte, Sol alto, com tremenda dor de cabeça, lábios inchados, vergões por todo o corpo, a camisa rasgada, sem nenhum dinheiro no bolso. Nem sinal do canivete, mas o braço estava perfurado em dois lugares, com o sangue coagulado a impedir a hemorragia.

Tentou levantar-se e percebeu que as pernas doíam muito. Olhou em volta mas não viu ninguém. Escondera-se debaixo de uma ponte mas fora levado para desvão atrás de coluna em V. Quem fizera aquilo, com certeza, estava pensando que o despachara de vez. E avisou os que costumavam frequentar o lugar.

O barulho de carros mostrou que a pista em cima era concorrida. Arrastou-se para fora e pôde divisar o rio. Fez enorme esforço e desceu pelo matagal até a beira da água. Ali desmaiou.

Acordou sobre uma maca, rodeado de bombeiros. Estava com o pescoço e as pernas imobilizados. Foi removido para um hospital, onde lhe fizeram muitas perguntas. Queriam saber onde morava e onde trabalhava o pai. Deu o nome dele, o nome da repartição e o endereço. Hora e meia depois, a mãe aparecia para as lágrimas e as reprimendas.

— Que vai ser da minha vida, se Você começar a me dar trabalho até fora de casa?! Pensa que não sei que Você levou a tua melhor roupa, que pegou a comida na geladeira e o canivete de teu pai? Pra onde pretendia ir?

Cléber assistira na televisão às lágrimas de alegria das mães que recuperavam os filhos, após longos períodos de ausência. Eram recebidos com carinhos e afagos, com amor, com boa vontade. Como é que a mãe o estava recriminando daquele jeito? Era porque não o queria tanto, que preferia que não voltasse mais.

— Quem é que vai cuidar de Você com as duas pernas quebradas? Antes tivesse Deus te levado, assim Você iria deixar todo o mundo em paz.

O mocinho não se emocionou a ponto de se lamentar. Pensava que outra não poderia ter sido a reação da mãe, porque quem tinha saído de casa era ele. Desprezara a família. Era direito de todos não no receberem mais. Continuou impassível.

Veio o soldado para registrar a ocorrência. Queria saber quem o atacara. Cléber não sabia. Contou mais ou menos a conversa com o desconhecido, recebendo do homem fardado a recomendação de não fugir mais de casa. Tinha tido muita sorte, já que o pessoal costumava acabar com os intrusos valentões. Com relação à mãe, a autoridade policial mostrou-se inflexível, dizendo que a culpa da atitude do menino era dela:

— A senhora vai ter agora o trabalho de cuidar dele. Se tivesse tomado conta, ele só daria satisfação. Como é que vai na escola?

— É um demônio. As professoras reprovaram ele no ano passado e vai ter de fazer a quinta série de novo. Só dá gastos e dores de cabeça.

— Pois é isso aí. Apanha em casa, desforra nos colegas.

— Apanha, nada!...

Cléber arriscou:

— Apanho, sim. De cinta, de chinelo, de pau...

— É isso aí. Eu sei o que estou dizendo. Ou a senhora e seu marido tratam dele bem ou ele vai dar muito mais trabalho mais tarde. A senhora quer ter um ladrão, um maconhado, um viciado, um aidético, um assassino, em casa? Pois continua a dar-lhe pancada. Aproveita agora que ele está imobilizado. Não se esqueça que eu sei muito bem onde Vocês moram. Vou passar lá uma vez por semana. Se o Cléber puser a boca no mundo contra os maus tratos, levo a senhora e o pai pro Distrito.

O garoto se sentiu protegido. Dava-lhe afeto e atenção quem não tinha nada com isso. Verificaria, mais tarde, que o policial era homem de palavra.

O que fez a mãe, realmente, chorar de desespero foi o médico, com a receita.

— Doutor, não tem jeito de me arrumar os remédios?

— Passa na farmácia do Hospital. Não garanto que a senhora vá encontrar tudo, mas a Assistente Social vai tomar nota do endereço e irá visitar o pequeno. Se a família não tiver condições de tratar dele, ela fornecerá o que for preciso.

A mãe agradeceu muito. Levou os documentos, preencheu as fichas e recebeu comprimidos contra a inflamação e a dor. Antibióticos, nem pensar. Verificaria, mais tarde, que o médico mentira, pois a moça nunca se apresentou em sua casa. E esse foi motivo mais do que suficiente para o marido acusá-la de negligência, uma vez que o dinheiro estava curto e os remédios eram muito caros. Se não fosse o policial providenciar, Cléber ficaria sem a medicação, o que o teria levado a correr sério risco de vida.

Enfim, a primeira sortida do revoltado o manteve por dois meses entrevado, sofrendo as injúrias da mãe e os xingos do pai, que só não completou o trabalho do bandido, porque se achava vigiado pela polícia. Quem agradava o irmão era Gaspar, sempre solícito, a providenciar, como podia, o que fosse preciso. As irmãs nem se aproximavam.

O SOLDADO ANTUNES

Queria ser chamado de Antunes, porque Cunegundes Antunes da Boa Morte não considerava nome de gente. Era bom da bondade dos anjos, sempre desejando proteger os desfavorecidos e desvalidos da fortuna.

Quando viu o estado em que Cléber se encontrava no hospital, adivinhou que estava perdido num mundo de adultos, sem princípios morais. Espiritista de longa data, estimava ver os pobres progredindo nos conhecimentos da Doutrina de Kardec. Ele mesmo reservava uma hora diária para a leitura das obras da Codificação. Mas se perdia em sonhos e divagações pelas teses expostas, de sorte que o mundo dos espíritos se apresentava a ele de maneira fantasiosa. Um dia, desejou ler *Nosso Lar*, cuja autoria é atribuída a um tal de André Luís, porém, julgou tudo tão parecido com o mundo material que desconfiou de que fora o médium Chico Xavier quem havia inventado a história.

Expôs o julgamento a um dos mais experientes do Centro Espírita *Caminho e Vida* e obteve desconcertante resposta:

— Você leu com atenção?

— Li.

— Entendeu os trechos em que há descrições de órgãos do corpo humano?

— Só não me envolvi com os termos técnicos.

— Você acha que o Chico iria procurar livros de Medicina para falsificar a obra?

— Por tudo o que ele fez, acho que não.

— Então, não é coerente pensar em que a obra tenha sido ditada pelo mensageiro espiritual?

— Mas bem poderia ser por um desses espíritos inferiores classificados por Kardec entre os das últimas categorias, com o objetivo de enganar os mortais.

— Enganar em que sentido? Você não acha que nós nos acostumamos a nos enganar a nós mesmos, para impormos a nossa vontade aos demais?

— Acho que muitos fazem assim.

— Você mesmo não está, meu caro Antunes, querendo ver prevalecer a sua opinião, ainda que perante os seus próprios conceitos, hauridos, pelo que sei, diretamente n' *O Livro dos Espíritos*?

— O que eu acho é que André Luís, ou seja quem for, descreve o mundo espiritual como se estivesse retratando o mundo aqui na Terra mesmo.

— É que o plano espiritual, no ambiente do Umbral, onde se situa a colônia *Nosso Lar*, está muito próximo de nós, uma vez que os espíritos que aí *vivem* e trabalham têm o mesmo teor vibratório de nossas almas. Lembre-se de que havia seres querendo lá entrar mas foram repelidos, enquanto outras entidades mais adiantadas partem para esferas mais sublimes. Sabe o que estou percebendo? Você está pensando que todo o plano da espiritualidade é reservado aos seres angelicais. Lá, sim, é que os espíritos constroem o seu espaço de maneira menos grosseira, já que são mais perfeitos que nós, sendo capazes de manipular o fluido universal de seu mundo com desenvoltura de anjos.

Antunes não disse nem que sim nem que não. O fato é que não leu aquele livro até o fim e não se arriscou a ler nenhum outro atribuído ao mesmo autor. Desejava que tudo se pautasse pelas normas superiores de Jesus, principalmente a lei do amor, para que a sociedade dos homens refletisse na Terra a condição das moradas reservadas aos santos e aos espíritos de luz. E tudo fazia ao seu alcance para que esse ideal formosíssimo se concretizasse no coração das pessoas.

Cléber era uma criança sofrida. Antunes percebia claramente que fora muito desprezada em casa e na escola, pois ninguém conseguira descobrir o modo de convencer o garoto a cooperar.

Aos treze anos de idade, está muito velho pra tratamento de amparo físico. Em todo caso, vou dar-lhe uns abraços, tentando demonstrar-lhe que minha vibração emocional o envolve com muito carinho. Se ele se abrir comigo, vou implantar no cérebro dele os ensinamentos do Cristo. Aposto que nunca ouviu falar em espírito cristão.

A partir daí, perdia-se em conjecturas de como os apóstolos receberam as lições diretamente do Mestre. Muitos se deixaram impressionar tanto, que partiram para a pregação das verdades pelo mundo. Houve até quem se dispusesse a escrever o **Novo Testamento** ou os **Evangelhos**, narrando o essencial da pregação e da vida do Messias, sua paixão, morte e ressurreição. Foram até além do necessário, razão pela qual Kardec precisou estudar os milagres e predições, para tornar a leitura mais racional, menos fantasiosa.

Quem sabe a verdade estivesse mesmo com os Evangelistas!... Não teria o Codificador da Doutrina Espírita tornado muito materializada a interpretação, segundo os parâmetros das ciências de que tanto gostava? Não tivesse recebido o apoio de tantos espíritos de luz, inclusive do Espírito de Verdade, e eu seria bem capaz de dizer o mesmo que disse a respeito do livro de André Luís.

Mas esses sonhos ou fantasias ocupavam muito pouco tempo do soldado, que inventava inúmeras tarefas complementares, para o efeito da proteção que devia ao povo profissionalmente.

Com Cléber, desejou fazer com que o rapazelho visse nele o braço forte em que se apoiar, para enfrentar as desditas da família e da escola. Farejou que o pequeno não se viciara ainda. Talvez um cigarro ou outro, nos banheiros de casa e da escola, sob influência de colegas mais velhos. Mas não punha a mão no fogo por ele, que a mocidade atual é muito mais viva e experiente que os pais trabalhadores, os quais se satisfazem com um ou dois pileques semanais, na companhia dos que se comprazem em maldizer a sorte.

Levou-lhe os remédios, tirando algum do bolso ou buscando na farmácia do Centro Espírita. Ao mesmo tempo, assumiu o papel de orientador espiritual, lendo trechos d'O

Evangelho Segundo o Espiritismo, buscando interessar o protegido pela vida espiritual. Entretanto, como veremos no capítulo seguinte, esbarrou em imensa dificuldade: a incompreensão quanto à necessidade do sofrimento.

5

LIÇÕES DE AMOR

Antunes levava três exemplares, na esperança de que o jovem ficasse com um, a mãe, com outro e ele, com o terceiro, de forma que a leitura pudesse ser acompanhada, para se retirar o máximo proveito possível. Gaspar é que ficava com o livro da mãe, embora não se tivesse alfabetizado.

— Esse cara aí não sabe nada! Vai ficar olhando pras páginas como um bobo...

Antunes não sabia das dificuldades do menino:

— Quer dizer que não aprendeu a ler?...

— Nem vai aprender porque foi expulso da escola.

— Como assim? Que fez ele de tão terrível?...

— Simplesmente, não é capaz de fazer uma letrinha, um *a* ou um *o*...

— Mas ele é tão bonzinho e atende a tudo que Você pede...

— Pra aprender, é mais xucro que um burro velho.

Gaspar não ligava que falasse desse jeito. Sabia que Cléber não falava por mal, porque gostava dele, não tendo apanhado, desde que o outro voltara para casa. Não sabia que o pai ameaçara com pancadaria das grossas. Se tivesse o dom de ler na alma do irmão, iria ver que a benquerença não era recíproca. Não deixava, porém, de fazer o melhor que podia para atender às solicitações do entrevado.

Antunes não hesitava em abrir o livro e mostrar a Gaspar o início da leitura que iria realizar. Mas não dava atenção ao menor, já que se interessava pelo ensino ao mais velho.

Essas tardes de leitura aos sábados e domingos coincidiam com as folgas do pai, que não ficava em casa durante o tempo em que o soldado lá se aboletava. Mas não ia ao bar tomar umas e outras, porque não queria ser admoestado nem correr o risco de ultrapassar os limites na repreensão das crianças ou nos ultrajes à mulher.

Um dia, aberto o livro no tópico do honrar ao pai e à mãe, Cléber resolveu discordar:

— Eu não acho que os pais e mães mereçam consideração, principalmente quando batem nos filhos.

Antunes entendeu a extensão do comentário. Meditou: *Se pensa assim dos pais, como reagirá quando eu tentar demonstrar que Deus é pai de misericórdia e, por isso mesmo, coloca os filhos à prova, neste mundo de dor?!...* Tentou argumentar:

— Quando é que Você apanhou pela primeira vez?

Cléber não se lembrava:

— Apanhei a vida toda.

A mãe ouvia a conversa e interferiu:

— Ele levou muita pancada desde pequeno porque era muito mau. Até deu uma bolada no irmão, machucando tanto que precisou de uns pontos. Essa cicatriz no rosto foi quando era bem pequeno. É claro que apanhou do pai por causa disso, mas já tinha levado outras sovas antes. Deve ter sido por isso que quase foi morto na rua. Deve ter provocado o bandido...

Cléber não podia responder. Tinha medo de levar *outra sova*, uma vez que não podia sair correndo. Era só o soldado ir embora...

— Pelo que está dizendo tua mãe, Você precisava levar pancadas pra endireitar. Mas eu não acho que isso esteja certo. Nos meus filhos, eu nunca bati. Se fazem algo errado, converso muito com eles, até provar que não deviam ter feito o que fizeram. Desse modo, eu acho que eles me respeitam.

— Mas com minha mãe nem com meu pai, não tem conversa. Às vezes, eles me batem porque as vizinhas vieram reclamar. E eu nem estou sabendo do que se trata.

— Pois nós haveremos de mudar isso aí.

— Não muda, não, Seu Antunes. Eles gostam de me pegar de pau, de cinto, de chinelo.

— Mas isso não vai acontecer mais. Quando Você era pequeno...

— Eu fugi de casa quando meu pai quis me pegar. Se o senhor puder ficar mais um pouco, depois que eu estiver andando, vai ver que as cobras vão dar o bote de novo.

Antunes ficava muito admirado com a maneira de se expressar do menino. Não compreendia por que fora reprovado:

— O que Você fez na escola, pras professoras ficarem com tanta raiva?

— Eu fazia muita gozação com os burros que não aprendiam nada. E respondia tudo errado de propósito, pra não me chamarem de *CDF*. Também não fazia nenhuma lição nem ajudava ninguém. Eu queria era me ver livre da chateação.

— Que Você acha de ouvir estas leituras?

— Posso falar a verdade?

— Claro!

— Preferia que me trouxesse umas revistas em quadrinhos. Estes assuntos são muito bobos. É coisa antiga. Hoje a gente está noutra. Esta de ficar pensando que os pais devem ser *honrados* é como se fosse a história da *Branca de Neve*, do *João e Maria* e outras que as professoras liam nos primeiros anos. Eu prefiro ver o *Aqui e Agora*, na televisão. Um dia mataram um cara aqui perto e a reportagem apareceu. Eu estava lá e me perguntaram se eu tinha visto o assassino. Eu bem que sei quem foi, mas não estou louco de dizer. Fiquei calado, que em boca fechada não entra mosca. Naquele dia apareci na televisão.

Cléber ia continuar, mas foi só aí que se lembrou que Antunes era policial. Este, porém, o tranquilizou:

— Eu sei que as pessoas não falam, porque têm muito medo. E estão certas, porque a polícia só vem de vez em quando e os bandidos estão sempre aí. Mas Você pode ligar pra delegacia e avisar quem foi.

— Eu não vou fazer isso. Um dia ouvi um bandido dizer que, se fosse dedurado, iria matar cinco, por conta de não saber quem foi.

Antunes estava percebendo que o menino era muito esperto, pois desviava o assunto do livro. Resolveu perguntar a Gaspar:

— Você acha que a gente deve honrar, respeitar e obedecer o pai e a mãe?

O menino, pego de surpresa, gaguejou um tímido *sim*.

— Por que sim?

A resposta foi dada a muito custo:

— Porque a gente deve gostar deles, porque são os nossos pais.

— Quer dizer, porque nos deram a vida, nos puseram no mundo?

Cléber não perdeu a vaza:

— E quem foi que pediu pra ser posto no mundo?

— Quando a gente é espírito e quer se encarnar, a gente pede pra vir ao mundo.

— Eu não me lembro de ter pedido nada.

— Ninguém se lembra, porque, quando a gente nasce, a gente se esquece do que aconteceu antes. É da lei...

Cléber não se conteve:

— Esse esquecimento é muito conveniente.

Antunes podia dizer que estava escrito nos livros ou que os espíritos protetores ensinavam nos Centros Espíritas, mas resolveu calar-se, acrescentando apenas:

— Quando Você for pai, irá querer que teus filhos respeitem Você.

— E quem disse que eu vou querer filhos?

— O futuro a Deus pertence. O mundo dá tantas voltas que um dia vai chegar a tua vez.

— Se isso é tão certo assim, de que adianta ficar tentando enfiar essas coisas na minha cabeça agora?

— Quer dizer que devo parar?

— Não deve, não. Que enquanto o senhor está aqui, meu pai vai embora e eu não sinto o bafo de pinga na minha nuca.

Antunes não via por onde amarrar os temas morais naquela cabecinha revoltada. Pensou em que alguns aprendem pelo amor e outros pela dor.

Gaspar foi quem encontrou a solução para o impasse:

— Vamos rezar, tio, que a gente vai honrar o Pai que está no Céu.

Cléber não dava o braço a torcer:

— É bom rezar, porque, assim, a gente não precisa ficar lendo essas coisas chatas. O *tio* vai logo embora e a gente pode ligar a televisão.

Sem se ofender, tomado pela ideia de que não iria ficar na dependência dos julgamentos da juventude, o soldado adotou a sugestão:

— Cada um reza pra si mesmo um pai-nosso. Quem não quiser, não precisa. Basta ficar em silêncio.

6

SURPRESA MUITO AGRADÁVEL

Depois de ir à casa de Cléber umas dez ou doze vezes, Antunes teve oportunidade de constatar, com muita alegria, que Gaspar estava aprendendo a ler. No início, parecia que o menor repetia de memória as passagens lidas, mas, uma vez, deixou claro que estava reconhecendo as letras e as frases, quando precisou repetir a passagem citada pelo improvisado mestre. Folheou o livro e apontou o trecho sem titubeios, indicando a linha exata em que começava.

— Meu filho, faça o favor de repetir o que aí está escrito.

E Gaspar, meio envergonhado, foi soletrando as sílabas, demonstrando que entendia o sentido das palavras e, mais ainda, que era capaz de compreender as ideias.

— Mas Você não é retardado, coisa nenhuma! Quem disse que é incapaz de ser alfabetizado?

Cléber se admirou do fato e se calou, a ver aonde iam dar as coisas. Não queria acreditar que o irmão pudesse ter alguma esperteza naquela cabeça avoadada, ele que nunca pudera escrever ou desenhar nada que fosse o mais simples possível.

Antunes quis tirar a prova, abriu o livro ao acaso e pediu ao juvenzinho que lesse um trecho desconhecido. Foi com dificuldades que chegou ao final da frase, mas pôde repetir, em seguida, tudo de novo, com muito maior desenvoltura.

— A senhora sabia que seu filho é bem capaz de ler o que bem entender?

— As professoras...

— Vamos deixar as professoras de lado. O menino está completamente alfabetizado. Precisa voltar já pra escola. Ele ainda está matriculado?

— No começo do ano, ele foi um mês, mas, como não fazia nada, a professora pediu pra que ficasse em casa. Estava começando a ser o palhaço dos outros.

— Pois é preciso dar maior atenção a ele. Segunda-feira, apesar de ter perdido uns dois meses de aulas, a professora vai ter de aceitá-lo de novo.

— Mas ele não sabe fazer um simples *o*, um *i*, um *a*...

— Vamos ver. Onde está o material da escola?

A malinha está abandonada embaixo da cama.

— Gaspar, vai buscar a mala, por favor. Vamos ver se o teu defeito está na escrita.

O menino voltou com muito medo. Antunes pegou o caderno amarrado, um toco de lápis sem ponta e pôs sobre a mesa.

— O apontador?...

— Me roubaram.

— Dá uma faca afiada ou uma gilete.

Depois de fazer a ponta no pedaço de lápis, o soldado pôs na mão do menino. Cléber observava curioso. Achava que nada sairia dali. De fato, Gaspar não se ajeitava para pegar o lápis adequadamente. A muito custo, Antunes colocou o apetrecho em sua mão e pediu para fazer uma bolinha. Não saiu nada que pudesse parecer com um círculo. O menino não conseguia fechar o traço, subindo e descendo a mão, descontroladamente.

— Pois aí está. É isso mesmo. A cabeça é boa mas a mão não obedece. É preciso consultar um médico especialista. A senhora vai fazer isso o quanto antes.

— Mas, Seu Antunes, o senhor não sabe que não temos recursos?

— Vão até o posto de saúde e contem o que se passa. Eles saberão o que fazer. Em todo caso, a professora tem de ser informada sobre a facilidade que o menino tem de leitura. Se a senhora não está disposta...

— Não é bem isso. As meninas não podem ficar sozinhas. Quem levava o pequeno à escola era o Cléber...

— Já entendi. É bem mais fácil deixar o retardado em casa, fazendo os serviços para o que está preso na cama. A escola não é longe.

— Ele pode ir sozinho.

— E quem conta à professora o que se passa? O seu marido, a que horas pega no batente?

— Ele sai muito cedo.

— Então, deixa comigo. Segunda-feira, ele vai estar no portão da escola meia hora antes da entrada. A que horas começam as aulas?

— Às sete.

— Pois às seis e meia estarei lá pra encaminhá-lo à professora. Por favor, arrume um lápis mais decente, um caderno novo e ponha uma roupa limpa no menino.

— Eu não quero ir...

— Como não quer ir?

— A professora não gosta de mim.

— Ela vai aprender a gostar e os teus colegas vão ter de respeitar a tua inteligência. Isso eu prometo, porque vou lá falar com eles todos. E se a diretora... Deixa pra lá. Vocês vão ver que tudo vai dar certo.

Cléber arriscou um palpite:

— O pessoal da escola me conhece. É só falar que eu quebro a cara de quem mexer com ele...

— Você quer dar uma de valentão e não pode nem se mexer na cama. Quero saber se fez as lições que eu trouxe e se leu os pontos que eu vou tomar agora.

— Não deu pra ler nada. A sala é muito escura. Minha mãe não quer acender a luz de dia...

— E a televisão, ficou desligada?

Antunes não via boa vontade em nada. Havia pesquisado na escola se havia alguém que quisesse levar as matérias para a recuperação do fujão, entretanto, os colegas mais chegados eram tão malandros quanto ele. Os bons não se estimularam a ajudar. As professoras também não quiseram contribuir. Uma delas, a de Português, marcou umas páginas no livro e escreveu uns temas para redações. E foi só. A de Matemática não achou como ensinar a distância o que o menino se recusava a aprender dentro da sala. Os demais fizeram comentários desabonadores, demonstrando que estavam bem aliviados com a saída do mandrião.

À vista da má vontade dos docentes e dos colegas, Antunes arrumou os livros e determinou o que deveria ser estudado. Mas, sábado atrás de sábado, não lograva fazer o jovem interessar-se pelas matérias. Notou que o menino era esperto e não apresentava deficiência orgânica que prejudicasse os estudos. Se tivesse problemas de visão ou de audição, poderia dar um jeito. Rebeldia por rebeldia, contudo, era muito mais difícil de contornar.

Enfim, só o fato de evitar que o pai o surrasse já era o bastante e isso o seu discernimento de espírita podia compreender à perfeição. Com a descoberta da inteligência do mais novo, então, seu contentamento redobrava.

Vamos ver agora o que será possível fazer junto à professora.

COMPLICA-SE O TRABALHO ASSISTENCIAL

Na segunda-feira, Gaspar não se apresentou à hora marcada. Antunes não se decepcionou. Na verdade, não punha muita fé na criança. Mediu a possibilidade de conversar com a professora mas desistiu. Somente falar a respeito não iria convencê-la. Era preciso saber o que acontecera. Mas não tinha tempo: o dever profissional o chamava.

Volto hoje à noite e esclareço o mistério.

Durante todo o dia, não pôde tirar da cabeça o descaso da família. E se perguntava por que a gente pobre tinha essa teimosia, tinha essa intuição de que as coisas boas não são para ela. Parecia que o progresso era coisa impossível. Conhecia muita gente que trabalhava muito mas não movia uma palha para entender as coisas. Pensava nas Igrejas Evangélicas, que se enchiam, porque era muito mais gostoso ficar cantando e ouvindo as belas palavras dos pastores. Até os padres católicos estavam perdendo a freguesia, porque exigiam que as pessoas fizessem isso ou aquilo e não, simplesmente, pagassem o dízimo. Era muito mais fácil respeitar os preceitos dos pastores. Em todo caso, a família de Cléber era pior ainda. Pelo que sabia, não frequentavam igreja nenhuma. Não tinham tempo. Nem roupa adequada. Como se Deus exigisse dos homens que estivessem apresentáveis socialmente. Lembrou-se de que, ao falar em Espiritismo, a mulher desconversara e o homem se fizera de desentendido. E não porque não soubessem os dias do Bazar da Pechincha, quando se aproveitavam dos preços ínfimos. Na hora de irem ouvir as palestras, nada.

À noite, tendo logrado a companhia do filho mais velho, Antunes foi em busca das explicações. Encontrou Gaspar acamado, ardendo em febre.

- Que aconteceu ao pequeno?
- Acho que é gripe — respondeu-lhe a mãe.
- Levaram ao posto de saúde?
- E com quem iria deixar as menores?

As desculpas eram simplesmente deslavadas. Antunes fervia por dentro, mas, no empenho do auxílio caritativo, sob as luzes evangélicas e sob o dossel da espiritualidade que fluía da Doutrina absorvida no Centro Espírita, punha de lado o palavrório ofensivo que

utilizava junto aos criminosos apanhados pela rede policial e se mantinha aparentemente cordato, compreensivo, racional.

— A senhora não tem nenhuma vizinha...

— Aqui ninguém quer saber de ajudar os outros.

— E os mutirões pra erguer as casas?

— Isso aí é conversa pra que o Governo dê o material. A minha casa foi meu marido quem fez, sozinho. Sozinho, não, que eu puxei muito reboco e fiz muita massa.

— Mas as pessoas se unem em associações de bairros...

— Só pra se candidatarem ou apresentarem candidatos, em que devemos votar. E vem gente de todos os partidos. *Uma vergonha*, como diz o homem da televisão.

— Bóris Casoy.

— Esse mesmo.

— Quer dizer que o menino não foi medicado? Não lhe deram nenhum remédio?

— Tomou uma aspirina. Mas a febre não deu sossego. Chegou até a delirar.

Antunes viu que estava perdendo tempo. Buscou um orelhão intato e fez duas ligações, uma para o hospital outra para a delegacia. Naquele, não encontrou ambulância disponível. Sendo assim, rogou a ajuda dos colegas para destacarem uma viatura o mais urgente possível. Tinha medo de que a infecção do garoto fosse perigosa.

Realmente, quando o plantonista sentiu a pulsação do infeliz e mediu-lhe a febre, percebeu de imediato que os socorros se faziam tardios. Em todo o caso, pôs as enfermeiras em polvorosa, dizendo que poderiam ser os sintomas de moléstia transmissível.

Dois dias depois, a diarreia havia cedido, restando uma fraqueza generalizada. Os testes indicavam para a dengue hemorrágica.

— Foi uma sorte ter ele sobrevivido. Os anjos deviam estar de plantão, porque os remédios não costumam fazer efeito em estado tão adiantado da doença.

Antunes ouvia com atenção para retransmitir as informações aos pais. De qualquer modo, o pequeno iria ficar internado por mais algum tempo, já que o policial havia insistido em que em casa não fariam outra coisa além de agravar o estado do menino.

No Centro Espírita, consultou o pessoal sobre a possibilidade de uma *corrente* a favor de Gaspar. Pediram para que deixasse o nome dele com o endereço do hospital, para que os amigos da espiritualidade pudessem providenciar a ajuda necessária. Como cada pessoa havia trazido vários nomes, cada qual se concentrou nos seus conhecidos. Assim, o plano espiritual iria ter de providenciar, sem muita ajuda das vibrações dos encarnados. Mas tais preocupações só passavam pela mente dos protetores do soldado e do guri, que lamentavam, em conversa franca, a predominância do egoísmo no coração dos seres humanos, que não conseguem vencer com galhardia as provas a que se submetem, muitas vezes por desejo próprio anterior à encarnação.

Todavia, Antunes dava o máximo de sua capacidade sentimental, naquelas circunstâncias adversas de tanto desregramento ao seu derredor, impelido, diuturnamente, a conviver com pessoas da mais vil catadura. E chegava a compreender que a pequenina luz que acendera, sob a tutela dos dirigentes da casa de assistência espiritual, era suficiente para fazê-lo meditar a respeito da miséria moral da humanidade.

Indagava, sem encontrar resposta:

Será que, nos tempos de Kardec, as pessoas pobres estavam sujeitas a tanta miséria e à ganância dos ricos e poderosos? A se acreditar nas obras do Codificador, as pessoas eram cultas o suficiente para compreenderem os temas difíceis e filosóficos, o que leva a crer em que tinham boa escolaridade e recursos para poderem usufruir de alguma paz para a aprendizagem da nova teoria. Porque eu não creio que o Espiritismo haja nascido só para os civilizados. Em comparação com Cléber e com Gaspar, aposto que os espíritos encarnados naquela época eram mais adiantados. Bem que ouvi dizer que os piores estavam recebendo agora a última oportunidade neste planeta. Se não se regenerarem, e eu acho que isso vai ser praticamente impossível, vão ser encaminhados para lugares mais tristes e penosos.

A partir dessas reflexões, perdia-se no envolvimento emocional das tenebrosas visões dos lugares perversos, não sabendo se iria também cair nesse bátrio infernal ou se iria merecer subir, ao menos, a um local umbrático assistido pelas falanges dos espíritos de luz. E buscava assegurar-se de que os seus pensamentos e seus atos iriam, fragilmente embora, corresponder aos anseios de Jesus, pela prática do bem, da caridade.

Que isso é complicado, é mesmo. E que dá um trabalho danado pensar e agir assim...

GASPAR APRENDE AS LIÇÕES

O curto período de permanência no hospital fez com que Gaspar sentisse o nível de cooperação que deve existir entre os homens, para que todos possam ter sucesso nos empreendimentos. Não colocava os pensamentos sob esta forma, mas ia compreendendo a fraternidade existente entre as pessoas, muitas interessadas em saber se ele se encontrava bem, se havia recebido os remédios, se estava agasalhado, se precisava de alguma coisa.

A contínua presença de Antunes lhe dava o apoio moral de que necessitava para manter-se em contato com os familiares, estes, sim, ausentes, não comparecendo sequer nos dias de visita.

Aceitava a rejeição como contingência do fato de ser lerdo, de não ter o mesmo vigor do irmão nem das irmãs, que eram capazes de entender e de praticar o que os pais lhes pediam. Contudo, lembrou-se diversas vezes do fato de estar reconhecendo as letras, sabendo compor as palavras e as frases. Isso tudo muito intuitivamente, que a cabecinha estava pesada e aturdida pela fraqueza e pelo efeito sedativo dos medicamentos.

Devo abrir importante parêntese, para responder a prováveis leitores curiosos pelo fato de estar o narrador tão ao corrente da vida intelectual e sentimental do petiz. Bastar-lhes-á que diga que este narrador, simplesmente, tem acesso aos mecanismos psíquicos de alguns seres encarnados, por força de vibrar no mesmo diapasão, ainda mais por se encontrar investido das funções de *protetor*? Para que não se equivoquem a respeito do sentido dessa palavra, esclareço, desde logo, que não sou o que vulgarmente se denomina de anjo de guarda. Exerço papel de orientador espiritual, muito mais interessado em discutir, durante as horas de sono do meu amigo, o que vai sofrendo durante a vigília. Ao mesmo tempo, cumpro as tarefas escolares que são determinadas por meu orientador *didático*, na ***Escolinha de Evangelização***. Como são várias as personagens deste enredo, somos em igual número no serviço de assistência, de sorte que temos a possibilidade de trocar ideias e oferecer os conhecimentos próprios, para elucidação de fatos que ocorrem por força de progressos acontecimentos. Não fosse por essa colaboração *evangélica*, por assim dizer, não teríamos a oportunidade de bem orientar as pessoas no campo dos relacionamentos.

Hão de perguntar se este autor é único ou se cede a pena aos demais componentes do grupo. Até aqui tenho trazido ao público encarnado todas as notícias do drama. Sempre,

no entanto, após terem sido apreciadas pela equipe. Futuramente, se for do interesse do narrado, à vista de contingências imprevisíveis nesta altura dos ditados, não me aborrecerei de passar a tarefa a outras mãos, para que se configure a real solidariedade que tanto nos prega o Mestre Miguel, à luz dos ensinamentos cristãos.

Posto a par das expectativas missionárias de seu encarne, sugeridas em capítulo anterior, Gaspar, no etéreo, ia concatenando os fatos, à medida que valorizava as dificuldades psicomotoras ou motrizes de seu organismo corpóreo. Sabia que ofendera aqueles mesmos seres em outras vidas, utilizando mal as habilidades, com que desenvolvera especiais recursos na aplicação às artes pictóricas.

Mas não alcançava compreender exatamente o que ocorrera no passado, esquecido das respostas dos seres a quem deveria destinar suas atenções sentimentais, para o enleio de amor a que a convivência obriga, quando existe interdependência. Supunha, porque sentia a forte rejeição dos familiares, que houvera entre eles algo muito grave, a ponto de oferecer resistência intuitiva. Teria sido um erro a deformação motora? Não estaria aí, justamente, o foco irradiador das vibrações negativas?

Volto a interromper o fio da narração, para afirmar que o escrito almeja ser muito simples e informativo, nada trazendo de diferente do que se encontra nas obras basilares do Espiritismo. Contudo, a simplicidade não é preceito universal, dado que a própria existência é complexa, a ponto de oferecer mistérios para os seres mais inteligentes encarnados na Terra. Sou obrigado a levar os leitores a *O Livro dos Espíritos*, onde se registrou essa dificuldade e a necessidade de os amigos do plano espiritual só fornecerem dados de acordo com o grau evolutivo dos terrestres. Aqui acentuo a obrigatoriedade do desenvolvimento moral, como fundamento imprescindível para o progresso dos espíritos. E isso não se irá alcançar se o indivíduo dedicar-se inteiramente aos estudos filosóficos, esquecido de que tem ou teve pais, irmãos, filhos e demais parentela. Em outros termos, o homem se reúne em grupos, por força da própria natureza e por necessidades cármicas.

Penso que pus os pensamentos de maneira absolutamente clara, óbvia até para as pessoas menos *civilizadas*, como suspeitava Antunes, no capítulo precedente.

Gaspar, pois, aprendia as lições, pelo exemplo vivo dos médicos e demais funcionários do hospital. E pela influência negativa dos familiares.

Um dia em que Antunes se mostrara particularmente afetivo, dando-lhe bombons e outras guloseimas, inclusive levando-lhe dois ou três livrinhos de evangelização infantil, os quais se recomendavam no Centro Espírita, Gaspar o abraçou, chorando, incapaz de traduzir em palavras os sentimentos que o possuíam.

— Que é isso, querido?! Você não vai morrer. Os médicos estão fazendo de tudo pra mandarem Você de volta bem melhor que antes. Você vai ver que até a subnutrição crônica...

Antunes suspendeu a linha de pensamento.

Subnutrição crônica seria conceito assimilável pela cabecinha oca do menino quase analfabeto? Acho que as pessoas tendem a falar difícil quando não têm total domínio dos assuntos. Se o médico estivesse aqui, talvez dissesse fraqueza, dor nas pernas, falta de

vontade de fazer as coisas... E dizer que eu estava censurando Kardec e os Espíritos de Luz que o instruíram. Imbecil!...

— Tio Antunes, eu não quero ir na escola.

— Depois a gente conversa. Enquanto isso, vá lendo os livrinhos que estou trazendo. Você vai ver que as historinhas são sobre crianças iguaizinhas a Você, isto é, cheias de problemas, incompreendidas pelos pais e pelos professores. Aí Você vai encontrar as soluções...

*Negativo! Converso com o menino como se ele fosse gente adulta. No entanto, as lições do **Evangelho** ele consegue aprender. Bem que o pessoal no Centro fala que dentro das crianças está o mesmo espírito que habita os mais velhos. É só uma questão de desenvolvimento físico e mental.*

Gaspar gostava de ouvir o *tio*, porque sentia em suas palavras o respeito a sua integridade espiritual. Ele o considerava uma verdadeira pessoa. Gente como qualquer outra. Não vinha com aquela conversa miúda das professoras, cheia de *-inhos* e *-inhas*:

— Filhinho, seja bonzinho!... Fez a liçãozinha?...

CRESCEM OS MALES

Antunes pertencia a grupo de soldados encarregados da segurança ostensiva das vias públicas, caminhando a pé, sempre de dois em dois, observando os desocupados e os suspeitos. Atendiam a ocorrências de furtos praticados em meio às grandes aglomerações, onde as corta-bolsas e os mãos-leves agiam descaradamente, sob rigoroso esquema de campana.

Ao topar com grupo de ladrõezinhos pés-de-chinelo, desses que roubam carteiras, para cheirarem o pó maldito ou absorverem a fumaça do *crack*, foi atingido por dois disparos. O companheiro tombou sem vida, em poça de sangue. Ele nem tempo teve de disparar. Os meliantes, possivelmente menores de idade em estado de alucinação, desapareceram pelas ruas próximas, porque haviam provocado exatamente os que lhes davam cobertura, mantendo a população tranquila, pela aparência de poder que a instituição militar passava,

As pesquisas das implicações policiais chegariam bem perto de alguns soldados mancomunados com os infratores, mas este aspecto não nos move o interesse narrativo. O fato é que Antunes, antes de Gaspar receber alta, estava impedido de se locomover, tendo os projéteis atingido o fêmur da perna direita e o tórax, sem gravidade.

Não tendo como visitar Gaspar no hospital, solicitou a um dos companheiros de farda que empregasse um pouco de tempo para deixar o pequeno sossegado e a família prevenida quanto ao fato de estarem os irmãos sem o seu amparo.

— Deixa comigo. Vou acertar as coisas da melhor maneira.

Dizer, disse, sim, com ênfase, para garantia da confiança do amigo. Fazer foi história que não se contou. Assim, Gaspar ficou entregue aos cuidados profissionais dos enfermeiros e médicos e sua família se manteve na crença de que o soldado estava velando por ele; Cléber foi largado à própria sorte.

Após uma semana de abandono, vamos dizer assim, Gaspar foi devolvido ao lar, inesperadamente, necessitado ainda de cuidados médicos. A ambulância levou uma enfermeira dedicada, cuja tarefa principal era alertar a família para os riscos pendentes, uma vez que, se falhassem as doses exatas dos remédios, poderia a moléstia recrudescer.

A mãe pôs as mãos na cabeça e a boca no mundo:

— Agora são dois pra serem tratados! Eu não vou dar conta de tudo!

Fez questão de levar a moça até o local em que jazia o outro, para mostrar o seu estado de inanição. O ambiente tresandava acre odor de podridão.

A enfermeira sentiu que as coisas não estavam corretas. Perguntou pela receita, verificou quais os medicamentos em falta e se assegurou de que os antibióticos estavam suspensos. Cléber ardia em febre.

Não encontrando recursos familiares para a assistência ao infeliz, deixou o mais novo e carregou o mais velho, obrigando a mãe a acompanhá-lo, providenciando para que as meninas fossem abrigadas pela vizinha.

— A que horas chega o seu marido?

— Só à noite, lá pelas oito ou nove.

— Então, a senhora vai escrever um bilhete, dizendo pra ele ministrar os remédios.

Para ter a certeza de que o recado chegaria ao destino, recomendou muito à vizinha que vigiasse a casa:

— A senhora vai dar os remédios de acordo com a receita. Ele acaba de tomar todos eles. Daqui a quatro horas, tem de tomar de novo.

— Mas vai demorar tanto...

— Não estou dizendo que a mãe não estará aqui. Se ela não tiver voltado, a senhora cuida do garoto. Está certo?

— Vou fazer o possível.

— Muito obrigada.

Um bom entendedor teria observado que a promessa era tão só formal. Mas Gaspar prestara muita atenção em tudo e, na hora certa, tomou os remédios sozinho. E o fez de novo, quatro horas depois.

Enquanto isso, Cléber era internado com infecções generalizadas nas duas pernas. Foi necessário remover o gesso, observando-se que degeneravam os tecidos. Gangrena úmida, sem tirar nem pôr. Recomendava-se a amputação de ambas as pernas, logo abaixo dos joelhos.

A mãe não quis autorizar a operação. Queria que avisassem o pai. Hora e meia mais tarde, chegava o funcionário público, trazido em viatura policial. Vinha assustado, porque os *pê-emes* não souberam dizer o que se passava. Ao tomar conhecimento do estado lamentável da criança, voltou-se contra a mulher e contra o policial ausente, acusando os dois de desleixo, com palavras de baixo calão. Contido pelos policiais, foi encaminhado ao consultório do ortopedista, para os esclarecimentos legais. Contudo, recusou-se terminantemente a assinar a autorização.

Foi acionado o promotor público, para a petição à vara competente, a fim de que um juiz togado assumisse a responsabilidade do ato cirúrgico.

Entrementes, os médicos desafiavam a sorte e preparavam o menino, encaminhando-o para a sala de cirurgias. Como, porém, sempre existe quem não queira correr riscos, chegou ao conhecimento da administração do hospital que estava em vias de realizar-se operação não autorizada.

Às oito horas da noite, o pai foi convencido, pela evidência das radiografias e pelo aspecto repugnante das pernas, a deixar que as cortassem fora. Era mais um motivo para beber.

ANTUNES TOMA TENTO DA REALIDADE

Ninguém informou ao soldado a desgraça que se abateu sobre Cléber. O amigo de corporação limitou-se a referir-se ao bom estado da criança, mentindo, ingenuamente.

Também não quis o bondoso miliciano enviar algum dos filhos, porque temia pela segurança dos rapazes, andando pelos bairros menos civilizados da cidade. Grassava o crime, onde a lei não conseguia instalar postos de segurança, como delegacias ou quartéis. De resto, sabia ele muito bem que tais casernas muitas vezes eram assaltadas por quadrilhas para resgate de facínoras, para execução de inimigos ou, simplesmente, para intimidação das autoridades policiais, ocasião em que roubavam as armas e destruíam os móveis e apetrechos eletrônicos.

A família de Cléber não moveu palha no sentido de descobrir o que tinha ocorrido ao protetor do garoto. Não se acreditava na legitimidade dos sentimentos de fraternidade e de solidariedade. Não se admitia que alguém pudesse interessar-se pelo semelhante desvalido, até mais, inclusive, do que os próprios pais. O que era levado pelo policial era recebido como se cumprisse obrigação, mesmo que somente desse ouvidos à consciência. Se perguntassem à mãe ou ao pai, diriam: *“Deve ter um peso qualquer na consciência e quer se aliviar. Quem sabe matou alguns pivetes e agora quer se livrar das acusações da consciência.”* Falariam da consciência do outro, sem consultar a própria.

Três semanas ficou Antunes preso ao leito hospitalar. Quando pôde voltar para casa, quis passar para ver como ia o amiguinho Gaspar. Encontrou a casa vazia. Ninguém atendeu aos chamados. Buscou na vizinhança quem pudesse dar-lhe informações. A vizinha do lado se prontificou:

- O senhor é a pessoa que vinha trazer os remédios?
- Eu mesmo.
- Por que só agora é que voltou?
- Como assim? Que foi que aconteceu?
- A família está desfeita.
- Desfeita?
- O marido bateu tanto na mulher que ela não quis mais ficar com ele. Deu as crianças menores para a vizinhança e se mandou. O menino menor desapareceu. Dizem

que está abobalhado, vivendo de esmolas. O mais velho, desde que cortaram as pernas dele, está no hospital.

— Santo Deus! Cortaram as pernas dele?

— É. Apodreceram por falta de cuidados.

— Em qual hospital está o pobrezinho?

— No mesmo do Gaspar. Foi a enfermeira...

— Deixa pra lá. E o pai?

— Sai pra trabalhar de manhã. Mas não deve chegar lá, porque sempre está saindo depois das nove. Volta (quando volta), às dez da noite. Capengando de bêbado. Está a toda a hora causando problemas com os homens, nos bares. Já andou apanhando e já foi preso, porque tentou esfaquear o dono do boteco.

A mulher falava rápido. Não queria perder nenhuma informação. Mas não via no soldado a mesma figura alegre das outras vezes.

— O senhor está doente?

— Levei dois tiros de um marginalzinho. Mas agora estou quase bom. A senhora não ficou com nenhuma das meninas?

— Eu não, que já me bastam os três que eu tenho. Depois, elas devem estar servindo pra mendicância.

Antunes fez sinal com o dedo de positivo e voltou para a viatura.

— Vamos ter de fazer uma visita antes de irmos pra casa.

— Que visita?

— Ao que Você me disse que estava bem e de quem cortaram as pernas.

Não adiantava responsabilizar o amigo. Que poderia ter feito ele para evitar a desgraça? Se fosse simples determinar um destino melhor para as pessoas, havia tanta gente nos centros espíritas...

Antunes se perdia nesses pensamentos, quando chegaram ao hospital.

— Cléber, meu filho, como foi isso?

O rapazinho não quis responder. O médico avisara o visitante de que o traumatismo moral estava impedindo o jovem de aceitar a cirurgia. A mãe viera nos primeiros dias e depois, inexplicavelmente, não apareceu mais. O pai também não se apresentava para dar conforto ao filho. As enfermeiras eram rejeitadas, quando manifestavam interesse em ajudá-lo. Os médicos recebiam na cara palavras de baixo calão, havendo necessidade, muitas vezes, de dopá-lo, tanta era a agitação no leito. Por duas vezes, encontraram os tocos das pernas abertos, com os pontos desfeitos, precisando levá-lo de novo para a cirurgia. O padre desistiu dele, porque xingava Deus e os santos. A única pessoa que chegou a aceitar foi o médico encarregado das próteses. Mesmo assim, ao saber que deveria demorar para que as pernas mecânicas fossem providenciadas, precisando de muletas, teve tremenda crise, pondo em risco todo o tratamento.

Antunes insistiu em conversar, mas não obteve sucesso. Lágrimas abundantes escorriam pelo seu rosto, a ponto de impedi-lo de continuar ali. Não estava preparado para enfrentar tão triste condição. Pediu ao amigo que o levasse embora. Iria para casa. Reconhecia a falência da intercessão que pretendia levar a efeito naquele lar. Não compreendia como é que os protetores da família, nem mesmo o seu, não puderam impedir a tragédia.

Naquela mesma noite, compareceu à sessão no Centro Espírita. Precisava, urgentemente, de esclarecimentos dos orientadores espirituais da casa.

A PALAVRA DO ORIENTADOR

— O bom amigo Antunes, que nos auxilia tanto nestas reuniões de desobsessão, oferecendo substratos fluídicos para podermos trabalhar magnetizando os médiuns e sedando os pacientes indóceis, que são os infelizes irmãos que veem buscar lenitivos para as dores, em nome do Cristo, nosso Pai e Senhor, filho diletíssimo de Deus, o nosso bom amigo está solicitando esclarecimentos relativos à situação de família de assistidos seus, notadamente quanto ao jovem que acaba de ter as pernas amputadas. Com justa razão, muitos encarnados nos censuram pela rude pregação que fazemos, desde que tenhamos conhecimento dos elementos de estudo ao alcance de suas mentes, pois não perdoamos a falência intelectual, quando perturbada pelos sentimentos pueris de quem se deixa iludir pela aparência material da dor. Mas também é justo que reconheçamos que as pessoas criam laços de amizade, de fraternidade, de amor, apertados, muitas vezes, pela comiseração que lhes causam os sofrimentos alheios, especialmente quando evitáveis, se outras tivessem sido as atitudes dos seres que se postaram na qualidade de responsáveis pela preservação física e moral dos companheiros e dos consanguíneos. É bem o caso do pequeno Cléber e irmãos. Por total displicência dos pais, estão essas criaturas passando por situações penosíssimas. Contudo, o bom espírita, instruído pelo estudo das obras da Codificação, deve ter noção exata do que podem os encarnados passar, uma vez que adquiriram corpo sobremodo frágil, na transitoriedade da carne e na efemeridade da vida. Não podemos, no caso em tela, elucidar o que devem esses irmãozinhos passar para purgarem antigos despautérios existenciais, não só porque não temos conhecimento específico de seus destinos cármicos, como também por não nos ser permitido comentar a respeito dos desafios que lhes estão sendo impostos, por força de que não se pode estabelecer, aprioristicamente, quais ou tais conjunturas irão constituir-se nos percalços físicos a serem vencidos pelo discernimento doutrinal, após a submissão que se deve obter desses indivíduos, cujo principal desvio de conduta se condensa no egoísmo, palavra de acepção muito geral, mas que deve ser entendida, neste discurso, como o desejo incontido de ver tudo e todos sob o tacho de suas vontades. Peço, em nome da equipe que comigo comunga dos ideais socorristas, que aqui trabalha para benefício do seu próprio progresso, dando aos amigos encarnados a oportunidade de reflexão a respeito dos conceitos mais

importantes da pregação cristã que se contêm no ideário espírita, que ouçam várias vezes a gravação desta palestra, que a transcrevam, se possível, para distribuição entre os associados que não compareceram nesta data, com a finalidade precípua de absorverem os dizeres, para o indefectível cotejo que devem estabelecer com os textos sagrados das obras básicas. E para, com a devida vênia, criticarem a complexidade do tema à vista da enunciação mais ou menos literária que imprimimos a esta peça oratória. A finalidade desse trabalho? Estabelecer o critério de adiantamento espiritual dos mensageiros, tendo como premissa o grau de elevação da linguagem que empregamos. Pode parecer ao companheiro Antunes que estejamos fugindo de lhe fornecer os esclarecimentos solicitados e isso, até certo ponto, é verdadeiro. No entanto, analisada a forma da estrutura frásica, tem-se a necessidade de se imprimir aos pensamentos a diretriz moral, filosófica e sentimental que está gerando a manifestação, uma vez que não nos furtamos a atender a quem, de maneira tão aflita e pungente, se dirige ao plano da espiritualidade. A pergunta que se impõe é relativa à frieza com que nos expressamos, diante de tema de tanta amargura, de tanta dor. Mais ainda, para perturbar os raciocínios dos que nos imaginam impermeáveis às crises materiais manifestadas nos elementos corpóreos, vamos simplesmente perguntar o que acham os presentes e os leitores de como deve ser encarado este orbe terráqueo, se de natureza benigna e acolhedora ou maléfica e repugnante. Em suma, quem para cá vem por vontade própria ou por contingência da misericórdia divina, cuja justiça absoluta não temos condições de aquilatar, vem para piorar ou para melhorar-se? Eis que passamos, finalmente, ao plano das perguntas, embora tendenciosas ou capciosas, pois as respostas não podem ser divergentes entre si, se fundamentadas nos ensinamentos de Jesus ou dos Espíritos que deram embasamento à obra kardequiana. Aliás, faz-se necessário que reconheçamos que os irmãos maiores foram por demais pacientes, dando respostas completas e diretas a todas as indagações que aquele ser de escol julgou úteis para a formulação do sistema doutrinário a que chamou de Espiritismo. “*Há lágrimas que correm pela face e outras (insuspeitadas) que rolam pelo coração.*” O dizer do poeta responderá proficientemente à questão proposta quanto à frieza das expressões? Terão os espíritos que oferecem estas diretrizes e que se denominam *protetores* ou *beneméritos* dos frequentadores do Centro Espírita *Caminho e Vida* tanto desenvolvimento que não sabem mais avaliar o sofrimento humano? Será possível que nenhum de nós tenha passado por semelhantes condições de inferioridade física? Melhor ainda, tendo a turma estado em situações até mais desesperadoras, foi abonada pelo esquecimento, como obra misericordiosa do Senhor? Generalizem, confrades, os conceitos e façam a transferência deles para os irmãozinhos atualmente em

¹ Guilherme de Almeida. O soneto é *Dor Oculta*. Eis os tercetos:

Quanta gente, que zomba do desgosto
mudo, da angústia que não molha o rosto
e que não tomba, em gotas pelo chão,

havia de chorar, se adivinhasse
que há lágrimas que correm pela face
e outras que rolam pelo coração!

(ALMEIDA, Guilherme de — **Os Sonetos de Guilherme de Almeida**. [São Paulo] Martins [1968] p. 142-143.)

grave crise. Examinem o auxílio que estamos proporcionando e saibam auferir a melhor lição, para aplicar em suas ações meritórias de assistência social e espiritual. Vejam o quanto de dedicação depositamos nestes dizeres, norteando-se pela facilidade ou dificuldade que estamos encontrando, segundo seu ponto de vista, e façam o mesmo relativamente aos que buscam (ou rejeitam) a sua oferta de carinho, de amor, de conhecimento, de recursos materiais, de tudo, enfim, porque a vida é de Vocês e Vocês a estão pondo à disposição de outras criaturas, na ânsia, evidentemente, tal como nós, de aproveitar ao máximo a oportunidade de assimilar e de demonstrar os ensinamentos absorvidos neste ambiente de muita paz. Para encerrar, devemos enaltecer que o momento é agora para realizar tudo de melhor, com o fito de levar avante os projetos encarnantes. Prosaicamente, vou finalizar este longo parecer metodológico a respeito das atividades socorristas no plano dos encarnados, repetindo anexim de grande verdade: *Jamais deixem para amanhã o que podem fazer hoje!* Muito obrigado pelo interesse e desculpem o modesto conferencista por não ter tido a clareza e a elegância que precisaria para corresponder aos anseios dos amigos da Casa. Que Jesus nos proteja a todos e nos dê luz para bem compreendermos o que se espera de nós a cada momento da existência, perante as intrincadas situações em que nos metemos! E, para lembrar Kardec, iluminado benfeitor do Movimento Espírita em todo o Mundo, avisamos: ***Fora da caridade não existe salvação.*** Fiquem com Deus!

A FALA REPERCUTE

Antunes ficou muitíssimo impressionado com a manifestação do douto orientador. Mas achou que poderia ter sido mais claro, falando em termos mais compreensíveis. Do jeito que fez, obrigava o grupo a executar a sua sugestão de reproduzir a gravação por escrito, já que se afigurava de muita substância doutrinária.

Em suma, entendeu que deveria continuar prestando assistência aos petizes, no interesse deles e seu. O mais deveria discutir com os companheiros de mesa evangélica.

Ao término da reunião, os comentários foram gerais:

— O amigo João hoje esteve demais. Mandou bala na Doutrina e rasgou o verbo.

— Se Antunes não ficou satisfeito é porque é muito caturra.

Precisava expressar seus sentimentos:

— Olha, gente, achei tudo ótimo e reconheço que me deram muito mais atenção do que podia imaginar. Mas estou achando que sou muito pequenino pra me envolver com tanta sabedoria. Vocês já pensaram se aquelas balas me tivessem mandado pro lado de lá? Vocês iam querer me ouvir e eu não teria nada pra dizer.

— Isso é interessante. Faça de conta que Você tivesse sido invocado. O que diria aos teus amigos?

O soldado entrou na deles:

— Meus irmãos, graças a Deus! Vocês devem estar interessados em saber por que não fui arremessado diretamente nas trevas. É porque pratiquei o bem, escutando os que me ensinaram, acatando as razões dos mais experientes, trabalhando na farmácia e na distribuição da sopa...

Os demais riam a bom rir.

— ... principalmente, aturando toda essa gente que só pensa em si mesma e pra onde será encaminhada depois da morte.

— Nem morreu ainda e já pensa em nos repreender.

— Contanto que não nos queira *prender*...

— Conte como foi que se *desprende*u do corpo, já que foi enviado pro outro lado de repente.

— Fiquei dois meses tentando desenlear-me do cordão luminoso que me prendia o perispírito à matéria. Mas o meu amigo e protetor do Centro, o João, veio com uma tesoura bem afiada e cortou o fio bem rente ao umbigo...

A turma estava realmente se divertindo, pois via o esforço do policial para refletir o que aprendera da teoria espírita. Contudo, a *tesoura* provocou os pruridos científicos de um dos estudiosos:

— Nunca ouvi falar nesse instrumento cirúrgico da espiritualidade.

Antunes não se perdeu:

— O nome da *tesoura*, segundo o que me disseram na hora, era comiseração, solidariedade, fraternidade, amor humanitário e universal, e fazia parte do instrumental cirúrgico dos socorristas.

A diversão ia passando dos limites da contenção que o ambiente sagrado exigia, na sensação, principalmente, da presença dos mentores espirituais que os assistiam. A seriedade da resposta de Antunes, refez os ânimos excitados, aproveitando-se ele para cobrar dos responsáveis a transcrição da fala do benfeitor.

— Deixa comigo. Eu também estou interessado em compreender todos os termos. Na próxima semana, trago algumas cópias, se Vocês não se incomodarem de receber em xerox de manuscrito. Posso garantir que vou caprichar na letra.

Antunes gostava muito daqueles amigos. Achava-os trabalhadores leais da seara espírita, onde semeavam muito amor e respeito pela obra do Criador, tudo fazendo para construir um lar cristão de atendimento aos necessitados, não só no campo da espiritualidade como da matéria.

Comentou com a esposa, católica fervorosa, o que se passara na sessão, prometendo-lhe levar a transcrição da palestra.

— Você sabe que não acredito nessas coisas.

— Não precisa acreditar. Você vai ler e avaliar se existe alguma coisa ruim. Desse modo poderá me orientar, segundo o teu ponto de vista.

— Desde que não estejam falando mal da Igreja nem dos Sacerdotes.

— Pelo que entendi, não se falou mal de ninguém... Ou melhor, o Irmão João disse qualquer coisa a respeito dos espíritas que não prestam atenção no que leem, precisando ser alertados pra todos os pontos da Doutrina a toda a hora.

— Bem feito. Aposto que estava se dirigindo a Você.

Antunes gostava dessas tiradas da mulher, quando observava que, na verdade, ela estava com a tendência a acreditar no fato mediúnico. Não ia com ele, com certeza, por estar com medo, porque o confessor devia ter advertido para a presença dos demônios durante as sessões.

— Vou aproveitar este mês que falta de licença médica pra investigar onde se encontram os irmãos do pobrezinho do hospital. Amanhã mesmo vou falar com o pai deles. Movimento os colegas e ponho uma das viaturas à minha disposição.

No dia seguinte, Antunes não conseguiu dissuadir nenhum dos companheiros a lhe servir de motorista. O pessoal estava muito atarefado e os carros estavam escasseando, já que a manutenção não se fazia e também não se repunham os veículos. Desde que se internara, o quartel perdera quinze viaturas avariadas em acidentes durante as perseguições aos bandidos. Nesse mesmo tempo, mais três colegas foram baleados e dois

morreram. Nem o argumento de que precisava levar conforto às famílias deles convenceu os demais a conduzi-lo.

Havia um recurso: convidar algum dos amigos do *Caminho e Vida* para ir com ele nesse trabalho caritativo. Entretanto, todos estavam muito ocupados em seus empregos e serviços durante o dia. Só poderiam à noite e ele estava precisando ir de manhã atrás do pai das crianças. Não queria encontrá-lo bêbado. A pé, iria ser muito penoso, porque não se recuperara totalmente do tiro na coxa. Até para respirar tinha dificuldade. Ainda bem que o Centro distava um quarteirão de casa e ali poderia ir sem receio de sofrer muito.

Lembrou-se de que já tivera um fusquinha velho, que precisou vender para comprar a casa, juntando a todas as economias, inclusive ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço da época em que era funcionário de casa de comércio. Restava uma dívida que levava cerca de vinte por cento do salário. O que vinha ajudando era o trabalho que o filho mais velho arranjara. Ganhava pouco, mas, aos dezesseis anos, ia obtendo independência financeira, aliviando em muito as despesas da casa. Com isso, na Caderneta de Poupança, avultava certa quantia, tentação crescente para dar de entrada noutro carro velho. A mulher, contudo, foi taxativa:

— Não estamos precisando de carro. Usa o da ronda, como todos fazem. Se for pra ir atrás daquela família de mal-agraçados, ainda menos que Você vai conseguir me convencer a comprar. Já pensou no gasto com a gasolina, além das prestações mensais?

Falaria ainda por mais quinze minutos, mas o policial desligou-se da frequência em que a esposa emitia as razões que evidenciavam que deveria estar fazendo outros planos para o dinheiro.

Naquele dia, Antunes teve de se resignar a ficar em casa. À noite, voltou ao Centro Espírita. Livrava-se das novelas da televisão. Caminhava devagar e meditava a respeito das transmissões eletrônicas:

Essas novelas o mais que fazem é prender em casa pessoas que poderiam estar progredindo muito mais, se fossem ajudar em alguma causa nobilitante. Será que muitas mulheres se conservam católicas pra ficarem com o tempo livre pra televisão?...

Recordou-se de ter ouvido uma companheira de tarefas socorristas comentando capítulos de certa novela. Aguçara o ouvido e ficou sabendo que deixava o vídeo ligado, gravando a programação. Era um recurso válido, que ele, coitado, não podia oferecer à mulher. E se destinasse o dinheiro para a compra desse aparelho?

Antes de chegar junto à porta do velho prédio, havia percebido que estava bolando saídas para atender às solicitações do mentor espiritual. Não decifrara o discurso em todos os termos, mas o sentido geral se lhe havia impregnado na mente. Era preciso ajudar as pessoas e a sua inoperância estava incomodando sobremaneira.

As primeiras frases que ouviu o médium reproduzir foram:

— O mundo não foi feito às pressas. Há milhões de anos que tudo evolui. Quem estabelecer a paciência como a primeira das virtudes, haverá de conquistar todas as outras.

Será que esse espírito está se dirigindo indiretamente a mim?

ENCONTROS IMPORTANTES

Ao sair da reunião, estavam à espera de Antunes. Eram companheiros que desejavam avisá-lo sobre a prisão de um pivete, que, tudo indicava, era o que havia atirado contra ele.

— Vamos à delegacia, pra reconhecimento.

O bom espírita estava saindo de profícua reunião doutrinária, na qual os benfeitores haviam insistido muito na tese do perdão, inclusive citando Jesus no Gólgota, evidenciando que o crime se acentuaria se houvesse perseguições, que poderiam estender-se até o etéreo.

A bem da verdade, Antunes só raramente se lembrava de que quase havia sido despachado para o outro plano. Sentia estremecimentos emotivos quando punha na cabeça as imagens do amigo esvaindo-se em sangue até a morte. Aí se delineava nítida a figura do jovem assassino. Mas não queria mal a ele. Julgava que não fora educado, que a sociedade não lhe dera as oportunidades de um lar bem constituído, que a provaçãõ daquela alma, em virtude da juventude, estava sendo muitíssimo pesada, mesmo que tal espírito tivesse vindo diretamente das Trevas para doloroso encarne.

Ao adentrar o ambiente vibratoriamente sujo, experimentou o soldado a sensação desagradável da presença de seres muito infelizes. Evitava pensar em maldade, em inferioridade. Queria acreditar que aqueles eflúvios demonstravam tão só o desprazer das consciências culpadas. Sabia que, se titubeasse, seria assediado até à obsessão, embora houvesse outras criaturas encarnadas menos afeitas ao recolhimento espiritual e à oração em favor dos sofredores.

Ao ser levado à cela em que estavam separados os menores, teve forte estremeção moral. Lá estava Gaspar, sujo, cheio de feridas, abobalhado, encolhido num canto.

— Que faz essa criança em meio aos delinquentes?

— Esse aí não diz coisa com coisa. Acho que nem falar sabe. É um pobre retardado...

— Retardado coisa nenhuma. Esse é o irmão do que perdeu as pernas. Era ele que eu queria encontrar.

— Pois achou. Pode levar.

— Mas, assim?...

— Se ficar aqui, vai morrer, porque os outros estão sendo impiedosos com os que não correspondem aos comandos.

Somente quando foi trazido para a luz do corredor é que o menino entendeu que estava diante do amigo. Entretanto, não o abraçou. Limitou-se a chorar em silêncio, apavorado com o que sofrera naqueles últimos tempos.

Antunes esqueceu-se do que viera fazer ali. Queria levar embora o pequeno, imediatamente. O companheiro verificou o açodamento e a perturbação mas não fez nada para impedir que levasse o garotinho para fora.

Gaspar estava completamente alienado da realidade. Agarrou-se às pernas do amigo e se deixou arrastar. O mau cheiro que espalhava punha horror em todos os olfatos.

— Vamos dar um banho nele. Depois arrumamos roupa limpa.

Quando foi despido, viu-se que era só pele e ossos; de dar pena. Nem esfregar muito não se podia, tantas eram as feridas pelo corpo todo. Na hora de vesti-lo, a surpresa. O menino apontava para as roupas e demonstrava que queria falar algo muito importante.

Antunes pensou que não queria vestir a camisa e a calça por serem muito grandes. Gaspar, porém, num supremo esforço, disse o nome do irmão:

— Cléber.

— Como?

— Cléber.

— Que quer dizer?

— Cléber.

E apontava para a vestimenta.

— Quer dizer que essa roupa é do teu irmão?

Gaspar fez que sim com a cabeça.

Antunes vestiu o menino e foi conversar com os soldados:

— Quem apreendeu esta roupa? Com quem estava?

— Com o que deu os tiros em Você.

— Gaspar, Você fica sentado aqui, comendo o sanduíche e tomando o leite. Daqui a pouco eu volto. Não tenha medo. Vamos lá!

No antro escuro da prisão, disfarçado atrás dos demais, estava esquivando-se o suspeito. Temia ser reconhecido e executado ali mesmo, conforme as histórias que corriam a respeito dos que matavam gente fardada. Mas não houve jeito, foi agarrado pelo cangote e arrastado para fora.

— Foi esse aí, Soldado Antunes, quem atirou em Você?

A contragosto, teve o nosso amigo de apontar o infeliz como aquele que o alvejara.

— Quantos anos ele tem?

— É menor. Está com dezessete. Mas a identificação precisa ser confirmada. Talvez a carteira seja falsa.

— Eu quero uma foto dele.

— É pra já.

Enquanto o rapaz era levado para uma sala iluminada, era providenciada uma máquina *polaroid*. Quis reagir:

— Vocês não podem tirar nenhuma foto minha. A lei está do meu lado. Eu sou de menor e tenho os meus direitos.

— Quem lhe deu o direito de matar?

Antunes sabia que o desenvolvimento do diálogo terminaria em agressão contra o assassino. Apressou-se a perguntar:

— Já esteve alguém dos Direitos Humanos dando cobertura ao carinha?

— Já. Por incrível que pareça. A gangue avisou, porque esse deve ser o líder. E já vieram uns advogados dizendo pra levar os pivetes para a guarda da Casa do Menor e do Adolescente. Só estão aqui ainda, porque não deu tempo pros juízes se manifestarem. Hoje mesmo nós vamos levá-lo pra Casa de Detenção.

A foto não ficou muito boa, mas, para a finalidade a que destinava, servia. Antunes esclareceu:

— Vou mostrar a foto pro irmão do pequeno. Se ele reconhecer o bandido, vamos saber quem foi que fez mais esse serviço.

Ao adentrar em casa levando o molambento, a mulher refugou:

— Quem é esse aí? Não me diga que vai passar a noite aqui?!

O militar conhecia essa reação. Sabia que a negativa estava bem expressa e que precisava, urgente, arrumar uma boa desculpa, ou teria de levar o pequeno a agasalhar-se em albergue oficial.

— É o irmão do que perdeu as pernas. Amanhã eu o levo pro pai. Hoje ele fica aqui em casa. Não sei, não, se não vai precisar baixar hospital. Veja o estado dessas feridas.

Pretendia comover a mulher. Esta, porém, foi inflexível:

— Vai levá-lo agora mesmo, que a viatura está aí fora. Amanhã não haverá ninguém pra transportar Vocês dois e não há dinheiro pra táxi. Ele está alimentado. Está bem vestido. O tempo está bom. O pai que o receba com todo o amor e carinho. E, se estiver bêbado, que vá preso, por não cuidar da própria família.

Antunes envergonhava-se por causa da presença do parceiro, mas não quis levar avante a intenção de manter o garoto junto de si. Gaspar, no entanto, compreendeu a situação e se agarrou ao protetor, demonstrando que preferia ficar com ele.

Condoeu-se a mulher:

— Esse menino não fala?

— Fala, sim. Mas com dificuldade.

— Então, pergunta pra ele por que esse apego a Você.

— Ele está com medo de ser expulso pra rua novamente. Eu sou a única pessoa no mundo em quem ele confia. Mas, se Você não quer dar agasalho pra ele uma só noite...

— Está bem. Hoje ele fica. Amanhã, a viatura passa por aqui e leva ele embora.

— Tá certo.

Antunes piscou para o amigo, que se escafedeu, imediatamente.

A partir daquele momento, Gaspar passou a fazer parte da família do miliciano espiritista.

MANHÃ ATAREFADA

Três filhos eram o que Odete havia permitido que a natureza lhe desse. Aí mandou amarrar as trompas. Não contava com que o marido aparecesse com mais um. Mas o menino precisava de cuidados especiais e ela foi persuadida pelo sofrimento alheio, como teria sido pela dor dos próprios filhos. De resto, levantava as mãos aos céus e agradecia, em fervorosas preces, o fato de nunca nenhuma tragédia ter abalado o seu lar. Por ocasião da internação de Antunes, baleado, prometeu ao santo protetor que poderia até adotar alguma criança que lhe fosse entregue de inopino, se se salvasse. Não contou ao esposo o segredo do coração, que só interessava ao benfeitor, e, por isso, teve de ceder, muito surpresa, às insistências do marido. Seria muito o trabalho adicional? Sempre havia a esperança de se juntarem de novo pais e filhos, momento em que o garoto voltaria para o seio da família. Sendo assim, ao acordar, estava decidida a exercer uns tempos mais essa responsabilidade. Ainda mais que parecia ser o fedelho dessas pessoas atrasadas e bobinhas que acatam, com muita ternura, as palavras dos mais velhos.

Durante a noite, fora três vezes averiguar se o pequeno não estava com febre e se dormia tranquilamente. Na última vez, o menino tomou-lhe a mão e puxou-a para os lábios, depositando nela tímido beijo. No lusco-fusco, pareceu-lhe brilharem lágrimas naqueles olhinhos; silenciosas lágrimas de agradecimento e apelo.

Logo cedo, antes mesmo de Antunes se levantar, Odete estava revirando as velhas roupas das crianças, roupas que conservava para doar aos sobrinhos que iam crescendo, sonhando ao marido, que desejava entregar todas as sobras ao Centro Espírita. Encontrou calças e camisas em bom estado. Separou as que poderiam servir e reservou gaveta da cômoda do quarto dos meninos para guardá-las.

Às seis, acordou o marido e determinou que vestisse o pequeno, porque ela iria levá-lo ao Posto de Saúde.

— Deus te abençoe, querida! Ele saberá reconhecer o valor de tua atitude, muito mais que eu. Você vai receber o galardão...

— Deixe disso e vamos logo. Se eu me demorar, põe o feijão que está de molho na panela de pressão. E vê se faz o arroz, sem empapar, como da última vez. De mistura, tem alface. Faz uma salada. Se não quiser ter muito trabalho, deixa que, quando eu chegar, frito

uns bifés ou faça uma omelete. Não se esqueça de dar café com leite aos dois menores e chama o Naninho às sete.

— Você tem trocado pra condução?

— Eu não durmo com os teus olhos. Vê se toma cuidado e não fica fazendo esforços inúteis. Do jeito que Você está fazendo, vai precisar renovar a licença médica.

— Vai com Deus, querida!

Assim que a patroa saiu, Antunes precisou enxugar uma lágrima teimosa, que cismou de se renovar no canto dos olhos. Pensava em que os bons espíritos lhe haviam atendido as preces para intercederem pelos miseráveis.

Na esquina, havia um orelhão. Depois de mandar as crianças para a escola e de o Naninho ter ido trabalhar, foi fazer uma ligação. Precisava convencer algum colega para levá-lo em busca do pai das crianças. Desejava muito, também, ir ao hospital para visitar Cléber. Foi isso que convenceu o amigo a vir buscá-lo. Iria levar a fotografia do assassino.

Pelas nove horas, estava perante o aleijado.

— Como tem passado, garoto?

— Como acha que posso passar, sem pernas?

— Pelo menos, está vivo.

— Grande vantagem.

— Pois eu levei dois tiros e agradeço muito a Deus...

— Dois tiros?

— Não te contaram?

— Não.

— Quando Vocês estavam aprendendo o Evangelho, um moleque me acertou e matou meu colega. Ele está preso e eu acho que foi o mesmo que te maltratou. Se Você visse a fotografia dele, reconheceria?

— Reconheceria.

Antunes sabia que a melhor técnica exigia que apresentasse vários retratos de diferentes pessoas. Na ocasião, achou que essa providência iria retardar os procedimentos oficiais. Antes, porém, de mostrar a fotografia, fez diversas perguntas, para caracterizar o malfeitor. Era moreno ou loiro? Alto ou baixo? Magro ou gordo? Tinha alguma cicatriz no rosto? Falava claro ou a voz era rouca?

A todas as questões, Cléber ia dando respostas adequadas. Atrapalhou-se quanto à cicatriz, mas afirmou que não viu nenhuma, que o rosto era limpo e a pele lisa. Só faltava um dente na frente, o que ele percebeu nitidamente quando o malvado riu perto do seu rosto.

Só isso bastaria, mas a foto foi reconhecida imediatamente.

— Foi esse filha da...

— Tudo bem. Ele está preso.

— Aposto que amanhã está na rua e, se souber que eu denunciei, vai entrar por essa porta e acabar comigo.

— Não vai ficar solto, não, porque matou um policial e a corporação não vai deixar isso barato. Até que a justiça se manifeste, muita água vai rolar por debaixo da ponte.

— Quer dizer que Vocês vão dar um fim...

— Quer dizer que ele vai ficar mofando...

Despertou o policial para seu espírito de corporação. Estava falando como se estivesse imerso nas águas da impiedade e da violência. Lembrou-se dos primeiros tempos na milícia, quando a alma se lavava no sangue dos bandidos executados durante as perseguições. Pela natureza dos serviços que lhe atribuíam, não se deparara nunca com a necessidade de atirar para matar. O único entrevero sério alijara-o da luta no primeiro *round*. Fora salvo pelo gongo. Emendou:

— Até que a Justiça determine o destino definitivo do infrator, do delinquente menor de idade, o pessoal vai mantê-lo fora de circulação. Mas vamos falar do que interessa. Você está a par do que aconteceu em tua casa?

— O que aconteceu?

— Não está sabendo que tua mãe foi embora e deixou as crianças com as vizinhas?

— Ninguém me disse nada.

— Ela não tem vindo visitar Você?

— Faz muito tempo que não aparece.

— E teu pai.

— Veio duas vezes e nunca mais. Quem está com Gaspar? E as meninas, onde estão?

Perguntava por perguntar, talvez para saber que estavam em pior estado que o dele.

— Gaspar estava na cadeia, onde foi que eu encontrei ele. Agora está lá em casa. Ou melhor, foi com minha mulher ao médico, pra ser examinado, porque está com o corpo coberto de feridas. As meninas e tua mãe, ainda não achei. O teu pai está bebendo muito e me disseram que não vai trabalhar. Se eu conseguir condução, vou atrás dele.

— Vai perder tempo. Aquele cara...

— Não trate o teu pai desse jeito.

— Na próxima encarnação, eu quero que ele seja meu filho. Vai pagar tudo o que fez. Pode crer.

— Vejo que de alguma coisa valeu o que te disse. Mas a misericórdia de Deus...

Nesse momento, o amigo que lhe servia de motorista veio buscá-lo. Chamavam pelo rádio. Havia um roubo em andamento ali perto.

— Se quiser ir, eu te levo junto.

— Positivo. Preciso voltar pra casa. Se ficar aqui...

— Então, vamos logo.

Antunes ainda teve tempo de sussurrar ao ouvido do rapaz:

— Se teu pai não te quiser, eu te levo pra minha casa.

Se esperava que aquele rosto sofrido se abrisse em sorriso, frustrou-se, pois Cléber ficou estático, olhando fixamente para o teto. Havia uma mosca sentada sobre o globo da lâmpada que, àquela hora, estava apagada. O aleijado ficou olhando para ela, esperando talvez que voasse e caísse nalguma teia para ser devorada. E lá ficou, perdido no devaneio dramático do destino daquele ser insignificante.

Quando a viatura chegou ao local do crime, outros policiais haviam capturado os assaltantes. O carro de Antunes foi liberado. Antes de ir para casa, passou para ver o funcionário público faltoso. Naquele dia, havia saído cedo para trabalhar. Viagem frustrada, precisava providenciar o almoço, já que Odete não tinha voltado. Mas trabalhou satisfeito.

Dentro da miserável situação em que os assistidos se encontravam, se tudo fizesse com amor, poderia levar um pouco de conforto e de esperança a seus corações. Enquanto ia de um lado a outro na cozinha, orava baixinho a prece de Cáritas, a oração de São Francisco, o pai-nosso e a ave-maria, lembrando-se, de vez em quando, de pedir a João, amigo e benfeitor espiritual, que lhe iluminasse a mente para cumprir a missão de que se via investido.

Quando Naninho chegou, só faltava arrumar a mesa. Até mexera uns ovos com margarina, receita que adornava com salsa crua picadinha. Começava, naquele tempo, a pensar seriamente em poupar a vida aos animais que cediam a carne para a alimentação humana, de modo que, se podia, evitava preparar e comer bifés e assados. Substituía, quando estava fazendo as compras, a carne pelo pescado, mas até os peixes começavam a criar a condição de filhos de Deus.

Lembrava-se da resposta que dera a certa observação de um amigo:

— Se eu tivesse nascido entre os antropófagos, faria a digestão, sem problemas de culpa na consciência.

Achava que se havia saído muito bem.

MÚTIPLAS COINCIDÊNCIAS

Odete deveria buscar um pediatra que pudesse examinar a criança também do ponto de vista psíquico, uma vez que era muito esquisito estar o menino a alfabetizar-se praticamente sozinho, quando as próprias professoras o declaravam incapaz intelectualmente. Conversara com o marido desde que ele se impressionara com o desempenho da criança e havia posto a pulga atrás da orelha. Quando foi pegar o ônibus, atrapalhou-se com o letreiro, puxando o menino pelo braço para entrar em coletivo errado. Mas Gaspar foi suficientemente esperto para dizer o nome correto do destino, impedindo uma viagem inútil. Aí Odete percebeu que não era ele tão estúpido assim.

Pensou com os botões:

Preciso de uma boa opinião médica, pra não agir de modo estapafúrdio, gastando dinheiro à toa com tantos vigaristas que existem por aí prometendo curas milagrosas.

Chegou ao Posto de Saúde a tempo de pegar senha de baixa numeração. Precisava contentar-se com o médico de plantão, cuja especialidade desconhecia. Se fosse um que cuidasse da pele (*dermatologista*, conseguiu recordar-se) a viagem não estaria totalmente perdida.

Enquanto esperava no salão, que ia ficando cada vez mais lotado, observava a movimentação das pessoas. Muita gente apenas entrava e saía, gente bem vestida. Odete sabia que eram funcionários em busca de licenças médicas. Ouvira dizer que muitos não tinham doença alguma; pretendiam viajar, sem perda de centavo do ordenado. Vira, na televisão, casos denunciados de licenças por telefone. Um escândalo!

Esperou hora e meia para ser chamado o menino. Durante esse tempo, deu-lhe a ler prospectos a respeito de doenças transmissíveis. Pedia-se especial cuidado com a dengue, com a AIDS e com o sarampo. Recomendavam-se as diversas vacinas contra a tuberculose e as doenças infantis. Prevenia-se quanto às campanhas da poliomielite, explicando-se que se trata da paralisia infantil. Gaspar ficou entretido com os dizeres complexos, contudo, ao ser incentivado para efetuar a leitura em voz alta, foi lendo com titubeios, mas de maneira a não deixar dúvidas quanto ao fato de saber reconhecer as letras, as palavras e as frases.

Odete ia num crescendo de admiração. Como podiam ter deixado de observar a faculdade intelectual embutida?

Ao entrar no consultório, levava a certeza de que o menino não era débil mental.

— Doutor, por favor, examine as feridas desta criança.

— Esse menino já esteve sob meus cuidados. É o irmão daquele... Cláudio...

Gaspar agitou-se:

— Cléber.

— Isso mesmo. Cléber, o que teve as pernas amputadas. Mas a senhora, eu não conheço...

— Sou só a esposa do soldado que está...

— Antunes.

— O senhor o conhece!

— É ele que passava horas cuidando das crianças no hospital. Mas o que tem o Gaspar?

— Está cheio de feridas pelo corpo todo.

— Vamos examinar.

O médico pediu que Gaspar tirasse a camisa. Foi um sacrifício. Odete precisou ajudar a desabotoar

— Ele tem muitas dificuldades, Doutor. Mas é inteligente.

O médico interessou-se:

— No hospital, não deu trabalho. Tomava os remédios e atendia a tudo que lhe era pedido. Mas as enfermeiras tinham pavor de ficar com ele. Diziam que não era capaz de fazer as mínimas coisas.

— Nem falar sabe direito. É quieto e respeitoso.

— Vou recomendar exames psiquiátricos.

Entrementes, as feridas foram dadas como produto de picadas de insetos infectadas. Nada que uma pomada não resolvesse.

— O senhor poderia conseguir de graça?

— O posto não é rico, mas o Governo fornece algum material. Acho que esse produto deve existir na farmácia.

Houve um instante de silêncio, enquanto o médico escrevia. Depois explicou:

— O especialista que vai cuidar da deficiência mental passa por aqui apenas uma vez por semana. Tem a agenda abarrotada. A senhora vai marcar a consulta, mas não pode perder a oportunidade, mesmo que seja para daqui a dois ou três meses. Se não puder trazer o menino, peça ao seu marido. Nem a mãe nem o pai irão se interessar...

— Não vão mesmo, Doutor, porque estão separados e ninguém sabe onde a mãe dele foi parar.

Gaspar ouvia com muita atenção tudo que se dizia. Estava acostumado com o hábito de as pessoas falarem dele em sua presença. Muitas falavam com rancor e outras com piedade. O médico e a benfeitora transmitiam-lhe tão somente interesse em revelar a verdade. Adivinhava que suas intenções eram positivas, no sentido de ajudar.

Ao sair, Gaspar sorriu para o bondoso homem que lhe deu um piparote no alto da cabeça. Era o máximo de intimidade a que se permitia com os pacientes jovens. Afinal de contas, sua especialidade era a cardiologia.

No guichê de apontamento dos retornos, havia vaga com o psiquiatra somente dentro de dois meses e meio. Odete imaginou que o marido até lá estaria trabalhando e

que Gaspar já teria voltado a viver com o pai. Achou que seria melhor assim. Cada qual com suas responsabilidades.

Nisso o menino soltou um grito:

— Mamãe!

— Onde? Quem?

E ele apontava para uma mulher que estava apressando-se para sair.

Odete não hesitou. Correu atrás dela, chamando:

— Senhora! Minha senhora! A senhora aí!

E ela estugava o passo.

Mas Odete não se apurou. Correu para a viatura policial próxima, identificou-se e solicitou a detenção da pessoa que fugia.

Em cinco minutos, Gaspar estava na presença da mãe.

— Oh!, meu filho, eu juro que não te vi. Quem te trouxe até aqui? Está doentinho?

Falava e olhava para a mulher e os policiais. Gaspar procurava abraçá-la, mas não se dignava ela oferecer-lhe o pescoço. Afagava os cabelos do pequeno e prometia que ia levá-lo com ela.

Odete, todavia, não se deixou engodar pelas palavras da megera. Acionou os policiais para que esclarecessem o que fazia a mulher ali. Um deles requereu o boleto das consultas e verificou que ela estava procurando o ginecologista.

— Está grávida?

— Acho que estou.

— E não vai contar ao teu marido?

— Isso é problema que não diz respeito a Vocês nem a ele.

Estava muito agressiva.

— A senhora diz que vai cuidar do menino. Como vamos saber se não vai abandoná-lo, dobrando a esquina?

Enquanto um perguntava, o outro ia anotando os dados que constavam do registro oficial. Em seguida, foi até a secretaria do Posto e verificou os dizeres da ficha, endereço, inclusive.

— Este é o lugar em que está morando ou é o endereço antigo?

Odete não saberia informar se lhe perguntassem. A mulher afiançou que se tratava do endereço atual. Gaspar, no entanto, conseguiu desmenti-la, com um penosíssimo “*não é verdade!*”

— Vocês fariam um favor enorme às crianças se descobrissem onde ela está morando.

Rapidamente, Odete escreveu o nome do marido e a corporação em que prestava serviço. Deixou também registrado o seu endereço, encarecendo que deveriam avisá-la do resultado das diligências. Não deu atenção às caretas da mulher e dirigiu-se a Gaspar, enfatizando as palavras, destacando sua sonoridade, particularizando as expressões:

— Você vai ter de me dizer se quer ficar comigo ou com tua mãe.

Gaspar não hesitou e a agarrou pela mão.

— Não, meu bem; eu quero ouvir de tua própria voz.

Lágrimas borbulhavam dos olhinhos sofredores. Entre soluços, o menino conseguiu dizer:

— Eu quero ir com a senhora.

Os policiais se comoveram com a resolução. À vista do endereço, dispuseram-se a levar os três para seus destinos, mas, antes, providenciaram a pomada. Assim, em pouco mais de vinte minutos, Odete chegava, a tempo de verificar que os ovos mexidos estavam recebendo a salsinha. A mãe de Gaspar seguiu na viatura, para indicar aos soldados onde estava morando, não sem terem recebido a recomendação de Antunes para que localizassem as meninas.

— Quanto à senhora, madame — disse com raiva —, vai ter de ir ver o teu filho no hospital, porque o rapaz está um caco de gente. O que está fazendo com ele é desumano. Se pôs o filho no mundo, é pra cuidar dele...

E por aí iria mais um pouco, não fosse a pressa dos amigos fardados.

O CASAL CONFABULA

— Querida, estou desconfiado de que essa mulher não vai voltar pro marido.

— Com certeza. Tudo indica que a gravidez não é dele.

Antunes julgava o tema delicado, à vista da pregação moral que ouvia no Espiritismo. Mas não sabia como se furtar a comentar os eventos tristes que envolviam aquela desgraçada família. Tentou amenizar:

— Vamos dizer que ela tenha encontrado, finalmente, alguém que lhe dê segurança e que esteja aguardando o melhor momento pra ir buscar as crianças.

— Quem é que vai querer ficar com mais cinco filhos, um deles aleijado e revoltado e outro lerdo?! Vamos lá saber se as meninas também têm seus defeitos.

— Pelo menos elas estavam acostumadas a ajudar a mãe na arrumação da casa. Pode ser que venha a sentir falta...

— Se Você pensa assim é porque está desejando que as coisas vão pela cartilha de Deus. É assim que o Padre Possidônio coloca os assuntos do púlpito.

— Como é que é?

Odete gostava de fazer um pouco de suspense. Se tivesse dito diretamente o que pensava, não conseguiria o efeito do interesse sobre as coisas sagradas da religião. Não que estivesse desejosa em levar o marido para a mesma fé, mas sempre haveria de demonstrar que algo de bom havia em frequentar as missas aos domingos e dias de santos de guarda, porque a mais que isso não se atrevia, como muitas das beatas, amigas suas, as quais se punham, dia e noite, à disposição do clero.

— O Padre sempre diz pro povo que deve ser realista, que a vida, como faz questão de frisar, *flui* (e a boa mulher intensificava a palavra, sublinhando a estranheza do vocábulo em sua boca, para impressionar o marido, que vivia de livro na mão) naturalmente de todos os atos e ações dos homens. Deveria dizer que das mulheres também, mas eu acho que os padres...

Parou para meditar sobre o que acabava de fazer. Tinha colocado ponderável dúvida sobre as atitudes do clero.

Em suma, que se danem! Eles não se casam!

— Não entendi. Será que Você está dizendo que as pessoas é que são responsáveis por tudo o que acontece na vida?

— Isso mesmo. Se cometem erros ou enganos, o castigo vem a cavalo.

— Vamos pensar no Gaspar. Que fez ele de errado, em que se enganou, pra estar com tão graves dificuldades mentais?

Odete poderia até supor que Cléber agira muito mal ao abandonar o lar paterno e, por isso, fora vítima do assalto e, posteriormente, dos maus-tratos que redundaram na perda das pernas. Mas não sabia como explicar o que ocorria com o outro. Tentou uma saída:

— Foi Deus quem quis que as pessoas fossem criadas com mais ou menos energia, com mais ou menos capacidade.

— Concordo plenamente. — Antunes sabia as respostas de cor, que havia debatido com os colegas, durante o curso de médiuns. — Só não sei por que Deus iria dar mais recursos pra uns e menos pra outros, se é verdadeiramente infinitamente justo, bom e misericordioso. Como é que Deus, sendo absolutamente perfeito, pode gerar seres tão imperfeitos, a ponto de não conseguirem sequer sobreviver? E olhe que há criaturas que chegam a nascer sem cérebro, sem pernas ou sem braços.

Odete queria dar uma resposta catolicamente plausível, mas não atinava com nada que fosse rigorosamente lógico:

— O que sei é que Deus tem o dom da criação e pode fazer o que bem entender.

— ... desde que não fira os princípios de sua natureza divina, entre os quais se contam a misericórdia, a bondade, o amor...

Odete teve uma inspiração:

— Aqui essas pessoas podem sofrer muito. Mas, depois que morrem, vão pro Céu, em completa felicidade.

— E as pessoas sadias, que cometem alguns enganos, dado que ninguém é perfeito, acabam ardendo nas chamas infernais ou fazem um estágio no Purgatório. Uns sofrem aqui, outros sofrem mais adiante e todos sofrem. Quem é que vai gozar todas as delícias do Paraíso? Os padres? As freiras?

Odete não gostou do desafio. Incomodava-a o assunto. Quis pôr um ponto final:

— A verdade é que nós não podemos julgar os desígnios de Deus.

— Mas podemos imaginar que não cometeria nenhuma injustiça.

— E como é que Você explica que haja seres que nascem mortos?

— Aí é que está a Justiça Divina. Essas pessoas cometeram crimes e atrocidades em outras encarnações. Voltam agora ao mundo pra expiarem a dor que provocaram nas outras criaturas. Quando não chegam a nascer, isso significa que seus crimes determinaram estágio muito curto no sofrimento da carne. Também pode ocorrer de seus pais serem pessoas em débito e essas crianças vêm para, além de tudo, serem motivo de sofrimento cármico, pra que os pais possam refletir sobre a transitoriedade da vida e sobre a eternidade das virtudes.

Odete considerou que o marido consubstanciava as razões de maneira mais chã, mais terra-a-terra, mais racional. Obtemperou:

— Isso Você e os teus amigos espíritas podem imaginar, mas não podem provar.

— Aí é que Você se engana. Existem inúmeros testemunhos de espíritos que vêm contar o que fizeram e o que passaram de ruim na vida. Outros vêm explicar que há seres

evoluídos, os chamados espíritos de luz, que fizeram o bem e que agora estão a serviço diretamente de Deus. São os anjos e os arcanjos.

— Não é o que a **Bíblia** diz...

— A **Bíblia** diz tanta coisa esquisita. Você sabia que Jesus não foi o único a ressuscitar os mortos?

— Claro que foi!

— Não pelo que está escrito no **Velho Testamento**...

Odete achou que a conversa estava indo longe demais, abrangendo tópicos em que era muito fraca:

— Se Você é tão bom pra citar as passagens, por que é que não enfrenta os testemunhas de Jeová que vêm vender revistinhas na porta? Está sempre ocupado, fazendo isso e aquilo. Deveria discutir com eles. Aposto que teriam resposta pro que a **Bíblia** diz ou não diz.

Sentiu o policial que a esposa estava pendendo para a agressividade. Imaginou que, nesse diapasão, não iriam afinar os instrumentos. Resolveu voltar à vaca-fria:

— Quem sabe as meninas estejam bem, com famílias responsáveis. Gaspar é que desejou ganhar o mundo e foi colhido pela vagabundagem. De qualquer modo, estou temendo que o pai não vai querer ficar com todos os filhos. Aliás, nem os meninos também vão aceitar as bordoadas com que ele mimoseia os dois, principalmente o mais velho.

— Por falar no mais velho, não vai inventar de trazer ele pra cá também. Com o menor, eu sou até capaz de ficar. Por um certo tempo, até que Você volte a trabalhar. O mais velho, eu não quero. Pensa que não me lembro do que Você me contou sobre o sacrifício das professoras? E agora, sem as pernas, como é que vai ser? Nós não temos recursos...

— Vamos fazer a nossa parte, querida. Deus irá providenciar...

— Eu não falei que Você está querendo seguir a cartilha de Deus?...

— Então, vou colocar de outra maneira, mas sei que Você não vai gostar. Vamos fazer a nossa parte, porque esse é o quinhão de sofrimentos que merecemos, por termos falhado em outras encarnações, e agora precisamos ajudar os outros pra compensar.

— Que compensar, que nada! Eu não me lembro de ter prejudicado ninguém no mundo. Se eu tive outra vida, pelo que eu sou hoje, devo concluir que fiz tudo direitinho. Se fiz tudo certo, não mereço ser punida. Não é assim que Vocês raciocinam lá no Centro?

Odete se rejubilava por ter inferido algumas conclusões de certas premissas. Antunes gostou de ver a mulher utilizar o cérebro e lhe disse sem delongas:

— Querida, eu não sei o que seria de mim sem Você.

— Não seja irônico.

— Eu nunca pus o coração na mão como agora. Falo de peito aberto, com a vontade mais verdadeira do mundo. São estas conversas que mantêm o bom relacionamento entre os casais. Hoje em dia, o marido nem fica em casa e, quando fica, só pode falar nos intervalos das novelas...

— Ih! Estou perdendo o capítulo de hoje. Fique aí Você com teus problemas e filosofias, porque eu vou ver televisão.

Antunes se entristeceu por ter facultado a fuga da mulher. Mas ficou livre para meditar sobre como iria cumprir a promessa que fizera a Cléber. Afinal de contas, precisava

quebrar a resistência dela, caso contrário, o rapaz iria acabar na dependência das falidas instituições oficiais.

Naquela noite, não foi ao Centro, para ficar com o menino. Precisava, urgentemente, ir conversar com a diretora da escola pública mais próxima, para a devida transferência.

Quem sabe uma professora diferente possa ser instruída sobre os problemas do menino e venha a incentivá-lo pro estudo?...

Devaneava, mas que mais poderia fazer àquela hora, ainda mais amarrado em casa pelos ferimentos das balas?

NOTÍCIAS DA FAMÍLIA

No dia seguinte, logo cedo, os milicianos que transportaram a mãe de Gaspar surgiram para relatar a Antunes o resultado das investigações.

— A mulher está vivendo não longe daqui. Está sozinha, ou melhor, ocupa um barraco que lhe foi cedido pela irmã, que se despachou com o namorado pro Nordeste. Evidentemente, o marido deve saber onde ela está e já deve ter vindo em busca de satisfações, o que ela nega com veemência. Em todo o caso, deve ter surgido outro homem, porque a gravidez não parece dar estímulo pra que volte pra família. Arrumou emprego de doméstica em casa de gente remediada e está ganhando o salário mínimo, além, é claro, da comida e o mais que possa conseguir, porque sempre se retira algo mais... De qualquer jeito, não tem condições de cuidar de filhos estropiados, retardados ou nenês.

O outro quis participar:

— Foi ontem ao Posto de Saúde pra confirmar que está grávida. Agora, vai tentar abortar, pra manter o emprego.

Foi a vez de Antunes:

— Deus não permita e ilumine o espírito dela pra que não cometa esse crime contra...

Não sabia caracterizar contra o que estava a mulher investindo. Mas entendia que era contra uma alma que se implantava na matéria, talvez algum desafeto que lhe incentivava os maus pendores, o ódio ou, simplesmente, a rejeição moral.

Emendou:

— Vocês a levaram pra ver as filhas?

— Levamos mas não encontramos nenhuma. Era sobre isso que queríamos a sua opinião. Você não acha que ela matou as meninas?

— Tenho certeza que não. A vizinha me contou que ela mesma não quis ficar com nenhuma e que as crianças foram distribuídas pra mendicância. Devem estar lá por perto da casa do pai.

— Quer ir atrás do homem?

— Se Vocês estão dispostos...

Gaspar havia passado a sua segunda noite no novo lar e estava recuperando-se muito bem das feridas. Antunes perguntou se queria ir com eles atrás das irmãs e ele fez que sim com a cabeça.

— Vocês não querem confirmar se ela está trabalhando?

— Temos o endereço. Podemos dar uma passada por lá, se não formos prejudicá-la com a nossa presença. E se a patroa achar que ela tem problemas com a polícia?

— Bem pensado. Vamos ver se encontramos o marido em casa.

— Se Você souber onde trabalha, podemos passar por lá.

— Não é difícil. Ele é funcionário da Secretaria do Trabalho. Podemos interrogar os computadores.

— Mas não custa passarmos pela casa dele. Quem sabe a vizinha esteja a par de mais alguma coisa.

Decididos a resolver o mistério do desaparecimento das meninas, os três soldados acionaram a sirene e dispararam atrás das informações.

Antunes se sentia melhor, como se estivesse voltando às atividades. Gostava desse tipo de tarefa, que punha ordem nos desajustes causados pelos irresponsáveis, podendo redundar em harmonização do que se esboroava. Era raro, mas não impossível.

Encontraram a casa fechada. A vizinha, contudo, se apressou a dizer que o homem saía cedo, no horário do trabalho.

— Ele tem voltado mais cedo. Não está causando transtornos na vizinhança. Parece que não está bebendo. A mulher esteve aqui ontem e eles nem discutiram. Foi embora com uma mala grande. Deve ter vindo buscar o resto das coisas.

— A que horas foi isso?

— À tardezinha, quando o marido larga o serviço e vem pra casa.

— Talvez quisesse falar com ele.

— Talvez julgasse que fosse muito cedo pra ele retornar.

— Antes que me esqueça, uma das meninas, a mais velha, apareceu em minha casa, querendo voltar. Eu não pude ficar com ela, nem o pai aceitou que ela ficasse tomando conta da casa. Tem só seis aninhos, coitada. Aí, dei um prato de comida e mandei ela de volta pra casa de onde saía.

— E a senhora sabe quem é a pessoa que está com ela?

— Sei. É a Dona Amélia, que mora no fim desta rua. No trezentos e treze.

— E as outras duas?

— Dessas, eu desconheço o paradeiro.

Agradeceram as informações e foram confirmar se a menina estava realmente com a D. Amélia. Estava, sim, mas, no momento, as duas tinham saído. A criança que os recebeu estava atemorizada e não sabia como esconder o que elas tinham ido fazer.

— Aonde foram?

— Acho que na praça.

— Fazer o quê?

— Foram pedir.

— Esmolas?

— Sim.

— E Você, o que faz em casa?

— Eu tenho de deixar tudo arrumado. Faço a comida, lavo a louça e a roupa...

— Quantos anos Você tem?

— Onze.

— Não está na escola?

— Não.

— Sabe ler e escrever?

— Sei.

— Então leia o que está escrito aqui.

Antunes apanhara um pedaço de jornal no lixo. A menina embatucou.

— Sabe ler nada.

— Sei, sim. É que estou sem óculos.

— Pois vai buscar.

— Quebrou e minha mãe disse que não vai comprar outro.

Não tinham o que fazer. De qualquer forma, a menina estava ocupada com algo importante para a família. Não estava *piveteando*, abandonada pela via pública.

— A que horas tua mãe volta?

— Bem tarde, lá pelas sete da noite.

Dava para ver que a sala estava bem arrumadinha, com o aparelho de televisão colorida ligado.

— Diga pra tua mãe que voltaremos hoje mesmo, pra pegar a menina.

— Que vamos fazer agora?

— Toca pra Secretaria do Trabalho.

Em vinte minutos, lá estavam. Não foi difícil de localizar o pai de Gaspar. Estava trabalhando no almoxarifado.

Quando viu os policiais com a criança, quis escapulir pelos fundos. Mas não teve tempo. Recebeu ordem de parar e obedeceu.

— Que aconteceu?

— Não precisa se assustar. Não viemos prender ninguém.

— Que é que estão fazendo com meu filho?

— Ele está apenas nos acompanhando. Estava querendo ver o pai.

— Pois já viu.

— Não é bem assim, meu amigo. Você vai ter de nos dar algumas explicações. Por que abandonou o teu filho no hospital? Não sabe que é função do pai...

— A última vez que estive lá, ele fez o maior escândalo. Me chamou de bêbado. Me deixou envergonhado.

— E Você não merecia...

— Mesmo que merecesse, fui eu quem pôs ele no mundo.

— Pra sofrer com tuas...

— Calma, Antunes. Nós não viemos pra isso.

— O senhor sabe onde estão as meninas?

— A mãe levou embora.

— Não se faça de desentendido. Vocês conversaram ontem e ela deve ter dito onde deixou elas.

— Não disse. O que ela disse foi que não queria mais ficar com elas.

Antunes percebeu que não iria tirar nada dele. Desviou o assunto:

— Soube que não está bebendo mais.

— Parei com a cachaça.

— Por quê?

— Porque tenho tido mais paz de espírito, sem minha mulher e sem as crianças.

Eles me punham fora de si.

— ... de mim...

— Isso aí.

— E agora, que pretende fazer com o Gaspar?

O menino agarrava a mão do amigo com muita força.

— Não gostaria de fazer nada. Ele não pode ficar em casa sozinho. Eu acho melhor que a mãe fique com ele, agora que ela está vivendo com outro.

— Foi o que ela te disse?

— Foi.

Antunes fez um gesto significativo para que os parceiros não revelassem a verdade. Achava melhor que o homem ficasse sem saber.

— Pois foi ela quem mandou que nós trouxéssemos ele pra Você.

— Bem que ela disse que Vocês...

— É, fomos nós mesmos que a levamos pra casa ontem. E ela não quer saber das crianças. Parecem órfãs de pais vivos.

— Vocês têm de acreditar em mim. Como é que eu vou cuidar dos cinco, se um está internado sem pernas, outro é demente e as meninas, tão pequenas. Você bem sabe que a menorzinha é de colo. Se largarem o menino aí, eu vou ter de procurar o Juizado de Menores.

Antunes abriu o jogo:

— Ele está vivendo comigo. Mas só até tua mulher criar juízo e voltar pra casa, porque a minha não pode cuidar dos meus filhos e também dos teus. O meu soldo não cobre todas as minhas despesas. Imagine com mais cinco bocas.

— E o meu ordenado? Pensa que dá pra muita coisa?

Criara-se impasse emocional. O pai sentia que o soldado estava querendo ficar com a criança. Talvez desejasse também levar o aleijado para casa. As poucas vezes que ouvira as leituras d'*O Evangelho* foram suficientes para concluir que o homem não pretendia enganar ninguém, que tinha o desejo honesto de ajudar as pessoas. Não deixou claro para si mesmo que o exemplo o havia influenciado, mas um bom entendedor poderia conhecer a verdade dessa mudança de procedimento.

— O menino precisa de roupas. Ele tem alguma?

— Nada que preste. Mas se quiser ir pegar, eu deixo tudo com a vizinha.

— Vale a pena?

— Não vale mesmo.

Antunes achou que o homem estava deveras mudado. Não estava tão esquivo quanto antes e se deixara envolver pelos assuntos, buscando dar as respostas mais coerentes com o estado atual da vida. De fato, perdera o controle da família e não tinha como restabelecer. *Que falta faz a mulher em casa!* — pensava, lembrando-se de Odete e de tudo o que fazia em prol dos filhos e dele mesmo.

— Vamos fazer o seguinte: eu vou ficar com Gaspar. Talvez fique também com Cléber, até que aprenda a manejar as muletas e possa arrumar alguma ocupação.

— Você não conhece aquele...

— As pessoas mudam. Algumas até deixam de beber, por exemplo. Mas o que eu ia propor é coisa muito simples: Você vai ter de comparecer ao Centro Espírita que eu frequento pra ajudar a gente a distribuir alimentos pros mendigos, algumas noites por mês. Sabe onde fica o Centro *Caminho e Vida*?

— Sei.

— Pois espero Você lá hoje mesmo. Às sete e meia.

Os policiais se entenderam tacitamente e saíram depressinha, sem dar ensejo a que o homem arrumasse alguma desculpa.

A caminho de casa, Antunes procurou interessar os companheiros em que também comparecessem, mas não os convenceu da necessidade da prática da caridade gratuita, que o bem que estavam fazendo profissionalmente já lhes bastava. Além do mais, tinham família e prezavam ficar em casa, curtindo o crescimento dos filhos, aspiração mais do que natural.

A MÃE VISITA O FILHO

Para demonstrar interesse por Gaspar, a mãe apareceu naquela noite no lar de Antunes. Ele não estava, porque tinha ido ao Centro, mas Odete a recebeu, crente de que iria querer levar embora a criança.

— Já vou dizendo que não tenho como alimentar ou vestir esse menino. Vim agradecer ao soldado por tudo o que tem feito pela minha família. E pedir pra que continuem com ele por mais algum tempo, até...

Odete lembrava-se do que ocorrera no Posto de Saúde e não punha fé nas promessas da mulher. Interferiu:

— Eu acho que a senhora está pretendendo deixá-lo com a gente pro resto da vida.

— Deus me livre de estar mentindo. Se isso acontecer, não vai ser por minha vontade. Mas não vai acontecer, não.

— Por que não leva ele já pra casa? Pelo menos irá cuidar de um, porque os outros estão espalhados por aí.

Odete desconfiava de que a mulher desconhecia as providências dos policiais. Mas o que lhe disse alertou-a para o seu conhecimento da situação.

— Estou morando de empréstimo na casa da minha irmã. É um barraco tão pequeno que, quando ela voltar da viagem, vou precisar sair.

— Então, vamos fazer o seguinte: a senhora leva o menino e, quando a irmã voltar, traz ele de volta.

Lágrimas borbulharam dos olhos da mulher.

— Pelo amor de Deus, fique com ele, senão eu vou perder o emprego.

— Gaspar é bem capaz de ficar sozinho em casa. Pode ir à escola e comer um prato de comida, mesmo frio, que a senhora deixar pra ele. Quando voltar do emprego, a senhora dá um banho nele e põe na cama.

— Que cama? Eu mesma durmo numa rede presa a dois paus fincados no chão.

— Então, o que veio fazer aqui, de verdade? Veio pra saber se ele está bem ou pra que a gente não mande mais a polícia saber o que está acontecendo às crianças? É preciso ter juízo, quando se põe filho no mundo.

— Nunca mais vou ter nenhum.

— Mas, e a gravidez?

— Vou tirar a criança. Não tem nem três meses que estou grávida.

Odete começava a desconfiar de que a mulher viera pedir dinheiro. Pôs o pé atrás.

— Sabe que estou querendo que a senhora fique com o menino, porque vou ter de passar duas semanas longe do trabalho. Já arrumei uma pessoa pra pôr no meu lugar. Falei que ia fazer uma operação da hérnia. A patroa nem ligou, desde que não vai gastar um centavo a mais.

— A senhora é católica?

— Sou.

— Vai à igreja?

— Quando posso.

— Quando foi se confessar pela última vez?

— Faz um pouco de tempo.

— Então, está na hora de ir de novo. Venha domingo cedo que nós vamos juntas. Eu pago a condução e a senhora vai poder conversar sobre o aborto com o padre.

— Mas ele não vai deixar...

— Claro que não. É pecado mortal.

— Mas todo o mundo faz.

— Quem faz vai ter de se arrepender ou vai acabar no Inferno.

— Então, eu me confesso depois. Assim o padre me dá absolvição e eu rezo um terço...

— Isso é hipocrisia. O que o seu marido... Perdão, a senhora disse que não... como é mesmo? ... que não era assunto do interesse dele. Por quê? Ele não é o pai?

A mulher se arrependia, sim, mas de ter ido cair naquela armadilha moral. Não precisava de sermões e aquela ainda queria saber da vida íntima. Resolveu acabar com o assunto:

— Se a senhora não quer ficar com o menino...

— O menino não está sendo obstáculo pra que a senhora não possa vir comigo à igreja. Não precisa me contar a sua vida. Mas eu acho que, pra benefício de tua alma, vai ser muito bom conservar a criança na barriga.

Coçava na língua de Odete a vontade de revelar que o marido da outra estava acompanhando Antunes ao Centro. Tinha até preparado um café reforçado para quando voltassem. *Como vai ser bom se ele encontrar a mulher aqui!* Aí lhe veio a inspiração:

— A senhora, D. Maria — é Maria o seu nome, não?...

— Maria, sim.

— Mais alguma coisa: Teresa, das Dores?...

— Não, só Maria da Silva, porque meu marido é Deodato da Silva.

— E de solteira?

Odete começava a alongar a conversa. Eram quase oito e meia e o esposo não deveria chegar depois das nove. Naquela lengalenga ficaram uns cinco minutos até que a convidou para o café com bolo de fubá. Entraram na cozinha, que deu motivo para outros assuntos

Maria observava que a casa era muito modesta. As panelas estavam brilhando mas eram de alumínio antigo, amassadas e gastas. Lembrou-se das que tinha agora, manchadas e sujas. Viu as da patroa, reluzentes e novas. Pensou nas que deixara com o marido e que estavam encardidas. Não teve vontade de voltar. Mas o bolo estava delicioso e o café com

leite, quentinho. Jantara as sobras dos patrões e comera até fartar-se. Assim, não iria bancar a esganada na casa do policial. Mas um pedaço de bolo sempre ia.

Quando terminou a ligeira refeição, fez menção de sair.

Odete se apressou em arrumar mais assunto:

— Venha ver onde Gaspar está dormindo e as roupas que arrumei pra ele.

Maria achou que a outra desejava humilhá-la. Mas se conformou, porque estava na dependência dela. Não podia desfeiteá-la ou ela lhe devolveria o filho. Fingiu interessar-se e elogiou cada peça que lhe foi mostrada. Deixou para mais tarde voltar a falar sobre o aborto. Não expusera o assunto em sua plenitude. Pretendia, pelo menos, deixar o soldado prevenido, para possíveis gastos com remédios. Para a *parteira*, tinha o suficiente. Se pudesse, ia pedir ajuda ao pai da criança, mas esse desaparecera sem deixar rastro. Não envolvera a mulher, porque não sabia que ela não era espírita. *Quem mandou não ter perguntado antes?*

Estavam no quarto, quando se ouviram vozes que entravam. Odete se precipitou a explicar:

— É Antunes chegando do Centro. Quem será que está com ele?

O BOM ENCONTRO

Deodato e Maria se surpreenderam. Não podiam imaginar-se um diante do outro tão cedo. No dia anterior, haviam, de modo tácito, concordado com que deveriam separar-se definitivamente, uma vez que não tinham amor pelos filhos nem capacidade para criá-los. Não choraram pela desgraça do mais velho, tantas vezes os havia magoado. Mas se sentiam sem forças para discussões inócuas, que a consciência os levara a pensar em que pudessem ter culpa pela situação em que todos se achavam.

A suspeita de que o encontro havia sido forjado foi o que os fez se manifestarem, desde logo:

— Eu acho que Vocês podiam ter avisado que minha mulher estaria aqui...

Odete se apressou em explicar:

— Só ela sabia que vinha. Pergunte pra ela.

Maria não podia negar que fora sem convite. E esclareceu:

— Vim porque quis. Ninguém sabia. Mas Você me podia dizer que ele estava no Centro.

Antunes percebeu que se julgava mal a atitude de Odete, uma vez que ele mesmo sabia tanto quanto Deodato sobre a presença de Maria. Mas defendeu a esposa:

— Não acho que tenha havido traição ou má intenção em deixar que os dois se encontrassem. Vocês acham que são tão perniciosos agora, tendo vivido tantos anos juntos?

Deodato não queria acusar a mulher, mas se referiu à existência de um outro homem:

— Essa criança não é minha. Por que deveria aturar ela agora?

Antunes lembrou a lição do Centro:

— Por dever de humanidade, porque somos todos filhos de Deus e porque, pela norma de Jesus, Vocês têm de fazer as pazes antes de morrerem. Do outro lado, as coisas ficam muito mais complicadas.

— Eu já perdoei ela. Pode fazer o que bem entender. Se quiser voltar pra casa, pode ir. Mas não pode querer que eu fique. As coisas que estão lá são dos dois, apesar de só eu levar dinheiro...

— E como Você queria que eu trabalhasse com cinco filhos? Não bastava o que eu fazia...

Odete interferiu:

— Vocês não vão discutir aqui. Eu acho que tudo o que tinham de falar um ao outro puderam dizer ontem.

Antunes complementou:

— Se não quiserem continuar juntos, é problema de Vocês. O que é problema dos outros é saber o que vai acontecer com as crianças. Cléber está muito revoltado no hospital. Mais uma ou duas semanas, vai sair. Quem é que vai ficar com ele?

Fez-se longo silêncio. Maria enxugava ou fingia enxugar algumas lágrimas. Deodato encostou-se à janela e ficou olhando a rua mal iluminada. Odete ansiava por alguma boa ideia, porque desconfiava de que Antunes havia colocado o problema com muita oportunidade, para poder trazer o rapaz para casa.

Foi Deodato quem voltou a se manifestar:

— O que é que teu amante acha de Vocês cuidarem de Cléber?

Maria se viu acuada. Não podia deixar de dizer que estava só, uma vez que Antunes e Odete deviam ter conhecimento do fato. Estranhou apenas que o marido não soubesse.

— Aquele canalha desapareceu e me deixou neste estado. Mas ninguém precisa se preocupar comigo. Eu sei o que vou fazer.

Odete correu em auxílio do feto:

— Você não pode abortar. Isso é crime, perante Deus e perante os homens. Não volte pra casa nem pro teu marido, mas deixa a criaturinha viver. Pelo amor de Deus!

Quem lhe lesse no fundo da consciência, talvez achasse esquisito o sentimento de pesar, por ter de enfrentar tal situação. Como é que deixara esse problema entrar em seu lar, em sua mente, em seu coração? De qualquer modo, quando Maria fosse embora, não seria ela quem iria atrás, para aconselhar, para dissuadir, para convencer. E isso a deixava muito aliviada. Enquanto, porém, a outra ameaçava, tinha de cumprir o dever religioso de rogar, para que não levasse a cabo o aborto. Era tarefa a que não estava acostumada e a insistência do tema estava aborrecendo.

Foi Antunes quem buscou a solução:

— Eu acho que a criança deve nascer. Não vai ter destino melhor que os outros, filhos legítimos, que estão ao deus-dará. Isso não dói na consciência de Vocês? Agora que a mulher está ganhando um pouco, Vocês podiam voltar a morar juntos, cada um levando a vida como quisesse. No entanto, deviam comprometer-se a cuidar das crianças. Da minha parte, eu me comprometo a continuar ajudando no que posso, inclusive levando muita coisa do Centro Espírita, como venho fazendo a outras famílias. Só que, em nenhuma, o casal está separado, nem os filhos são tão odiados.

Falava asperamente. Queria provocar alguma reação. Nada. Os dois ouviram de cabeça baixa e não se dignaram responder. Estavam resolvidos a se manterem como estavam. Faziam contas, por certo, para ver quanto dinheiro iriam gastar com comida e com roupa, porque tinham percebido que os ordenados não chegavam nem para eles mesmos. Não fosse a regalia do vale-transporte e do vale-refeição e Deodato passaria fome. Maria comia no emprego e não precisava tomar condução. Era tempo de Cléber arrumar o primeiro emprego, mas resolvera sair de casa, não apenas no sentido físico, mas, principalmente, no psicológico, porque tinha raiva do pai e não respeitava a mãe.

Essas ideias ou impressões vagavam pela cabeça do casal. Foi Maria quem ponderou:

— Cléber vai exigir muito mais do que podemos oferecer. Pra ele é muito melhor ser recolhido pelo Departamento do Menor. Lá existem médicos e instrutores que vão...

Antunes não se conteve:

— Isso é desumano. Não se fala assim do próprio filho.

— Eu sou realista.

— Pois deveria ser humana. Deveria amar o filho.

— Eu amo.

— Não me diga que é por amor que quer que ele sofra nas mãos dos funcionários dessa instituição pública. Acho que a ideia de que lá ele vai passar bem é mera desculpa pra se livrar dele.

Odete não estava gostando de ver o marido tão agitado. Não estava com os pulmões cem por cento. Era melhor não se exaltar.

— As coisas podem ser resolvidas de outra maneira. Cada um fica em sua casa. Cléber fica com o pai e as meninas com a mãe.

— Aí, eu não vou poder trabalhar. Quem vai cuidar da menorzinha?

— A gente arruma uma creche. As coisas não são tão difíceis. Basta ter boa vontade. Pensa que não sei que existem uns trocados pra quem aluga os filhos pra mendicância?

Foi a vez de Deodato se intrometer:

— Vamos pôr a coisa em pratos limpos. Quanto Você está recebendo pelas meninas?

Ninguém sabia desse dinheiro, mas existia, de fato. Não era muito, mas havia dado para uns vestidos novos e uns cosméticos, à época da sedução do pai fugitivo. Maria atrapalhou-se mas buscou safar-se:

— Se Vocês pensam que estou recebendo dinheiro, provem. Não recebi nada nem pretendo.

Deodato conhecia bem a mulher, para se deixar embair pela bravata:

— Não vai ser difícil descobrir.

— Pois descubra.

As coisas não se resolviam. Antes, ficavam cada vez mais complicadas. O que Antunes não entendia era a passividade do marido. Tinha visto o homem gritar com os filhos e recebera reclamações de muita violência. Como é que agora não ia em cima da mulher? *Será que ele não quer mais nada com ela, realmente?*

— Vamos parar com isso, pessoal! O que está feito, está feito. Se recebe ou se não recebe, dá na mesma. O problema continua aí. O que nós precisamos saber é se Vocês vão agasalhar os filhos ou não.

Maria abriu uma brecha:

— Se Vocês me garantem que arrumam a creche ou alguém que tome conta das meninas, eu fico com elas. Mas não vou morar com ele.

— Nem eu quero ver Você mais lá em casa. Eu nunca pensei em outra mulher e Você...

Antunes interveio:

— Já chega. Essa discussão não vai ter fim, enquanto um não perdoar o outro.

Deodato se atreveu:

— Ela não tem nada a me perdoar.

— Como não? Quem é que chega em casa bêbado, gritando e dando pancada em todo o mundo? Eu já perdi o medo. Era bobinha. Era criança. Agora não sou mais. Em mim, Você não põe mais a mão.

Antunes voltou a interromper:

— Isso tudo Vocês vão resolver um dia ou outro. Se não for aqui, vai ser aos pés de Jesus. Aqui todos são religiosos mas ninguém confia na sabedoria de Deus. Vocês acham que o Senhor vai permitir que essa guerra dure pela eternidade?

Queria prosseguir, porém, sentiu que a cabeça dava mostras de estar atrapalhada. O dia fora cansativo e a noite ia avançando. Além do mais, estava com fome. Resolveu pôr um ponto final:

— Eu e minha mulher vamos prometer achar a creche. Mais ainda, vamos cuidar de Gaspar por uns tempos. O menino precisa de atenção e Vocês não vão ter tempo pra ele. Quando as coisas melhorarem, um dos dois vai receber ele de volta. Tudo vai depender de Deodato ficar com Cléber.

Este não hesitou. Talvez suspeitando de que o rapazelho não fosse querer ir para casa ou porque julgasse que acabaria ficando com Gaspar, na casa do soldado, concordou imediatamente:

— Eu fico com ele, desde que volte em condições de se locomover sozinho. Eu não acho que, com ele na cama, eu vou poder trabalhar. Pra quem não sabe, deixei a bebida. Em outros tempos, teria descido a mão em quem me ofendesse, como ela me fez. Agora acho que não vale a pena. E vou dizer mais uma coisa: vou passar a ir ao Centro Espírita, mesmo que não entenda nada do que lá se diz. Pelo menos, as pessoas tratam os outros como gente.

Não era de muito falar e Maria até que se admirou de tão longo discurso. Passou-lhe pela memória o jovem que a cativara e teve ligeiro estremecimento de saudade. Mas passou.

Odete quis encerrar a conversa:

— Vamos à cozinha que é tarde e todos vamos levantar cedo. Vou esquentar o café. Maria se despediu do casal e foi embora, sem olhar para Deodato.

Uma hora depois, Antunes procurava conciliar o sono, agradecendo muito aos protetores por terem providenciado aquele encontro salutar. E orava, pedindo mais luz para poder compreender o sistema utilizado para a aproximação das pessoas. Com certeza, não fossem os seus amigos da espiritualidade e os obsessores teriam impedido conversa tão promissora. Enfim, advertia-lhe a consciência, as coisas poderiam não transcorrer exatamente como haviam arquitetado. *O homem põe, pensava bocejante, e Deus dispõe.*

TRÊS MESES DEPOIS

Maria cumpriu a promessa de ficar com as meninas. A bem da verdade, é preciso que se diga que, sentindo-se pouco vigiada, alugava as duas mais novas para conseguir algum dinheiro com a mendicância. Mas dava atenção a elas e as levava regularmente ao Centro de Saúde, de sorte que iam recuperando-se da anemia dos tempos de incúria materna.

Por outro lado, calaram fundo as palavras de Odete a respeito do aborto. Como o marido não a queria mais e como não a ofendera além dos limites (mistério que a intrigava muito, levando-a a cogitar de que ele estaria de olho em alguma dona da vizinhança ou do Centro Espírita), resolveu ficar com a criança no ventre, ainda mais porque ouvira dizer que a patroa deveria pagar o tempo correspondente à licença para gestantes e parturientes, podendo permanecer em casa. Adiou, portanto o envio da moça que a substituiria e permaneceu no emprego, fazendo questão de mostrar o avanço da gestação.

Nesse ponto, agradecia muito às orientações que recebeu de Antunes, o qual lhe fez ver que deveria ter a carteira de trabalho registrada pela patroa, ainda que isso representasse certo desconto previdenciário. Em tempo hábil, receberia tudo de volta, em forma de aposentadoria, embora a carteira contivesse lacuna de mais de doze anos de desemprego.

Deodato ficou sozinho o tempo todo, acompanhando o soldado ao Centro Espírita, regularmente. Como se a ex-esposa tivesse lido o livro de sua vida, estava interessando-se por uma mulher que lá trabalhava na qualidade de auxiliar de cozinha. Josefa era viúva e atarracada, como se as qualidades sociais e físicas se misturassem para o efeito de sua poderosa presença, pondo as pessoas inquietas, pois estava sempre pronta para a lembrança das leis e preceitos evangélicos. Mas o fazia sorridente, enquanto dava andamento às tarefas rotineiras da cozinha. Não precisava do auxílio financeiro dos confrades, porque não tinha filhos nem qualquer parentela que lhe sugasse a pensão recebida religiosamente todo início de mês. E era religiosamente mesmo, porque o dinheirinho era sagrado, estando sempre na agulha dos gastos, disparando parcimoniosamente, sem supérfluos e sem vícios. Reservava até pequena quantia para considerar-se sócia contribuinte da instituição, orgulho que registrava no íntimo como o reflexo do ensino de Jesus, no episódio evangélico do óbolo da viúva. Entretanto, tinha

boas recordações do matrimônio e retribuía os olhares convidativos do recém-chegado para entrosamento sentimental.

Entrementes, iam os dois absorvendo os dizeres dos mais experientes, nas palestras e discussões, no momento em que compareciam aos treinamentos mediúnicos ou às reuniões públicas, às quais se seguia a sessão de *passes*. Era aspiração de ambos sentarem-se à mesa da desobsessão, para darem vazão às manifestações do plano da espiritualidade. Iam acompanhando a leitura dos livros de Kardec e de uma ou outra obra de Emmanuel. O que não apanhavam do contexto lhes era explicado pelos expositores e a Doutrina Lhes ia ficando cada vez mais clara.

Deodato, em especial, interessou-se sobre o ponto da reunião de adversários de outras encarnações numa mesma família, para que aprendessem a tolerar e a amar uns aos outros, conforme a segunda lei, já que a primeira era o amor a Deus sobre todas as coisas. Sentiu certo arrependimento por não ter tido mais paciência, mais condescendência, mais carinho, em relação aos filhos. Quanto a Maria, não via nela propriamente um inimigo. Tinha sido uma companheira e ambos haviam gerado aqueles seres que, finalmente, lograram separá-los. Por conta desse arrependimento, passou a visitar Cléber no hospital, levando-lhe pequenos presentes, dando-lhe um pouco de conforto, incentivando-o a aceitar a sorte, provando-lhe que havia pessoas muitíssimo mais infelizes. Por iniciativa de Antunes, lia pequenos trechos d'*O Evangelho*, demonstrando não ter medo das incriminações pelo passado litigioso. Ia também à casa do policial para cumprimentar Odete e rever Gaspar, a quem começava a admirar, por constatar progressos incríveis na área do aprendizado mental.

Por sua vez, Antunes desejou retornar ao trabalho mas foi barrado pelo médico, de maneira que esses três meses teve de permanecer de licença. Surpresa muito agradável foi ter sido agraciado por preciosa medalha, por haver cumprido sua missão além das exigências do dever, de maneira heroica, o que redundou em promoção na carreira e mais dinheiro no ordenado. Mesmo tendo de alimentar e vestir o juvenzinho, ainda podia ir guardando mais algum para a compra do carro, intenção que se viu barrada quando a esposa lhe solicitou um videocassete, que prometeu adquirir. Pensou na possibilidade da gravação das novelas e sossegou. O carro viria oportunamente.

Como deve ter ficado claro, foi para Cléber e Gaspar que o tempo foi mais generoso. O hospitalizado não podia fazer muita coisa. Esperava impaciente que chegasse a hora de ir para casa. É verdade que manipulava as muletas com alguma destreza, porém, precisava criar músculos e calos, o que demandaria mais algum tempo. A pedido de Antunes, o médico foi adiando a alta, para que se mantivesse o rapaz alimentado convenientemente.

Gaspar foi recebido pela nova professora com reservas. As palavras de Odete e de Antunes não foram suficientemente expressivas para que ficasse satisfeita com a aquisição de mais um aluno com dificuldades. Contudo, advertida para o tipo de problema que impunha limitações a ele, na esperança de que o psiquiatra iria desenvolver tratamento paralelo ao seu ensino, aceitou o menino, colocando-o de modo adequado perante os coleguinhas, para que não fosse atenuado. Quando constatou que a escrita iria apresentar fortes restrições, fortaleceu os aspectos meramente intelectuais e, com imensa paciência e sabedoria, pôs-se a avaliar-lhe o desempenho em sessões particulares, durante o recreio.

Em pouco tempo, Gaspar se sentiu seguro e reagiu à altura da dedicação da mestra, lendo e interpretando as lições com acerto.

Certa tarde, quando Antunes abre o jornal, recebe de chofre a notícia da morte do menor que o ferira. Havia sido executado na prisão. Simplesmente. O jornalista descrevia o quadro com cores vivas e propunha que não fora assassinado pelos companheiros de cela, apesar de um deles ter assumido a culpa. Levantava a hipótese de que o criminoso agira a serviço dos policiais, mas se resguardava, relacionando longa série de crimes produzidos pela vítima, entre os quais pontificavam o assassinato de dois menores, o tráfico e o consumo de drogas.

Antunes não teve dúvida quanto às causas da eliminação do pirralho, mas ficou muito triste, uma vez que pretendia, assim que melhorasse, ir dar apoio doutrinário e moral à pobre criatura. Avisou Cléber do sucedido e teve oportunidade de recriminar-lhe a reação de regozijo:

— Tudo indica que Você é credor de, pelo menos, um pedido de desculpa. Não queira ficar devendo a ele essas vibrações de ódio, as quais irão atormentar ele, onde quer que se encontre.

A palavra *vibração* se incorporara ao vocabulário de Cléber, conquanto o sentimento do perdão estivesse muito longe de ser assimilado. Por isso, retrucou:

— E é justo que ele desconte em mim o sofrimento todo que fez por merecer?

— E quem é capaz de conhecer a Justiça de Deus? Não fale em ser justo ou não. Apenas sinta amor pelas pessoas, porque foi assim que Jesus nos ensinou.

Cléber não tinha motivos para considerar Jesus benfeitor da humanidade. Não sabia do evangelho nada além do que Antunes lhe vinha explicando. Aturava-o mal em casa. Agora, a presença do militar, não muito frequente, fazia com que houvesse uns minutos de esquecimento de seu drama. Por isso, não era demasiado áspero, posto, no íntimo, o chamasse de *babaca*. Valia a promessa de ir morar com ele, até que se desvencilhasse das muletas, na esperança das próteses ortopédicas. Complicava-lhe o pensamento o regresso do pai, que atribuía à influência do soldado, mas que se impunha, pouco a pouco, como provinda do desejo de restabelecer os vínculos familiares.

Ao cabo daqueles três meses, dava-se alta ao enfermo, encerrava-se a licença do soldado, pesava a gestação a Maria, comprava-se o vídeo para Odete, Gaspar ia ser levado ao psiquiatra e Deodato declarava-se à viúva.

DEODATO E JOSEFA

Encasquetara-se na cabeça de Deodato a responsabilidade relativa aos entes mais próximos. Não queria acusar a esposa de traição, porque não dera a ela condições de sobrevivência moral, quando, nos últimos tempos de vida em comum, vivia atormentado pela bebida e pelo sentido de profunda frustração em tudo. Lembrava-se de que o sexo tinha sido muito importante para ambos, quando foram produzindo os filhos. No fim, entretanto, recebendo só notícias negativas, pusera-se a questionar a validade de colocar crianças no mundo. Não compreendia que o mais velho o repudiava pelas constantes sovas e ia fazendo acusações contra tudo e contra todos, terminando por se julgar desfavorecido pela sorte e desprotegido de Deus, momento em que se lembrava de Gaspar. Com tais pensamentos, foi deixando de procurar maritalmente a mulher, afogando-se em álcool. Como desejar, então, mantê-la ao seu pé, cadelinha fiel a lambe-lhe as mãos, pela só existência como marido?

Deixando de lado a bebida e recebendo as informações doutrinárias da teoria espírita, foi analisando a própria atitude e a da esposa, a dela como resultado dos destrambelhos da sua. Mas precisava reatar o que se soltara. Ao menos, havia a necessidade de ser formalmente dispensado pela esposa, para assumir novo compromisso sentimental. O fato de estar grávida não significava muita coisa, pois todas as pessoas estão sujeitas a se enganarem ou a serem iludidas, quando existem no mundo seres muito mais espertos e vividos.

Essas coisas todas foram amadurecendo devagar na mente do funcionário público. Quando sentiu necessidade de se declarar a Josefa, desejando, acima de tudo, uma companheira que não tivesse visto a fase mais grosseira dos xingamentos e das agressões, sentiu um frio na espinha, uma como que acusação consciencial irreprimível. Mas contava com o fato de a mulher ser espírita, portanto, com as ideias de moralidade e de responsabilidade familiar bem assentadas.

Naquela noite, após a reunião, Deodato dispensou Antunes e a tradicional visita ao filho, pretextando ter de ultimar os preparativos para a próxima distribuição de merenda noturna.

Propôs-se a acompanhar Josefa até a casa, quando pretendia dizer-lhe o quanto estimaria que ela o aceitasse como companheiro.

Caminharam em silêncio uns três quarteirões.

— Josefa, Você deve ter adivinhado que tenho uma queda... que puxo uma asa por Você.

— Seu Deodato, a gente tem sido bons amigos. Não sei se Você não vai estragar tudo...

— Primeiro deixa eu falar...

— Vai falar que gosta de mim e que quer morar comigo, já que casar não podemos, Você por estar casado e eu porque quero continuar recebendo a pensão do falecido.

— Se eu pudesse, eu casava. Quanto à pensão, a lei, conforme corre entre os da Secretaria, essa pode ser mantida mesmo que o pensionista se case.

Falava depressa e não colocava os sujeitos e predicados em ordem. Mas expunha o que pretendia.

— Quer dizer que, se eu me casar de novo, continuo recebendo o salário?...

— Perfeitamente.

— Mas Você não se divorciou...

— Isso pode ser providenciado. É que precisa levar um certo tempo de separação. Eu e Maria faz tempo que não temos nenhum tipo de relacionamento. Ela engravidou de um homem qualquer. Deus me perdoe, mas passou pela minha cabeça que uma ou duas das meninas também podem não...

— Deus, eu sei que vai perdoar. Quanto a mim, eu acho que Você não deveria levantar falso testemunho.

— Mas foi ela quem disse que está grávida de outro.

— Mas não disse que as meninas são filhas de outro. Eu acho que as mulheres devem ser respeitadas. Se dissessem, ou melhor, se suspeitassem algo parecido de minha conduta, eu não iria gostar nem um pouquinho, ia ficar magoada, ia...

Esperta, Josefa ia colocando os pontos que julgava essenciais para um bom relacionamento marital. Deodato, no entanto, somente conseguia ver críticas sobre críticas ao seu desempenho. Lembrou-se dos problemas surgidos com as noções espíritas e desejou melhorar o nível da conversa:

— Preciso confessar que estou sem saber como resolver o problema do carma perante a minha mulher. Se ela resolvesse ficar com alguém, ia me livrar da necessidade...

— Mas isso é fácil de saber. Basta ir conversar com ela. Quando um não quer, dois não brigam. Se ela foi embora de casa é porque não se sentia bem ou queria alguma outra coisa. O que eu acho que não está certo é abandonar os filhos.

— Eu também fiquei muito sentido...

— Ficou mesmo, ou deu graças a Deus?

— No começo, pra dizer a verdade, achava que tudo era uma maravilha, que não precisava ouvir mais desaforos, que não precisava tomar atitudes mais drásticas, mais agressivas.

— Não sei se foi bem assim...

— Como?

— E as brigas com os vizinhos? E as bebedeiras homéricas?

Josefa ia encaixando o vocabulário que aprendia com os expositores. Na verdade, visava a demonstrar que não entraria na de Deodato ingenuamente. Punha medo nas

comadres do Centro. Não ia perder a oportunidade de se mostrar poderosa para o pretendente. Contudo, entendeu a mensagem moral e o drama de consciência correspondente:

— Pelas explicações dos espíritos, é preciso desempenhar a contento o trabalho de criar os filhos, amando e fazendo-se respeitar. A lição do honrar o pai e a mãe é muito importante. Eu não tive filhos. Bem que queria, mas não foi possível. Meu defunto marido, que deve estar me ouvindo e me inspirando, graças a Deus, soube me entender e me perdoar. Se tivesse algumas crianças e não pudesse criar, teria arrumado outro homem para arcar comigo as despesas. Se eu fosse Você, não insistiria em declarar que está apaixonado, que quer juntar os trapos. Ia correndo conversar com a ex para saber se não está querendo pedir perdão, expondo, tintim por tintim, todas as ideias e sentimentos, de joelhos, se for preciso, para ter a certeza da liberdade ou do compromisso. Depois ia falar com os filhos que podem entender, para mostrar que está pretendendo montar de novo o lar, seja com uma, seja com outra. Conforme as respostas, iria consultar os protetores, pedindo esclarecimento e ajuda. E rezaria muito ao Pai e a Jesus, para que abençoassem todas as pessoas, favorecendo os procedimentos.

Deodato começava a desconfiar de que toda a longa falação podia resumir-se em simples e categórico não. Se tivesse lido o pensamento de Josefa, teria percebido que ela apenas pretendia não ofender os benfeitores espirituais nem as pessoas que iriam ter o sentimento da perda do marido ou do pai (ou da esposa-viúva). Desconfiava de que o homem estava sendo precipitado quanto à análise das próprias emoções. Queria segurança, eis tudo. Porque o homem não era de se desprezar e demonstrava estar profundamente mudado, interessando-se tão intensamente quanto ela pelos assuntos espirituais, razão de sua vida desde muitos anos. Ela estava ainda em idade de procriar, embora não priorizasse esse desejo biológico. Punha tudo na mão de Deus, desde que Deodato lhe garantisse que não iria prejudicar ninguém.

Cada qual amargou os pensamentos durante o final de semana. Deodato admirava a maneira como Josefa tinha deixado tudo em pratos limpos. Meditou muito e concluiu pela verdade: se ela não quisesse aceitá-lo, não teria colocado as coisas de maneira tão evidente, tão determinada, tão pragmática.

É preciso que diga o narrador que tenho tomado a liberdade de explicar, a meu modo, as reações íntimas das personagens. É questão de economia estrutural. Sendo assim, resume-se o que levou vários dias para se desenvolver na mente de cada um.

Por isso, Deodato deliberou procurar Maria. Deus os protegesse da provável desinteligência!

DEODATO E MARIA

Antes que se encerrasse o domingo, Deodato foi à casa de Maria, se é que aquele barraco de um só cômodo pudesse ser assim chamado. Condoeu-se com as condições de miséria em que estava a esposa. Cotejou com o que havia deixado e avaliou que deveria haver muito orgulho em não desejar permanecer no mesmo teto que ele. Suspeitou que o cara que a tinha enganado lhe havia prometido coisa muito superior. Em suma, ele também não estava tão bem instalado, apenas tinha cozinha e banheiro à parte, mas era conforto de rei perto das paupérrimas condições do casebre.

— Com licença. Posso entrar?

Maria estava deitada. A barriga proeminente demonstrava que começava a época dos sacrifícios físicos. Envergonhou-se com a visita mas não perdeu o sangue-frio, porque sabia que o marido não iria até lá para nada que representasse vantagem para ela.

— Não repare na desarrumação. É que não tenho me sentido muito bem.

— Você tem ido ao médico?

— Tenho, sim.

— E tem tomado os remédios?

— O que não ganho no Posto, Antunes providencia.

— Ele tem-me contado.

Conversavam como se nunca houvessem mantido qualquer intimidade. Como dois bons e fraternais amigos. Entendiam-se, se é que podemos dizer que os problemas de um o outro soubesse resolver.

— Que veio fazer aqui?

Desconfiava de que vinha para ela assinar os papéis do divórcio.

— Vim fazer uma consulta. Mas não sei se vou ter jeito de falar, sem deixar Você magoada ou com raiva.

— Você arrumou outra.

— Arrumei e não arrumei.

— Como assim? Ou arrumou ou não arrumou. Não tem essa de talvez com as mulheres. Ou é sim ou é não.

— Pode ser que venha a ser sim. Também pode ser não. Depende de nossa conversa.

— Não estou entendendo. Será que minha opinião tem algum valor?

— Tem muito valor.

— Então, é bom explicar tudo direitinho.

— Estou querendo saber se Você não vai querer pôr obstáculo...

— Por que haveria?

— É que nós temos os filhos pra criar. Por falar nisso, onde estão as meninas?

— Estão vendo o *Sílvio Santos* na vizinha.

— Também Lurdes?

— Isaura fez questão de levar. Assim ela pode tomar leite de graça.

— O teu dinheiro não está dando?

— O dinheiro não dá pra nada. De qualquer jeito, Antunes sempre traz mantimentos.

— É. Eu tenho separado alguma coisa pra Vocês. Você sabe que estou trabalhando no Centro Espírita?

— Antunes me tem colocado a par de tudo.

— Bem, lá eu conheci uma viúva...

— ... cheia de filhos...

— ... sem filhos...

— Aí, Você pensou em vir me contar pra me encher de ciúmes.

— Não fui eu. Foi ela quem me disse pra vir falar com Você.

— E por quê?

— Porque é preciso saber se nosso compromisso está definitivamente rompido. Ou se Você vai querer refazer o nosso lar, voltando a morar comigo e com os nossos filhos.

— Você acha isso possível?

— Eu acho, porque sou obrigado a responder perante Deus sobre tudo o que estou fazendo no mundo. Eu não posso morrer, sem me reconciliar com as pessoas. Foi Jesus quem disse.

— Que é isso agora? Virou religioso? Até parece crente falando.

— Não é bem assim. É que estou compreendendo mais o que se espera das pessoas no mundo. Se quer saber o que penso de tua gravidez...

— Se for pra me ofender, não diga nada.

— Eu acho que Você procurou outro homem, porque eu já não prestava pra nada.

Deodato estava prestes a derramar algumas lágrimas. Maria também estava sensibilizada. Se estivesse em sua vontade, tudo daria para não estar carregando a criança no ventre. Deodato ajuntou:

— Quando a gente traz filhos pro mundo, tem de se responsabilizar por eles. Como essa criança aí tem pai, eu acho que ele deverá querer se responsabilizar...

— Aquele cara não vai se importar com nada. Sabe o que eu acho? Eu acho que Você está querendo livrar tua consciência; está querendo arrumar uma boa desculpa pra não querer ficar comigo e com este filho que não é teu.

— Não é verdade.

— Então diga: se eu quiser voltar a viver com Você, Você deixa a outra mulher?

— Eu vou acolher Você debaixo do meu teto, mas não prometo reatar a vida que tivemos no começo de casados. O que Você fez me deixou muito triste. Só me recuperei

porque pus na cabeça que podia viver mais uns anos sossegado. Só que o homem põe e Deus dispõe. Veja o coitado do Cléber, o que aconteceu com ele. Ele me disse que Você não vai ao hospital faz tempo. Está pra receber alta e vai morar comigo. Eu acho que Gaspar fica com o soldado. Se Você for pra casa, são mais cinco bocas pra alimentar. Lá não tem acomodação...

— Não tem nem nunca teve. Por que agora essa ideia de conforto? Pelo menos tem a televisão...

— Tinha.

— Que é que Você fez com ela?

— Propriamente dito, eu bebi. Mas esses são outros tempos. Agora eu me arrependo do que fiz. E acho que as crianças merecem viver melhor do que estão vivendo aqui com Você. Se Você me liberar do compromisso do casamento, Você volta pra casa e eu vou viver com a viúva.

— Esse é o preço...

— Se não me liberar, Você volta pra casa e nós ficamos juntos, cada um cuidando de sua vida, porque eu não posso responder por mim perante o filho de outro homem.

— Você é um santinho do pau oco, isso sim. Diz que está arrependido mas perdoar... não perdoa.

— Perdoo, sim.

— Perdoa nada!

— Perdoo. Se não perdoasse, não vinha aqui conversar com Você nem oferecia de volta a nossa casa. O que eu não posso é esquecer certas coisas.

— E eu tenho de aceitar essa viúva na boa, sorrindo e cantando de felicidade. O meu marido arrumou outra! Que bom! Como estou contente! Vê se te...

— Não ria de mim nem me ofenda.

Caiu um silêncio de morte naquele ambiente mal iluminado. O cheiro de dejetos humanos fermentados se intensificava. Deodato não contava com a argúcia da mulher. Pensara que, se a levasse para casa, receberia o almejado alvará. Entretanto, ela estava muito sensível e dolorida. Nos últimos tempos, havia meditado sobre a besteira que tinha feito, cedendo logo no primeiro encontro ao homem que a instalara num quarto de hotel. Depois, teve de lutar para afastar um indivíduo que fora lá por pagamento. O que o sujeito queria era jogá-la na vida. E fora tão tonta que até comprara vestidos e badulaques para se enfeitar. Terminou na companhia da irmã, que estava de viagem marcada para o Nordeste. Herdou o barraco com tudo dentro, mas estava pagando caro demais aqueles momentos de desvario e luxúria. Gozara como nunca antes, porque o sujeito era experiente. Pudera, era, simplesmente, cafetão! Mas o sofrimento de agora era insuportável.

Deodato resolveu pôr um ponto final nas suspeitas:

— Amanhã mesmo venho com um carro da Secretaria e carrego tudo pra casa. Você não pode ficar nesta situação. Nem as crianças. Depois a gente resolve o meu caso com a viúva. Seja o que Deus quiser.

Saiu sem ouvir as derradeiras palavras de Maria. Saiu furioso por se deixar envolver sentimentalmente. Como é que iria explicar à outra o desgosto de ver a esposa em tão lamentável condição? No fim, raciocinou:

Afinal de contas, foi ela mesma quem sugeriu que eu conversasse com Maria. E ainda tenho de falar com Cléber, com os protetores, com Jesus e com Deus!...

DEODATO E FILHOS

Na rua, Deodato imaginou que a casa de onde saía alto o som da televisão fosse aquela em que estavam as filhas. Não hesitou. Fazia tempo que desejava abraçar as meninas. Eram saudades ou seriam remorsos? Ambos os sentimentos surtiam do coração para o efeito da necessidade. Chamou por Isaura e por Beatriz. As meninas vieram ver quem estava lá fora. A mais velha trazia a pequenina no colo. Ao verem o pai, ficaram sem ação. Beatriz demorou para reconhecer o homem e só teve ideia de quem era quando a mais velha o chamou de pai.

— Venham até o portão.

Criaram confiança (ou era reflexo do antigo medo?) e se aproximaram.

Deodato não estendeu os braços. Simplesmente se abaixou, pondo-se do mesmo tamanho que elas. E sentou-se no chão de terra, não se importando com a roupa limpa, domingueira.

— Isaura, Você está uma mocinha! Como está bonita! E Beatriz, então, parece uma fadinha!

Fez menção de pegar Lurdes no colo. Isaura não teve a mesma espontaneidade, mas entregou a irmãzinha, que olhava espantada para o homem desconhecido.

O que alguns meses de afastamento faz com a memória das crianças!

Lurdes ameaçou choramingar, mas Isaura explicava:

— É o papai, querida. Você não se lembra dele?

Num impulso de recordação e de ciúme, Beatriz se agarrou no braço do pai, como a indicar que desejava ficar com ele.

— Vocês querem ir viver de novo com papai e mamãe, lá em casa?

Demorou para que Isaura se resolvesse a dar demonstração de que havia entendido a pergunta. Fez que sim com a cabeça como quem está a duvidar de tudo.

Deodato percebeu que não iria conquistar as crianças sem oferecer nada que lhes desse alegria e conforto. Enfiou a mão no bolso e tirou alguns bombons que levava com essa finalidade.

— Vocês vão ver como papai vai ser bonzinho com Vocês. Até televisão eu vou comprar...

Não sabia o que dizer nem como angariar a confiança das meninas.

— Agora vão ver o programa. Papai precisa ir embora. Amanhã, eu venho buscar Vocês todas.

Isaura arriscou:

— A mamãe vai também?

— Vai, sim, querida. Pode ficar sossegada.

Devolveu Lurdes com um beijo na testa, abraçou Beatriz, demoradamente, acarinhou a cabeça de Isaura, levantou-se, enxugando algumas lágrimas, e tomou o rumo da casa de Antunes. Precisava ver Gaspar.

Lá também estavam diante da televisão. Sobre a mesa de centro, bolinhos e café; e refrigerantes para as crianças.

Gaspar estava sentado ao lado do protetor. Quando viu o pai, estendeu os braços para ele. Estava sereno. Gastavam algumas horas por semana conversando.

— Como tem passado o meu menino?

— Bem.

— Aprendeu muita coisa nova na escola?

— Sim.

Substituía por palavras simples os gestos de assentimento que lhe eram mais dificultosos. Antigamente, simplesmente não respondia, limitando-se a esconder o rosto. O progresso era franco, sensível.

Enquanto Odete punha café na xícara, Deodato ensaiava contar a ambos o resultado das tratativas sentimentais. Mas o programa estava absorvendo a atenção da família, de forma que somente pôde sussurrar ao ouvido de Gaspar que iria levá-lo para casa.

Perturbou-se o garoto. Queria interrogar o pai sobre um mundo de ideias mas não conseguia exprimir-se.

— Calma, querido, calma! Eu vou te contar tudo. Fique tranquilo, porque, se Você não quer ir, pode ficar com a família do soldado.

O menino agarrou o pai pelo pescoço, dando demonstração de que não queria largar mais. Deodato interpretou o gesto como de afeição e confiança. Não supôs que Gaspar estivesse pedindo para ir com ele. Imaginou que o menino lhe agradecia a possibilidade de ficar.

As reações do pequeno chamaram a atenção do casal. Foi Antunes quem perguntou:

— Que está acontecendo com Vocês dois? Parece que algo muito grave...

— Não há nada de mais em que o pai queira viver com o filho. É que eu convidei Maria pra voltar pra casa e desejava ver todos os filhos reunidos. Só Gaspar, eu acho que vai estranhar muito.

Inexplicavelmente, foi Odete quem se antecipou:

— Pois ele não está preparado pra mudar de casa nem de escola. Deixe passar um certo tempo, firme o relacionamento com a patroa e, depois, venha buscar o menino.

Antunes reforçou:

— Ela está certa. Espere pra ver como as coisas se arranjam. Maria está em adiantado estado de gravidez e não vai poder dar conta de todos. Por outro lado, Gaspar

está bem na escola, os colegas o respeitam e a professora está contente. Anteontem, a diretora me chamou pra dizer que constatou que o menino não é débil. Na semana que vem, deve ir ao médico, e tua esposa não vai poder levá-lo sem faltar ao serviço. Deixe ele aqui e Odete resolve tudo.

Deodato sabia disso tudo. Sabia que não iria dar conta das tarefas provocadas pelos cuidados com Gaspar. Mas achava que era obrigação dele, pai, dar educação e saúde ao filho. Em todo caso, estavam com a razão. E se não desse certo a volta para Maria?

Antunes arrastou o amigo para fora.

— Vamos conversar.

Gaspar ficou na sala, voltando a interessar-se pelo programa. Gostara da reação dos padrinhos e sentira-se muito seguro. Tinha razão a diretora da escola: ele compreendia muito bem o que se passava em torno.

Lá fora, Deodato contou, mais ou menos, as conversas que tivera com Josefa e com Maria. Fez notar a Antunes que a solução não fora a que mais o satisfaria. De qualquer modo, cumpria o dever com as pessoas que estavam sob sua responsabilidade.

— Você vai ver que tudo vai dar certo.

— Mas aquela criança vai ser uma pedra no meu sapato.

— Se Você se apegar a ela como eu ao Gaspar, vai ver que...

— Mas ela vai representar a traição...

— Que traição, homem?! Você acaba de me contar que deseja ir viver com outra. O que vale pra Você não vale pra ela?

— Mas eu não quero mais nada com ela. Vou fazer um sacrifício, pra cumprir meu dever cármico.

— Se não fizer tudo com muito gosto, nem adianta começar. O Espiritismo ensina que as pessoas devem se amparar umas às outras. Por isso é que fazemos tanta coisa pelos necessitados. Mas se eu me sentir forçado, coagido, atropelado, não sei se vou continuar trabalhando por eles. Antes de mais nada, preciso sentir-me à vontade perante Jesus, aos pés do Supremo Criador. Sem alegria no coração, nenhum sacrifício vai valer de nada.

O discurso punha os temas no lugar, contudo, o coração de Deodato batia em outro ritmo. Os pensamentos vagavam, temerosos, pelos bares. A cabeça girava com as antigas bebedeiras. Os impulsos se continham pela recordação dos desatinos contra as crianças, a mulher, os vizinhos e os companheiros de vadiagem. Ressurgia-lhe a insatisfação de antes, na forma de sensações de insegurança e de descontentamento.

— Não sei se poderei sentir qualquer alegria.

— Você não ama os teus filhos?

— Mas não tenho condições de dar a eles o conforto que Você dá aos teus. Não sinto inveja de tua família, mas eu acho que nunca na vida irei dar aos meus a mesma afeição, o mesmo conforto.

— Só porque estão vendo televisão?

— Também por isso. Mas amanhã mesmo vou comprar um aparelho pra pagar em dez vezes. Pelo menos, não vão lamentar que eu tenha vendido a outra.

— Pode contar comigo como fiador. Depois eu dou *xerox* dos documentos. E vou assinar o endosso, se Você não trouxer o papel aqui em casa.

Deodato queria ouvir alguma palavra que o liberasse para ir morar com a viúva. Antunes, no entanto, extasiara-se com a ideia de que o antigo lar ia ser reconstruído, vendo nisso a força da Doutrina de Kardec. Sentia nas atitudes do amigo a influência dos benfeitores espirituais. Bateu nessa tecla:

— Você está percebendo como é que os protetores da espiritualidade agem? Eles estão induzindo Você a receber de volta os teus. Por certo, estavam muito preocupados com a separação...

Deodato quis aproveitar a deixa:

— Mas foi o Cristo quem disse que veio pra separar e não pra unir...

— Essa desculpa é muito esfarrapada. Queria o Mestre dizer que separava os familiares porque eles não admitiam as mesmas ideias e, pra seguir os ensinamentos do Nazareno, é preciso ter firmado todas as convicções do amor ao Pai e à verdade. Os mártires morriam com toda a família dentro da arena. Não estavam separados. Só sobreviviam os que apostavam, os que faziam como Pedro, negando a si mesmos e a própria fé, os que rejeitavam perante os tribunais os conceitos e as doutrinas evangélicas. Enfim, eu não entendo muito disso, mas acho que tua separação não é aquela citada nas **Escrituras**.

Não tinha cabedal Deodato para responder ao fervor de pregação do amigo. Apenas lhe apertou a mão e lhe sussurrou:

— Se eu precisar de ajuda moral, venho pedir a Você.

— Pode contar comigo e com todo o pessoal do Centro. É pra isso que serve a solidariedade entre as pessoas de mesmo ideal.

O soldado farejou que Deodato estava fraquejando no sentido da frustração que o levava à bebida:

— Fique no café e no refrigerante. Afaste-se da cachaça e da cerveja. Não vá cair na esparrela de que o álcool faz esquecer os problemas. Se se sentir tentado, me procure a qualquer hora do dia ou da noite. Vamos ser fortes pra honrar o sacrifício de Jesus pela humanidade. É tão pouco o que se pede a cada um de nós...

— Às vezes, é muito. Veja Cléber, pobrezinho.

— Eu estou muito triste com o que aconteceu com ele. Mas quem me diz que isso não está refletindo uma necessidade cármica, conforme explicou Kardec?! Vamos fazer tudo que estiver ao nosso alcance pra melhorar as condições de vida dele. Mas devemos entender que todos nós só colhemos o que plantamos e que o Pai nunca vai reservar pra nenhum ser humano um peso maior do que a capacidade de suportar.

A conversa iria prolongar-se por mais uma hora, sempre incentivando a lembrança dos conceitos espíritas, que se adaptavam muito bem às palavras do entusiasmado orador. Nem todas, porém, repercutiam com a mesma força na mente do infeliz pai de família.

Ao se despedirem, Deodato prometeu:

— Amanhã, vou colocar Cléber a par de tudo. Ele precisa saber que o pai está disposto a perdoar. Se ele não me perdoar, paciência! Há de ficar pra outra ocasião, nesta ou noutra encarnação.

— Se Deus quiser, ele vai ser iluminado pelos bons amigos da espiritualidade e vai entender a tua boa vontade e o teu desejo de redenção. Mas, como é ainda muito novo, vamos aguardar que cresça e que compreenda a vida pelas verdades cristãs.

Ambos se admiravam da desenvoltura e da loquacidade do soldado. Deodato atribuía à inteligência e à cultura do amigo. Este se julgava amparado pelos benfeitores da família. Ambos estavam certos.

DEODATO E CLÉBER

Durante o expediente, Deodato tinha a liberdade de sair, desde que notificado o chefe. Utilizava-se muito pouco dessa regalia, de modo que nunca lhe era negada, mesmo porque não sonhava as informações sobre o que iria providenciar. Em outros tempos, às vezes, dava desculpas e ia tomar a sua dose de aguardente. Mas essas eram águas passadas. Agora, fazia questão de relatar tudo bem direitinho, para não dar margem às sérias acusações de desleixo e de aproveitamento do erário. Sabia que o seu salário vinha das contribuições da população e não via razão para...

Parava para pensar a respeito dos grandes desvios de verbas, conforme a imprensa publicava frequentemente. Ouvira duas ou três manifestações de espíritos de peculatórios arrependidos, quando declaravam o muito de sofrimento que tiveram de enfrentar, porque a consciência não perdoa, enquanto não compreende que está em falta para com o Pai por ter ofendido as suas criaturas. Era temor que aumentava com o colorido das descrições, dada a ênfase dos médiuns em retransmitir as expressões de agudos... Nem sempre encontrava a melhor forma de definir os pensamentos, mas a intuição ia firmando-lhe na alma que fazer o bem, em todas as ocasiões, era de rigor, se quisesse evoluir para planos ou esferas mais perfeitas.

Com esses devaneios a lhe conturbarem a limpidez da apreensão da realidade, acabou dando de si quando se viu diante do hospital. Desceu da condução, autômato, imaginando o que diria ao filho para convencê-lo das boas intenções. Mais ainda: da firme determinação de apagar o passado, encetando o trabalho de criação e educação dos filhos.

— Cléber, o teu pai está aí. Você não quer ir recebê-lo na portaria?

Estava sendo incentivado a demonstrar que era capaz de locomover-se com desenvoltura, apoiando-se nas muletas e nas pernas mecânicas ainda precárias. O médico não contava com a antiga indisposição contra o progenitor e admirou-se muito ao ver o rapaz dar de ombros, demonstrando indiferença.

— Ele que venha até o quarto. O que está querendo é me pregar moral e religião.

— Você é quem sabe. De qualquer forma, vou te dar alta ainda esta semana. Basta que o Guarda Antunes me garanta que vai receber Você na casa dele. Pelo que sei, o teu pai está vivendo sozinho, sem condições de te dar o necessário apoio material.

— Eu acho que vou esperar...

— Já não dá mais para manter Você aqui. Há muitas pessoas na fila para serem tratadas. Quando Você estiver mais forte, fazendo regularmente os exercícios de recuperação fisiológica, nós vamos tentar conseguir próteses mais modernas, daquelas que permitem mudar os passos com naturalidade. São caras, mas não...

— Se meus pais fossem ricos...

— Não precisa ser rico. Basta ter um pouco de poupança. Até pode ser usado o Fundo de Garantia...

— Meu pai é funcionário público. Não tem...

— É verdade. Eu também não tenho. Enfim, se os amigos se cotizarem, ajudando com uma verba de trinta ou quarenta por cento, a gente consegue.

— Será que eu posso fazer alguma coisa?

— O que, por exemplo?

— Escrever uma carta pro Presidente da República.

— Não custa tentar. Mas não acredite em milagres.

O médico dava trela ao mocinho, para lhe proporcionar um pouco de tranquilidade mental. Inspirava-lhe segurança com a demonstração de interesse e solidariedade nas acusações contra as injustiças sociais. Descarregava no poder público, para não ouvir lamentações contra a sorte e maldições contra Deus, estas, sim, depressivas demais. Era rústica a atitude, mas o sentimento transmitido era de afeição e de compreensão das necessidades dos mutilados.

— Espere um pouco que vou fazer o teu pai entrar.

— Mudei de ideia. Me leva até o corredor da frente na cadeira de rodas. O salão, eu atravesso sozinho.

Abriu-se em sorriso a fisionomia do médico.

Quando Deodato avistou o filho caminhando em sua direção, não pôde conter as lágrimas. Não era o fato de estar recuperado; era porque ele vinha para ele, como que afirmando que todas as dificuldades morais estavam superadas.

— Meu filho... querido...

Correu ao encontro dele e o abraçou comovidamente.

— Pai, eu preciso que me ajude.

— Eu vou ajudar, Cléber. Eu vou ajudar. Vou fazer tudo que for possível. Vamos pro quarto porque eu tenho muitas coisas pra te contar.

Realmente, a conversa foi demorada. Só ficou faltando, de fato, mencionar que a mãe engravidara fora de casa. E essa informação era desnecessária, uma vez que Cléber sabia muito bem que Deodato não era o pai.

— Resta perguntar se Você está de acordo em vir morar com a gente.

— Eu tenho escolha?

— Você pode pedir pra ser agasalhado pelo Estado. Sempre existe uma ou outra instituição oficial...

— E Antunes? Ele me disse que ia me levar pra casa dele.

— Se ele quiser mais um, eu não vou dizer que não. Mas não sei se Dona Odete vai concordar.

— Pois o Doutor me disse que a minha alta está na mão dele. Ou melhor, que ele precisa garantir que irão cuidar de mim.

— E se ele não garantir?

— Eu não sei. Acho que serei transferido pra um hospital de recuperação.

— Vamos deixar essa decisão nas mãos de Deus. Você vai ver como tudo vai dar certo. Eu prometi pras crianças devolver a televisão que vendi. Assim, se Você for pra casa...

— Eu não preciso de televisão. Ninguém precisa de televisão. É só crime e mais crime. E gente correndo atrás da bola. Guarda o dinheiro pras minhas pernas ortopédicas.

Deodato não havia imaginado que o filho estivesse tão compenetrado a respeito das coisas do mundo. *Gente correndo atrás da bola... E ele sem os pés...* Dimensionava a tragédia do garoto. *Crime e mais crime... Foi assim que terminou aleijado.* As palavras eram muito fortes, na expressão dos sentimentos rudes de perplexidade pela nova condição física e social. Deodato percebia o quanto a sua maldade tinha sido a causa daquela tragédia.

— Está bem. Você tem razão. Ninguém precisa de televisão. Mas as meninas estão acostumadas com certos programas. Então, vou comprar um aparelho de segunda mão, bem baratinho, pra que não pensem que menti. Elas ainda são muito pequenas pra entenderem que as pessoas podem voltar atrás nas decisões.

A conversa havia tornado Cléber melancólico. Não achava certo o pai reunir todos de novo. Era preferível dar as meninas para adoção. Com tanta gente em casa, iam passar fome. Mas calou-se, achando melhor que a vida viesse a ensinar a todo o mundo. *Não foi assim que aconteceu comigo?*

— Eu não posso ficar mais tempo com Você. Hoje não vai dar pra ler nada. Vamos fazer uma prece. Eu tenho de providenciar o carro das coisas de tua mãe.

Cléber não partilhava desse momento de reflexão religiosa. No começo, fingia recolher-se, porque desejava ver o pai ir embora o quanto antes. Nos últimos tempos, ficava admirando a seriedade com que o velho se desincumbia da tarefa espiritual. Recordava-se dos tempos das pancadas e não reconhecia o homem estúpido de antigamente. Saíra de casa para ganhar o mundo. Voltava agora mais dependente do que nunca. *Se houver algum protetor, algum anjo da guarda, é bom que faça com que ele não volte à bebida.* Rezava sem se compenetrar de que o fazia. Mas punha sorriso de muita satisfação na face dos amigos da espiritualidade. E afastava os obsessores, que iam rosar maldições a distância. Desde que o pai frequentava o Centro Espírita e levava o conhecimento cristão ao hospital, a atuação deles estava cada vez mais dificultada, tantas eram as luzes que lhes ofuscavam a visão. Inimigos antigos queriam, por força, fazer com que o rapaz acreditasse na culpa do pai. Chegaram a insuflar-lhe na mente que o desastre foi arquitetado pelos protetores, para impedi-lo de conhecer o mundo, de gozar a vida, de se desferrar da maldade paterna. A persistência, contudo, em trilhar o caminho das virtudes estava tornando-lhes a ascendência muito tênue.

Pai, vai com Deus! Não disse. Só pensou. Mas os eflúvios desse desejo chegaram ao entendimento psíquico do homem.

— Filho, fique com Deus!

FAMÍLIA REUNIDA

Tomar emprestado um caminhão, com motorista e ajudante, foi fácil. A promessa de uma garrafa de aguardente e de futuros préstimos na área do almoxarifado liberaram os amigos, mesmo porque a viagem era curta e o serviço mínimo. A bem da verdade, entre sair da garagem e voltar, não se passaram mais que duas horas.

Foi assim que Maria e as meninas se viram de novo instaladas na antiga residência. Ninguém estava particularmente contente, ainda mais porque o prometido aparelho de televisão lá não estava.

Na noite anterior, Deodato havia procurado pôr tudo em ordem, mais ou menos de acordo com a arrumação da época da mulher. Evidentemente, não conseguiu e, mesmo que estivesse tudo no lugar anterior, sempre haveria do que Maria reclamar. As painéis, sobretudo, estavam encardidas e as roupas, um lixo! No entanto, as prateleiras do armário da cozinha ostentavam mantimentos em boa quantidade.

As poucas coisas trazidas do barraco acomodaram-se perfeitamente, em rápida distribuição. O que ressaltou logo para o marido foram as roupas das filhas, trapos, verdadeiramente. Suspeitou de que eram os uniformes de pedintes envergados recentemente; e não estava nem um pouco longe da verdade.

— Como é que vamos dormir? — Maria estava desejando ficar com a cama de casal só para si. A barriga crescida indicava para esse conforto único.

— Disponha como achar melhor. Você fica com o quarto pra Você e as meninas. Eu durmo na sala. Ponho os colchões dos meninos um em cima do outro e me acomodo muito bem.

Aí, não houve discordância. Porém, o que incomodava a mulher é que não estava na hora de ficar em casa de licença, precisando trabalhar por mais dois meses.

— Quem vai ficar tomando conta das meninas?

— Por alguns reais, eu consigo alguma mocinha da vizinhança. Se não arrumar nenhuma, levo pro Centro Espírita. Lá alguém arruma uma creche. Só que vou precisar levantar bem cedo e elas também. Vou ter de pedir a Você que as prepare. Mas, com essas roupas, vão passar vergonha.

— É o que elas têm. Pode deixar que eu vou falar com as vizinhas. Quanto Você pode pagar?

— Uns dois reais por dia. Trabalhou, ganhou. Pago na hora.

Era a hora da novela das oito. Estava terminando. Certamente, Maria iria encontrar as vizinhas em casa. Aproveitou para ficar vendo o final do capítulo. Tinha levado a menor, que mal andava. De fato, a boa mulher do lado lhe deu biscoitos. Ao sair, ofereceu-se para ajudar:

— Se Você não encontrar ninguém, amanhã as meninas ficam comigo. Mas só amanhã, porque eu não posso arcar com mais despesas.

Solidarizava-se, uma vez que a tragédia que se abatera sobre aquele lar fora por demais comovente. Nem o enredo da telinha era tão pungente, com as personagens sempre ricas, com problemas nas empresas e na política, com casas grandes, verdadeiros palácios, falando bem, indo aos institutos de beleza, frequentando academias luxuosas de ginástica, comendo em restaurantes chiques. Aqueles coitados, sempre repudiados por todos, por causa do moleque mais velho e pelas bebedeiras do pai, é que estavam passando por drama terrível. Na hora em que voltavam a se encontrar sob o mesmo teto, isso deveria ser preservado. Ainda mais que vinha aproximando-se a hora de receber mais uma criança, a qual, pelo que podiam deduzir, nem era do dono da casa. Enfim, como o débil estava sendo agasalhado pelo meganha (que boa alma!), as meninas não iam dar muito trabalho. A vida as ensinara a obedecer.

Ao regressar, Maria encontrou Deodato conversando com as filhas. Era absoluta novidade. Se tivesse acompanhado as visitas dele aos meninos, iria saber que a intenção era de apertar os laços humanitários. Se lhe perguntasse, talvez dissesse que desejava restabelecer os vínculos cármicos, mas, aí, quem não iria entender era ela, que não se dava ao luxo das meditações filosóficas.

— Está ficando tarde e amanhã temos de levantar cedo. Vamos dormir.

Maria estava reassumindo o comando doméstico. Antes, não trabalhava fora e essa condição lhe permitia ficar um pouco mais na cama. Agora, não iria abrir mão dos direitos trabalhistas. Por isso, não podia faltar e eram pesados os encargos que a patroa lhe destinava. Em todo caso, gostava de ver tudo em ordem e da melhor qualidade. Garantia o café da manhã, o almoço, o lanche à tarde e as sobras do jantar. Como não cozinhava, podia levar para casa, sem medo de ser acusada de preparar comida a mais. Era assim que mantinha as filhas bem alimentadas.

Deodato é que não sabia disso, tendo ficado muito admirado quando a marmitta se abriu e revelou boa quantidade de feijão, de arroz e de mistura. Foi no que pensou antes de dormir, reservando o último momento da vigília para requisitar dos protetores que o recebessem durante o sono, livre do corpo carnal, para tratarem do que iria ser melhor para todos: se ele deveria continuar com a esposa ou se deveria juntar-se a Josefa. Era a possibilidade de atender à sugestão da cozinheira.

Quando acordou, lembrava-se vagamente de que havia sonhado com seres estranhos, que lhe diziam coisas desagradáveis, como que apontando para fatos de que fora o responsável. Nada lhe indicava que eram os benfeitores espirituais. Teriam sido seres de baixa categoria? Desconfiou de que a consciência é que criara tais figuras, para o efeito de perceber que fora culpado de todos os acontecimentos trágicos de sua vida. De qualquer modo, não se respondia à questão proposta. Ficava sem saber se deveria ou não

largar a esposa pela outra. Consultou o coração, mas este não lhe dizia nada significativo. Tanto poderia ficar com uma quanto com outra.

Se eu tivesse perdoado Maria, não estava agora querendo saber com quem devo ficar. Basta ver quem está precisando mais de mim. A outra não está assim perdidamente apaixonada. Esta deve estar arrependida do que fez ou, ao menos, insegura, intranquila, sem saber o que o futuro lhe reserva. A criança que vem aí vai ser uma pedra no nosso caminho.

Nessa linha de pensamentos, iria enrolar-se durante todo o expediente. Mas havia preocupação mais imediata: arrumar roupas decentes para as filhas. Sem ter dinheiro para comprar, resolveu passar pela casa de Antunes, com quem pretendia ir ao Centro Espírita, onde havia peças a preço muito módico, restos, inclusive, do último Bazar da Pechincha ou roupas que estavam chegando para o próximo.

Contava encontrar-se com Josefa. Antunes, entretanto, absorveu-lhe a atenção, insistindo em perguntar a respeito de como havia acomodado as coisas com a esposa. Estava comovidíssimo e não se cansava de elogiar a atitude do amigo:

— Você fez muito bem mesmo. Assim que age um verdadeiro espírita, um digno cristão. Se não quiser ficar ajudando na distribuição da sopa, vá pra casa. Aliás, nós vamos entender que deve ir mesmo pra casa, agora que as coisas ainda não se arrumaram. Comprou o aparelho de televisão?

— Resolvi arrumar um de segunda mão.

— Ninguém dá esse tipo de material pro Centro. Contudo, talvez eu possa ver lá no quartel se algum companheiro está disposto a ceder algum que esteja encostado. Você não faz questão de ser em preto e branco?

— Não faço questão de nada. Só deve estar funcionando, porque não vou ter como mandar consertar.

— Então, espere mais uns dias. Houve um tempo em que os colegas se apropriavam do produto dos roubos. Ainda estão nos armazéns muitos aparelhos furtados, apodrecendo, à espera da decisão da Justiça. Mas esses eu não vou pegar...

— Nem eu ia querer que se arriscasse tanto por causa de uma coisa tão sem importância.

— Sem importância não é. Se fosse, não se explicaria o fato de tanta gente passar tantas horas diante desse fascínio colorido. Vamos ver se alguma das senhoras está disposta a arranjar os vestidos e as blusinhas.

De fato, postas a par da situação do confrade, as mulheres fizeram questão de separar diversas peças em boas condições. Deu para fazer uma boa trouxa. Irmanavam-se materialmente na dor, no receio íntimo de não serem úteis a quem tanto estava sofrendo.

Josefa trabalhava na cozinha. Todavia, o ambiente não lhes permitiu a confabulação íntima. Apenas Deodato passou um recado indireto:

— Pessoal, eu estou sendo dispensado por hoje. Preciso cuidar das meninas, que voltaram pra casa. Amanhã ou depois, eu fico pra ajudar.

Antunes ficou, de modo que se despediram ali mesmo.

Em casa, Deodato foi recebido com frieza. Maria estava com as meninas, sem ter o que fazer. Haviã comido e a cozinha estava limpa. Fazia falta o aparelho de televisão. Ainda bem que as crianças tinham assistido aos programas infantis o dia todo. Mas a

vizinha disse que não ia ficar mais com elas. No dia seguinte, começava a vir uma rapariga de seus quatorze anos. Maria ia ter de levantar de madrugada, para deixar a comida preparada.

— Onde é que Você esteve?

Deodato não se apertou. Trazia a consciência muito leve e a cabeça desanuviada. Tempos atrás, teria resmungado uns desaforos, ameaçando com os atos mais impositivos dos murros e dos pontapés. Agora, punha tento em que não era só ele quem estava assumindo de novo as responsabilidades. Maria também estava arcando com sua parte, de forma inusitada, pois não se dava o direito de ficar em casa. O jeito afável do marido inspirou-lhe coragem para um pedido supremo:

— Eu acho que, como as coisas estão indo, Você vai ter de fazer o almoço das crianças, senão como é que eu vou cuidar da roupa e da limpeza de tudo?

Deodato não tinha vocação para as prendas domésticas. Contudo, aqueles últimos meses lhe deram treinamento na cozinha. Não só cozinhava como lavava as louças; mal, mas lavava. Achou justo o que a mulher lhe propôs. Apenas não o declarou peremptoriamente:

— Quando Você estiver mais pesada ou, depois do nascimento, quando voltar ao trabalho, eu não vou deixar Você se apurar. Pode contar comigo.

Enquanto conversavam, Maria ia examinando a trouxa. Pôs defeito em quase tudo, mas teve de concordar que eram bem melhores do que as que possuíam.

— E a televisão?

— Antunes vai ver se me arruma de graça com os colegas de farda. Se não precisar gastar, vamos poder guardar as economias pra comprar as pernas mecânicas...

A lembrança de Cléber amputado pôs lágrimas nos olhos da mãe.

Deodato contou a conversa que tivera com ele mas não chegou a dizer tudo. Maria pôs fim ao assunto, recolhendo-se ao quarto, deixando o marido sozinho e com fome. *Que se vire. Afinal, quem foi o culpado da desgraça do menino?* Começava a descobrir os mecanismos morais do comportamento do marido. *Será que está arrependido do modo como tratava a família? Até onde irá com esse cuidado a respeito de cada criança?* Lembrava-se de Gaspar na casa do soldado. *Com certeza, está só esperando uma oportunidade pra trazer o outro pra casa.* Perturbou-se com a ideia de que estaria rejeitando o próprio filho, por causa das graves lesões mentais. Ouvira dizer que Deus é pai de misericórdia. Fora Antunes quem dissera. Resolveu não pensar mais no assunto. Ia deixar tudo nas mãos de Deus. Dentro da barriga, o feto lhe dava encontrões e pontapés. Enterneceu-se. *Que sorte estará aguardando por este filho do pecado? Deus tenha piedade de sua alma!* Desejou rezar uma ave-maria e um pai-nosso, mas, antes de terminar, já dormia a sono solto.

Na cozinha, Deodato comia um pedaço de pão molhado em café. E ruminava os temas que iria tratar com Josefa. No dia seguinte, haveria reunião mediúcnica. Precisava convencer Maria a não reclamar da ausência ou da demora. Tinha de receber as notícias que decidiriam sobre o futuro de sua vida sentimental.

DEODATO E OS PROTETORES

Enquanto Deodato permanecia na repartição desempenhando as modestas tarefas da rotina, Antunes lhe visitava o lar, onde encontrou as meninas com a guardiã. Brincavam do lado de fora mas correram para dentro, ao verem a viatura policial.

— Venham ver o que eu trouxe pra Vocês.

A molecada da vizinhança já ia fazendo fuzarca em torno do veículo.

Ajudado pelo companheiro, Antunes retirou do banco de trás um aparelho de televisão novinho em folha. Vinte polegadas. Quando instalou na antena externa, viu-se que era colorido. Foi o bastante para maravilhar as três criaturas, uma vez que a mais nova se entretinha com a velha boneca de plástico.

— Está tudo bem? Como é que Você se chama?

— Rosângela.

— Você estuda?

— Já terminei a quarta série.

— E não vai continuar?

— Vou me matricular no período noturno, no ano que vem.

— Meu nome é Guarda Antunes e venho sempre até a casa do Seu Deodato. Eu vou cobrar de Você essa promessa.

Certamente, as dificuldades da vida não iriam impedir a menina de efetuar a matrícula, porque, nessa idade, é importante ter amigas e flertes. Contudo, se arrumasse emprego fixo, adeus escola!

— Diga pra D. Maria que eu espero o Deodato hoje no Centro. De qualquer jeito, se ele for direto pra lá, diga pra ela onde é que ele deve estar. Não se esqueça.

— Eu acho melhor o senhor deixar por escrito.

Antunes considerou a esperteza da Rosângela e escreveu um bilhete sucinto, aliás inútil, uma vez que o casal já havia debatido a necessidade de Deodato pôr as cartas na mesa em relação à viúva. A conversa tinha sido mais ou menos assim:

— Preciso ir ao Centro pra interrogar os amigos da espiritualidade a respeito do que fazer da minha vida.

— Você deve ir pedir orientação, mas se estiver com dúvida. Eu acho que Você está com muita vontade de ir com ela e me deixar aqui com as crianças. Eu não vou impedir Você de fazer o que quiser. Mas devo dizer que ponho de novo as meninas pra pedir esmolas na rua. O que eu ganho não dá...

— Se for essa a decisão que devo tomar, pode ficar tranquila porque parte de meu ordenado eu dou pra Você. Parte, não: dou metade. E ainda vou comprar o que for preciso pros dois meninos.

— Você não ganha tanto.

— Mas vou arrumar outro emprego. Vou ver se me encaixo como segurança, no período da noite. Quem trabalha à noite tem regalias.

— Você acha que vai aguentar, depois de um dia inteiro...

— Só vou saber, se tentar. Às vezes, pode acontecer de largar o emprego de dia...

— Nunca! Depois, quando for a hora da aposentadoria, Você vai sair perdendo, porque o Governo paga bem melhor. Mantém o mesmo salário, enquanto, pros...

— Eu entendo disso tudo. Não vou jogar fora quinze anos de serviço no Estado. Mas, se Deus me ajudar, posso...

— Veja lá o que é mais seguro.

— Essa é só uma ideia que me passou agora. Não precisa ficar preocupada.

Maria pensava na possível pensão, muito mais substancial para os inativos do serviço público do que para os aposentados das empresas particulares. Pensava em si mesma, quando ficasse velha. Deodato que se juntasse com a viúva. Não punha obstáculo. Mas dar o divórcio? Nunca!

— Então, fique sabendo que vou passar pelo Centro antes de vir pra casa.

— Vê se fala com a viúva, de uma vez por todas. Eu também preciso ter certeza das coisas. Se Você não for ficar em casa, vou ter de trazer alguém pra tomar conta das crianças, quando for pra maternidade.

— Não precisa pensar nessas coisas. Eu já disse que providencio tudo.

— Seguro morreu de velho.

Antunes deixou as meninas, tendo observado que vestiam a roupa que dera ao pai na véspera.

À noite, encontraram-se no Centro. Não eram mais do que seis e meia. As atividades teriam início às sete e meia. Tinham uma hora para porem em dia os assuntos.

Antunes contou que havia instalado o televisor; que havia conseguido de um colega que havia ganho numa rifa; que achava muito estranho tanta boa vontade; que suspeitava de que era fruto da apreensão junto a algum ladrão ou receptador; que iria ficar de boca fechada, para não comprometer o companheiro; que achava que isso estava errado; que não podia fazer nada, por enquanto; que pretendia levar uns livros espíritas para que o colega lesse; que, futuramente, iria tentar trazê-lo ao Centro; que as meninas tinham ficado muito alegres; que Rosângela estava cuidando direitinho das outras; que era muito esperta; que desejava que continuasse estudando; etc.

Deodato impacientava-se para ir ter com Josefa, mas não podia dar demonstração desse desejo. Assim, ficaram por ali, até que outros membros da sessão de doutrinação

foram chegando. Quando Antunes entabulou conversa com um dos amigos, Deodato desapareceu.

Na cozinha, Josefa providenciava a sopa a ser distribuída durante a noite, para os indigentes. Ela não acompanhava o pessoal, porque se cansava demais ao encher tantos caldeirões. Havia várias cozinheiras, mas Josefa é quem assumia o comando.

Deodato foi dizendo:

— Hoje não vou poder acompanhar a turma na distribuição. Avisem os outros quando chegarem. Só vim pra sessão. Aliás, está quase na hora. Alguma de Vocês vai ficar na reunião?

Josefa e mais duas confirmaram que iriam. As outras três disseram que iam ter de deixar tudo pronto. Mas não ligavam para comparecer no salão, porque não gostavam de ficar ouvindo as recriminações contra os maus pensamentos, contra a língua solta, contra a precariedade da fé, contra a superstição e demais censuras costumeiras.

Deodato tomou assento junto à mesa em que Josefa descascava batatinhas e, quando as outras se distraíram, fez-lhe sinal de que precisavam conversar. A resposta da outra foi dar-lhe uma faca:

— Não vai ficar aí sem fazer nada. Ajuda a descascar as batatas. Isso não é serviço de homem, eu sei; mas a caridade, aqui nesta Casa, não tem sexo.

As outras gostaram da observação desbocada contra o machismo do espécime presente. Mas Deodato não se apertou:

— Vivi sozinho durante bom tempo. Essas coisas que Vocês fazem, eu também faço. Não tem vantagem nenhuma.

— Faz como o teu nariz. Faça o favor de só tirar a casca. Olha esses pedaços de batata que Você está jogando fora.

Meia hora depois, saíam os quatro em busca de se acomodarem no salão principal. Prudentemente, Josefa se sentou na ponta da fileira, deixando as outras duas entre ela e Deodato. Seria muito arriscada qualquer tentativa de intimidade naquele local sagrado, como se essa providência pudesse impedir de os espíritos superiores lerem no coração ou na mente de ambos. A ideia passou num relance pela cabeça da cozinheira. *Será que estou recebendo influência dos protetores?* A pergunta ficaria sem resposta.

Durante a reunião, João se manifestou e proferiu rápida palestra a respeito da necessidade de se cumprirem as obrigações assumidas anteriormente, quando os espíritos se preparam para encarnar. Exortava os presentes a se manterem fiéis aos laços de sangue, mesmo quando tudo parecia estar dando errado na vida.

— *A eternidade não conta tempo, afirmava, de sorte que, uma hora ou outra, tudo termina por ser esclarecido no etéreo, momento em que os espíritos simpáticos entre si se aproximam, para se reunirem segundo a afeição que sentem um pelo outro. Quem deseja muito fazer o bem é porque tem o pressentimento da necessidade de reatar vínculos rompidos. Desse modo, o sacrifício se justifica.*

Proseguiu desenvolvendo o tema, mas tanto Deodato quanto Josefa se perderam em devaneios sobre tais pensamentos, que tão de perto respondiam às suas questões íntimas.

Deodato se lembrou de que faltava consultar o Senhor. Ali mesmo, enquanto se desenvolviam os trabalhos mediúnicos, orou diversas preces, pedindo forças e lucidez para

levar avante o projeto de cuidar dos filhos. Não fez menção à esposa, mas insistia em que o sentimento do perdão é que deveria prevalecer na família, caso contrário, não iriam evoluir. Deu de barato que já perdoara Maria, lembrando que a reinstalara em casa, mas não aprofundou o exame desse sentimento. Temia não estar sendo sincero. Segundo seu ponto de vista, nada estava definitivamente resolvido quanto à união com a viúva. Era preciso, conforme dissera o expositor espiritual, dar tempo ao tempo.

Quando as luzes foram acesas, um bom observador teria visto certa inflamação nos olhos do almoxarife. Mas as sensações dos trabalhos persistiam na mente de cada trabalhador e de cada assistente, no sentido de levar todos eles a íntimas reflexões. Os mais experientes davam a reunião por encerrada e se preparavam para a jornada da caridade, na distribuição da sopa pelas vielas escuras, na busca dos miseráveis.

Josefa voltou sozinha para casa.

CONVERSA LEAL E FRANCA

Maria esperava o marido com ansiedade. Tinha a certeza de que voltaria com a resposta definitiva a respeito do destino que daria à vida. Julgava que, no ambiente do Centro Espírita, havia facilidade para a troca de confidências e de carícias, na escuridão em que ficavam imersas as pessoas. Imaginava que os médiuns produziam barulho, batucando sobre os tambores, encobrendo os relacionamentos lascivos dos amantes. Punha um inferno carnal de lubricidade no ânimo dos que se rejubilavam em saber que a morte não era o fim dos desejos e dos vícios. Deixara-se influenciar pelas novelas, onde os terreiros da Umbanda são mostrados como terríveis centros de perversidade, principalmente pelas danças e pela inconsciência das pessoas, como se possuídas estivessem por demônios. No fundo, tinha grande medo e preferia ficar absorta na televisão, acreditando que Deus iria perdoar todos os pecados do mundo, bastando ter sofrido na vida. E ela estava bem sortida de dores e angústias, tendo em vista os desacertos dos filhos e do marido. Ainda bem que Deodato estava recuperado. Aliás, pensando bem, concluía que estava muito melhorado e punha o feito como resultante da benquerença da desconhecida viúva, que lhe deveria estar dando amplas satisfações sentimentais e sexuais. Fora esse o principal pensamento que a levava a aceitar o retorno ao lar, uma vez que carregava a vergonha do adultério na proeminência da barriga. Não admitiria ser acusada de nada, porque tinha para si que o marido vivera sempre muito livre, conquanto nunca comprovara nenhuma traição. Nem a vizinhança viera soprar coisas em seus ouvidos. Entretanto, o interesse demonstrado pela outra mulher fazia suspeitar de escorregadelas durante o tempo em que...

Nessa altura das divagações, aborrecia-se, porque não podia jogar na cara dele nenhuma prova concludente. Acrescentava que, se não fosse do jeito que conjeturava, ele não teria tido tanta paciência para com ela, uma vez que não lhe endereçou nenhum termo ofensivo, limitando-se a afastar-se fisicamente, ao contrário, do aspecto moral, que não ofendera nenhuma vez.

Pensava em dizer-lhe para ficar. Pensava também em mandá-lo embora. Não sentia nenhuma necessidade de sua companhia. O tempo que passou fora esteve bem. Não se intimidava com o fato de os filhos terem ficado dispersos. Mantivera o feto na barriga nem sabia direito por quê. Aquele policial estava farejando pelo local, como se estivesse determinado a surpreender qualquer ato criminoso, para apanhá-la com a boca na botija. Durante a época que viera ler para Cléber, parecia inteiramente dedicado a fazer o bem.

Depois, desaparecera. Levava os tiros mas não mandara nenhum recado. *Por que, perguntava-se, o marido se agarrara tanto a ele?* Aí, voltava a pensar nas licenciosidades do Centro e nas relações íntimas com a viúva.

Esses pensamentos não evoluíam. Ficavam rodopiando pela mente da coitada, criando foros de verdade, como se a cristalização das mesmas suposições se incrustasse por dentro do cérebro, criando profundas raízes.

Quando Deodato chegou, as meninas dormiam. Maria estava com a televisão ligada, porém, não prestava atenção no vídeo. Também não dormia, apesar de cansada. Parecia-lhe que a vida iria decidir-se naquela noite.

— Conversou com ela?

— Não.

— Mas eu não lhe falei...

— Não deu.

— Como não deu?

— Eu não quero falar na frente das pessoas.

— Pois chamasse a mulher pra um canto.

— E Você pensa que é fácil? Lá todo mundo trabalha. Não dá pra ficar dando bandeira.

— Que bandeira, que nada! É só pôr as cartas na mesa. O que está certo está certo; e fim.

— Eu não quero que as pessoas falem dela. Se for pra fazer alguma coisa, vou fazer bem feito.

— Duvido e faço pouco.

— Que quer dizer com isso?

— Você pensa que vou acreditar que Vocês ainda não...

— Não diga mais nada. Nós não fizemos nada. Nem eu propus nem ela deu chance nem provocou. A nossa conversa foi a de duas pessoas que não se conhecem e que são apresentadas.

— Nada de abraços nem de beijos no escurinho?

— Você está fazendo ideia errada...

— Você é que está querendo me enganar.

— Não tenho nenhum motivo. Se tivesse feito alguma coisa com ela, eu te diria, sem vergonha nenhuma. As minhas bebedeiras, eu nunca escondi. Agora, estou sentido, porque dei tanta preocupação a Você e às crianças...

As palavras de Deodato despertavam a maior surpresa na esposa. Não o supunha tão consciente. Começava a acreditar em que não houvera nada mesmo entre os dois. Então, havia a esperança de ele ficar, para tomar conta dos filhos, pelo menos.

— Quando Você pretende conversar com ela?

— Eu acho que Você ainda não me deu a resposta definitiva. Quando eu lhe perguntei se queria manter o casamento, era pra vivermos juntos. Devo dizer, a bem da verdade, que, no começo, não queria ver Você nunca mais. Se não fosse Josefa (desculpa falar o nome dela), eu não teria procurado Você. Mas estes últimos dias estão me lembrando do tempo em que nos conhecemos. Se Você me aceitar, eu posso ficar vivendo

aqui em casa. Do jeito que estamos. Até que nasça a criança. Aí, nós podemos ver como é que vamos levar a vida, com Cléber e com Gaspar aqui juntos.

— Como é que Você tem se virado?...

— Não estou me virando com ninguém.

Maria despertava para os desejos sexuais, contudo, não se atrevia a se aproximar. Queria dar uma indireta, mas não achava a palavra mais propícia, com medo de ser revidada agressivamente. Afinal, era patente que tivera outro homem. E Deodato insistindo em que não houvera outra mulher... Resolveu humilhar-se:

— Você nunca teve outra mulher?

— Só quando era solteiro. Mas isso Você sempre soube.

— Nem uma vez, depois de casado?...

— Nunca precisei. Nossa vida era muito boa, até que os filhos começaram a causar tantos transtornos. Quando caí na bebida, tudo ficou pior. Eu pensava que, se me aproximasse de Você, iria ter de alimentar mais uma boca e aturar mais desaforos ou cabeças de retardados. Estava ficando maluco. Agora eu sei que devo agradecer a Deus cada uma das crianças. Devo também fazer de tudo pra dar um pouco de conforto e de amor. Mesmo que Você não me queira ao teu lado, pelas crianças eu fico aqui, até o fim.

Estavam sentados ao lado um do outro. Maria, fez menção de pegar na mão do marido. Este recolheu o braço.

— Não precisa se rebaixar...

— Preciso pedir perdão...

— Eu fui culpado de tudo, até desse filho que Você carrega...

— Você não foi culpado de nada. Não é fácil...

— Talvez não fosse fácil antes. Agora, vai ser possível. Você vai ver. Mas eu não quero que Você rasteje porque errou. Quem é que não erra? Não foi Jesus quem mandou atirar a primeira pedra?...

Essas tiradas evangélicas desconcertavam a pobre mulher. Em sua cabeça, o marido devia estar vivendo tremenda confusão, tendo os espíritos a lhe fustigarem a cabeça com suas maldades. No entanto, aparecia equilibrado, ponderado, com ideias de perdão, de trabalho, de amor.

— Se Você acha que dá pra voltar a viver comigo, numa boa, então, fique. Diga pra viúva que ela tinha razão, que eu estou precisando de Você muito mais do que ela.

Cada vez mais Deodato se frustrava quanto às intenções de se ver livre dos problemas de casamento em desalinho total. No íntimo da alma, queria ouvir da mulher que o dispensava, que desejava viver sozinha, que bastava aquela metade do salário. Não se alegrava com a decisão de aceitá-lo outra vez. Temia volver à bebida. Era o temor assombrado das coisas indefinidas. Não podia ter certeza do futuro, quando Cléber, Gaspar e a outra criança estivessem com eles. Com a cabeça pensando mais claro, sem os eflúvios do álcool, lembrava-se de que existia uma vida carnal a recompor. Com Josefa, essa parte estaria satisfeita. Com Maria, havia elementos de repulsa, de repugnância, de ressentimento, de raiva. Não atirava pedras, não arremessava palavras, mas arremetia os pensamentos e os sentimentos num remoinho de emoções desencontradas, parecendo que Jesus estava no fundo da imaginação, desaprovando os revolteios mentais. Adquirira as noções básicas mas não criara a necessidade de pautar o procedimento pelas normas e

leis evangélicas. Se conseguisse consultar o protetor, iria surpreender-se pela alegria que este estava sentindo. Se pudesse ouvi-lo, iria admirar-se pela expressão de encorajamento, extraída diretamente da concepção dos que almejam melhorar-se, pensando mais nos outros do que em si mesmos. Havia egoísmo e isso o benfeitor espiritual não negaria. Mas havia também comiseração, solidariedade, desejo de acertar e repúdio ao passado de falhas.

Maria não insistiu em acariciar a mão de Deodato. Sentiu que havia algo não resolvido e que o marido não voltara especialmente para restabelecer os laços matrimoniais. Estava sendo movido pela piedade paternal. E estava desejoso de envolvê-la na responsabilidade de criação dos filhos. No entanto, achou que era sincero, que estava pondo, como ela pedira, todas as cartas na mesa. Intuiu que deveria dar mais tempo ao tempo. Olhou para a barriga e amaldiçoou os dias de irreflexão. Sentia, porém, muita ternura pelo ser que se movimentava em seu ventre. Envolvia-se no halo da maternidade e se deixava embalar pelas sensações mais gloriosas de seu privilégio de mulher.

PREPARA-SE A ALTA DE CLÉBER

Durante a semana, Antunes compareceu ao hospital três vezes. Recebera recado para preparar-se para a alta do rapaz. Tinha de providenciar uma cadeira de rodas e condução adequada, além de diversos medicamentos em falta na farmácia da Assistente Social.

Assim que recebeu o primeiro aviso, foi dar notícia a Deodato, no serviço. Encontrou-o muito pensativo:

— Que preocupação é essa?

— O que traz Você aqui?

— O teu filho vai pra casa esta semana.

— Pra minha ou pra tua?

— Pra minha, a menos que Você deseje causar mais problemas a tua mulher.

— E Odete não vai ficar cheia...

— Ela concorda que o mocinho passe uns tempos lá. Vai ser bom pro irmão e ambos poderão...

— Eles nunca se deram. O mais velho sempre foi muito birrento e o mais novo não conseguia seguir os pensamentos dele.

— Agora as condições são outras. Gaspar tem ido bem na escola. Ainda não escreve, mas tem lido tudo que lhe cai nas mãos. Toda semana, Naninho passa pela biblioteca pública e traz um ou dois livros novos. Faltam uns oito dias pra consulta dele. Você vai ver como as coisas vão melhorar. Você quer ir comigo ao hospital, na hora do almoço?

— Posso ir, mas devo estar de volta às duas.

— Eu levo e trago. As minhas rondas são *pro forma*, pois não estou em condições de enfrentar a bandidagem. Vou com os companheiros na viatura e o mais que faço é lidar com o rádio. Regalias da promoção. Também faço os relatórios. Isso é trabalho muito leve, que tiro de letra. Quando preciso ir a qualquer lugar fora do serviço, eles me levam e depois vão buscar. Eu sei que isso não vai durar, mas, enquanto não me dão trabalho mais duro, vou aproveitando.

— Deus te ajude e não se esqueça de mim!

— É verdade. Você não me disse o que o traz tão preocupado. Parece um defunto. Ontem estava meio jururu. Saiu cedo do Centro. Que se passa?

— Conversei com Maria. Ela quer que eu fique com ela. Mas eu não sei como é que vai ser.

— Deixa pra lá. O que tem de acontecer acontece. Vocês brigaram?

— Ao contrário, mantivemos um bom relacionamento.

— Então, vamos pôr as coisas nas mãos de Deus. Ao meio-dia, eu venho te buscar.

De fato, ao meio-dia e meio, estavam conversando com Cléber.

— Pai, eu gostaria de ir pra casa. Eu sei que a mãe não vai poder cuidar de mim, mas eu me viro sozinho.

— O Guarda Antunes quer levar Você pra ficar junto de Gaspar.

— Ele falou comigo. Mas eu acho que vou ficar melhor cuidando de mim mesmo. Quero ser o mais independente possível. Ele prometeu fazer umas visitas e levar mantimentos e remédios.

— Você não me disse nada disso.

— Queria que Cléber falasse com Você de viva voz. Achei que podia mudar de ideia.

— Não mudei. Quero experimentar...

— Eu acho que era melhor ouvir o que Antunes tem pra dizer. Ele sabe mais que Você e que eu. Eu sou teu pai e gostaria de ver Você lá em casa. Mas não sei se vou poder arcar com mais as tuas despesas.

— Eu vou procurar ser útil. Se me derem alguma coisa pra fazer em casa, logo pego prática. Se ficar com o Gaspar, vou ficar desesperado com aquele cabeça-dura.

Antunes não podia acreditar que Cléber realmente estivesse desejando voltar para a casinha sem conforto. Desconfiava de que tramava algo. Mas não atinava com o quê. Seria para causar mais problemas ao pai? Estaria preparando alguma vingança? Os modos atuais apontavam para a reconciliação, contudo, já aprontara tantas que não seria de admirar se quisesse desferrar as pernas amputadas. Ficaria de sobreaviso.

Quando o médico chegou, confirmou que daria alta na sexta-feira. Tinham três dias para providenciar tudo.

Naquela mesma noite, Deodato sondou Maria quanto a irem juntos ao Centro Espírita. Imaginou que teria de enfrentar os olhares curiosos das pessoas que sabiam de sua separação. Por outro lado, poderia apresentar as rivais. Quem sabe lhe dariam alguma solução inesperada para a esdrúxula situação sentimental que havia criado.

— Vou pensar. Com Cléber em vias de chegar, preciso preparar tudo em casa pra acomodar ele. Vai ter de ficar na sala com Você. As meninas têm medo dele.

— Será que elas se lembram das malvadezas?

— Se lembram, sim, e como! Mas eu não disse nada a elas.

A conversa se passava no quarto, com a porta fechada. As meninas estavam vendo televisão. Maria agarrou o braço do marido, sem violência, afetivamente.

Deodato ficou sem saber como reagir. Não moveu um músculo para retribuir ao carinhoso apelo. Levantou-se, desprendendo-se suavemente das mãos que se deixaram descair. Maria olhava fixamente para os olhos dele. Sem lágrimas e sem palavras. Deodato apenas deixou escapar uma frase:

— Amanhã vai ser um bom dia pra irmos ao Centro.

E saiu.

Quando o casal chegou ao Centro, despertou a maior curiosidade. Mas ninguém se atreveu a perguntar muito. Enquanto esperavam Antunes, sentados no salão principal, as pessoas vinham chegando. Deodato ia apresentando a mulher aos conhecidos. Ninguém tomava a liberdade de vir especular a presença da esposa. Os dirigentes olhavam de longe, acenavam e não se aproximavam.

Antunes muito se admirou de ver a mulher ali.

— Ulalá! Que felicidade! Bons olhos te vejam! Tenho boas novidades pra Você. Arranjei a cadeira de rodas. Não foi difícil. Um companheiro perdeu o pai recentemente e a cadeira está em desuso. Vai emprestar, até que a gente arrume uma definitiva, do tamanho adequado.

— Muito obrigado, amigo! — Deodato reconhecia que Antunes estava empenhado em cumprir as promessas. Não duvidava que estivesse mesmo frustrado por não ter convencido Cléber a acompanhá-lo.

la por aí a conversa, quando Josefa veio ao encontro deles. Fora avisada na cozinha da presença da esposa de Deodato e se despachou imediatamente para o entendimento que julgava de lei.

— Deus te abençoe, querida irmã! Eu sou a Josefa que o teu marido deve ter falado. Graças a Deus que Você veio até o Centro! Agora tudo vai ficar claro pra tua compreensão. Rezei muito pra que o casal se unisse, se fosse esse o destino de ambos.

Deodato não sabia o que dizer. Maria gostou dos modos da viúva. Não fazia ideia de que poderia aceitar tão pacificamente a perda do homem por quem se interessara. Compreendia, finalmente, que era verdade o que o marido dissera sobre ter sido ela quem o incentivara a procurar resolver os problemas antigos, antes de criar um novo lar. Mas não disse palavra, com medo de não corresponder à lucidez da outra. Apenas estendeu o braço, oferecendo a mão para o aperto da polidez social.

Josefa, entretanto, se espremeu no estreito corredor entre as cadeiras, empurrou as que estavam na frente, fez espaço, puxou a grávida para si e a apertou demoradamente contra o peito, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Esteja certa de que o teu marido gosta de Você e que só está procurando um motivo pra se reconciliar de vez. Deus te ajude, irmãzinha!

Pela primeira vez, durante todos aqueles meses, brotaram lágrimas dos olhos de Maria. Mas não aninhou a cabeça no peito do marido, como seria de se esperar. Pegou um lenço no bolso e mergulhou a cara nele. Precisava esconder a vergonha. Quando levantou a cabeça, Antunes e a viúva haviam desaparecido. Só Deodato estava sentado no mesmo lugar, olhos vazios perdidos no espaço.

Em silêncio ficaram até o início da palestra.

O orador falou sobre a necessidade de os médiuns se resguardarem dos maus pensamentos nos dias de sessão. Houve quem fizesse perguntas. Quarenta e cinco minutos depois, iniciava-se a sessão de passes, para o que se formou uma fila, a partir de uma das portas laterais.

— Você quer tomar passe?

— Que é isso?

— Você entra. Senta. Põe as mãos sobre os joelhos, com as palmas pra cima. Fecha os olhos. Faz uma oração. Pode ser o pai-nosso. Enquanto isso, uma pessoa reza por Você, pedindo aos bons espíritos que tirem tudo que encontrarem de ruim: encostos, maus fluidos etc. Se não fizer bem, mal não vai fazer.

— Vamos lá.

Maria não era tão ignorante que não soubesse o que era uma benzedeira. Imaginou alguma coisa assim e foi tomar lugar na fila.

Ali, uma senhora perguntou a Deodato se era o primeiro filho. Não se apertou, parecendo ter a resposta na ponta da língua:

— O sexto. Dois meninos e três meninas. Esse aí também é menino.

— Hoje em dia, os exames mostram claramente o sexo das crianças. Até está perdendo a graça.

Maria não quis participar da conversa. Fingiu estar concentrada numa oração, movimentando sutilmente os lábios. A curiosa se calou e Deodato passou o braço em torno dos ombros da mulher. Sentiu um estremecimento que lhe foi transmitido involuntariamente pela esposa. Percebeu que o rosto se ruborizava, mas se manteve firme. Lembrava-se da atitude de Josefa. Não havia mais dúvida possível: iria voltar para a esposa. *Seja o que Deus quiser!...*

Naquela noite, Deodato reassumiu seu lugar no leito conjugal.

CLÉBER FOGUE DE CASA

Quando Cléber desceu da ambulância, nos braços de dois enfermeiros, já estava cercado pela pivetada da região. Reconheceu os amigos da *trempe*, que chamavam por ele no coro que se estabeleceu. Estava sendo recebido como verdadeiro herói.

Todavia, se alguém esperava ver os tocos que sobraram abaixo dos joelhos, deve ter-se desiludido, porque as calças compridas escondiam as pernas de madeira e os sapatos disfarçavam a ausência dos pés.

Veio a cadeira de rodas e as muletas foram colocadas ao lado, enquanto muita gente se aproximava para uma palavra de ânimo e de conforto. Muitos sabiam da desencarnação do bandido que o ferira e vinham satisfazer-lhe o espírito de vingança, afirmando que fora bem feito, que Deus encontrara o meio de fazer justiça.

Estranhamente, tais palavras não repercutiam na sensibilidade do rapaz, muito mais interessado em abraçar os velhos amigos e o pessoal da família.

Antunes havia levado Gaspar, que esperava a vez ao lado das irmãs e da mãe, junto à porta da casa. Deodato é que fazia a recepção dos vizinhos e recebia um ou outro presente, quase sempre de fundo religioso: um terço, a imagem de um santo, uma gravura, calças e camisas em bom estado e até dinheiro dos mais próximos, que conheciam a necessidade da compra das pernas mecânicas. O bairro se solidarizava, principalmente por saber que o casal havia feito as pazes e que havia devolvido o teto aos filhos.

Quando amainou o tumulto, Antunes fez sinal que desejava falar:

— Pessoal, em nome da família de Cléber, agradeço a ajuda e a compreensão de todos. Mas muito mais eles irão precisar daqui pra frente, não só em bens materiais mas em apoio fraterno, em nome de Jesus Cristo. Agora, Cléber precisa entrar mas eu sei que irá agradecer a cada um de Vocês nos próximos dias.

Quando Cléber foi sendo levado para dentro, agarrou os dois colegas mais chegados e pediu a eles que voltassem no dia seguinte de manhã.

Gaspar tinha lágrimas nos olhos, o que não ocorria com as meninas, novas demais para entenderem direito aquele drama. Maria tremia de emoção e de medo de ser recriminada por ter desleixado as visitas. Além do mais, a barriga se mostrava teimosamente proeminente, impossível de ser disfarçada.

Cléber fez menção de querer apanhar as muletas, mas o pai o impediu:

— Fique um pouco mais na cadeira, porque o pessoal pode derrubar Você.

Sábria previsão. Se estivesse de pé, teria levado forte encontrão de Gaspar, que se atirou para diante dele, assim que o viu próximo da porta. Não disseram palavra, mas Cléber muito se admirou da visível emoção do mais novo. As meninas, entretanto, se refugiaram atrás das saias da mãe que levava a mais nova no colo.

Foi quando Cléber notou a presença de uma juvenzinha que procurava pôr ordem nos sentimentos das duas mais velhas. Mas não teve tempo de decifrar o mistério. Logo a mãe o abraçou, em lágrimas, pedindo perdão:

— Meu filho, perdoa a tua mãe por não ter dado...

As expressões se perdiam nos soluços.

Deodato também estava constrangido. Não fora Antunes, que determinava isto e mais aquilo, teria ajoelhado ali mesmo na rua, para rogar perdão ao filho.

Nenhuma das atitudes, contudo, comoviam o rapaz, que foi levado para dentro meio aos trancos, já que havia dois degraus dando acesso ao interior da casa.

Na sala, sobre a cômoda que fazia papel de despensa e de guarda-louça, imperava o aparelho de televisão, esquecido ligado, lançando as notas repetidas e cansativas de promoção de saldos, em tantas vezes...

Cléber não se conteve e gritou:

— Desliguem esse aparelho!

Foi atendido na hora, mas sobre todo o povo caiu pesado silêncio, no ambiente de dor.

Na manhã seguinte, compareceram os amigos convocados.

— Me tirem daqui, porque não estou aguentando mais.

— Que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Só que eu quis que a televisão ficasse desligada e todo o mundo virou a cara pra mim. Meu pai me levou pra fora e conversou um pouco. Minha mãe ficou com as outras, deixando o aparelho ligado bem baixinho. Quando entrei, foi uma choradeira só. Preferia ficar no hospital. Pelo menos lá tinha sossego.

— Que é que vamos fazer?

— Vamos dar uma volta por aí. Me levem pra casa de minha tia. Não fica longe. Eu quero ver como é que está. Se der certo, fico lá.

— Como vamos entrar?

— A chave está comigo. Peguei na gaveta.

Enquanto o carrinho ia sendo empurrado em meio aos buracos da via em terra batida, Cléber ia revelando o plano que levava tempo vinha imaginando:

— Preciso ganhar dinheiro pra comprar as pernas mecânicas, senão vou passar o resto da minha vida dependendo dos outros. Eu acho que as pessoas vão ficar sentidas ao me verem sem pernas. Vocês me levam pra uma rua movimentada e ficam de longe vigiando, guardando a cadeira. Eu ponho as muletas do lado e arrumo uns arames e outros apetrechos pra fazer artesanato, como se estivesse trabalhando. Vou deixar as pernas bem à vista. Aposto que vamos faturar muito dinheiro. Vai sobrar pra Vocês também.

— Bem bolado, disse o amigo mais falante, mas se tiver algum dono do ponto, Você vai se estrear.

— Já pensei em tudo. Se vierem me achacar, eu combino um preço justo que eu posso pagar. Com o tempo, a gente pega jeito e as coisas vão melhorar.

— E aquele soldado que está sempre por aí?

— Vocês ficam de olho nele. Se aparecer, me avisam. Podem deixar que eu me viro. Aquele cara é muito ingênuo. Pensa que pode salvar o mundo. Vocês viram a televisão que ele arrumou? Pois, na hora certa, passo ela nos cobres e faço mais algum. Quem é que vai me impedir? Arrumo outro aparelho de segunda mão e todos vão ficar contentes. Como é que Vocês estão se virando?

— Meu pai não pode mais comigo. Depois que fiquei mais graúdo, ele não me pega mais. Quando fica muito bravo, eu fujo. Aí minha mãe vem atrás de mim e, tudo bem, as coisas ficam esquecidas.

Cléber estava curioso para saber o que eles estavam fazendo para arrumar dinheiro. Queria saber o que estavam fumando, se cigarro ou se maconha.

— Baseado, meu irmão, que é muito mais gostoso.

— Nunca experimentei. Mas Vocês estão viciados?

— Eu não estou. Fumo um ou dois por semana e fico na minha.

O outro resolveu intervir:

— Mentira! Você fuma tanto quanto eu: sempre que tem. O diabo é que custa caro e a gente tem de se virar na praça, enfiando a mão nas calças...

— Viraram trombadinhas...

— É isso aí.

— Prestem atenção. Eu não tenho nada com o vício de Vocês. Mas não posso entrar nessa, porque os remédios são perigosos. O médico me explicou. Se Vocês me ajudarem, eu prometo que vão receber bem mais do que estão conseguindo. Tem alguém disposto a ficar comigo na casa de minha tia?

Um disse que sim. O outro achou perigoso:

— Ele pode ir porque não tem pai. O velho vai me buscar assim que ficar sabendo onde eu morar. É melhor Vocês ficarem mais sossegados. Juliano ajuda Você nas necessidades. Pelo menos até ficar mais forte.

— Eu estou bem forte.

— Mas não consegue se mexer sozinho.

— Consigo, com as muletas.

— Dá pra fugir da polícia?

Cléber percebeu que o *handicap* para as esmolas era a desvantagem para a fuga. Mas não se deu por vencido:

— Já estamos chegando. Vamos ver como estão as coisas no barraco. Se precisar de arrumação, eu acho que até minha mãe é capaz de vir dar um jeito. Eu sou um peso muito grande pra ela carregar.

O lugar estava péssimo. Uma fedentina. Tinham entrado e levado tudo que pudesse ser vendido ou aproveitado. Não havia uma panela, um prato, uma cadeira. A cama, toda arrebitada. Nenhuma peça de roupa. Os fios elétricos, arrancados. Até as paredes teriam sido levadas, se o dono do barraco não tivesse espantado os intrusos.

— Será que minha mãe está sabendo como está isto daqui?

Chegou um sujeito gritando:

— Pra fora daqui todos Vocês.

Os dois que podiam correram. Cléber lá ficou, apalermado, esperando um safanão. Não contava com a comiseração que seu estado produzia no espírito das pessoas.

Ao ver a cadeira de rodas, o recém chegado amainou:

— Que é que Vocês estão querendo?

— A minha tia morava aqui. Depois foi minha mãe. Eu entrei com a chave dela, apesar da fechadura quebrada. Quem é Você?

— Eu sou o dono do barraco. Só não aluguei pra outro porque o aluguel está pago por dois meses. A tua mãe não vai voltar mais?

— E onde Você pôs as coisas dela?

— Eu não peguei nada. Entraram e levaram. Aqui não se pode deixar nada abandonado. Em dois dias, limpam tudo.

— Quer dizer que vai ficar por isso mesmo?

— Vai Você atrás dos gatunos. Chama a polícia.

— Pois eu vou ficar morando aqui. Eu e meus amigos. Vou colocar tudo em ordem e vou chamar meu pai e o amigo dele, o Guarda Antunes. Você conhece?

— Já andou por aqui.

— Então, fica sabendo que estou assumindo as contas, quando chegar o dia.

Meia hora depois, punham em prática o plano da mendicância. Em uma hora de exposição aos olhos do povo, os tocos de pernas arrecadaram mais de dois salários mínimos. A fêria excedia a qualquer expectativa. Com medo de chamarem a atenção dos policiais e dos malandros donos dos pontos, mudaram de local a cada hora. No final do dia, contaram o dinheiro e estabeleceram as quotas de cada um. Os vinte por cento oferecidos por Cléber superavam de muito tudo o que os menores transgressores conseguiam arrecadar com os furtos. E acharam justo que o aleijado ficasse com sessenta por cento. Afinal, era quem iria arcar com todas as despesas.

Aquela noite, Cléber passou fora de casa, mal acomodado sobre um colchão que compraram em depósito de móveis velhos e de produtos de origem suspeita.

Maria e Deodato acionaram Antunes para as buscas, mas jamais iriam imaginar que o garoto estivesse tão próximo. Foi uma noite de cão. De manhã, bem cedo, voltavam os três empurrando a cadeira, com história prontinha na ponta da língua para iludir os familiares.

DIANTE DA RELUTÂNCIA DOS PAIS

Cléber expôs parte do plano aos pais. Estranhou muito que a ira dos tempos antigos se transformara em lamentação. A mãe se limitara a chorar em silêncio. O pai ficara vermelho de raiva mas nada disse, a não ser o necessário para demonstrar que o filho deveria ter mandado notícia, porque a preocupação se acentuara muito depois da desgraça que acontecera durante a fuga anterior.

— Prometo que não vou mais sair sem avisar. Mas eu quero ter a liberdade de morar na casa da tia, pra ficar mais à vontade. A televisão está me enchendo o saco e essas aí não param quietas.

— É natural que Você não esteja gostando do barulho daqui de casa. No hospital, devia ter muito mais silêncio.

— Lá eu aprendi muitas coisas. O Doutor me disse que deveria usar a cabeça. E me disse que as mãos são o bem mais precioso que me sobrou. Eu gostaria de aprender a fazer artesanato. Trabalhar com arames e com pedras coloridas.

Maria prestava atenção e fazia cálculos:

— Você sabe quanto isso vai custar?

— Já pensei em tudo. Se Vocês me levarem à feira, eu sei que lá tem um cara que faz artesanato. Peço pra ele me ceder umas peças como modelo. Ele vai me dar as dicas de onde comprar o material.

Deodato interrompeu:

— Ele não vai querer concorrência...

— Eu digo que não vou atrapalhar. Além do mais, vai demorar pra eu fazer alguma coisa que preste. É só ele querer e eu ponho à venda uns produtos feitos por ele.

Deodato refletiu:

— Você não vai ganhar nada.

— Não tem importância. Vocês me ajudam. A Assistente Social me disse que tudo ia ser muito complicado no começo; que as pessoas iam opor dificuldades. Mas eu acho que vai dar certo. A menos que Vocês tenham algum emprego em vista...

Maria se apressou a responder:

— Nós queremos ver Você forte primeiro. Depois vamos pensar nessas coisas.

— Mas eu posso me virar muito bem. O que eu quero é um pouco de apoio.

Deodato pensou nas razões da mulher e resolveu aceder:

— Eu acho que Cléber pode ter razão. O que eu não estou gostando é da ideia de viver sozinho.

— Eu e Juliano. Não é verdade?

O outro concordou com a cabeça.

— De qualquer jeito, não custa tentar. Eu vou com Vocês à feira e vamos procurar o homem das bijuterias.

A feira ficava a umas vinte quadras. Cléber aproveitou para colocar ao pai outra ideia que lhe fervilhava na cabeça:

— Quanto dinheiro me deram sexta-feira?

— Exatamente, oitenta e dois reais.

— Será que dá pra abrir uma caderneta de poupança em meu nome?

— Isso é muito pouco. Mas eu acho que, na Caixa Econômica Federal, qualquer quantia serve.

— Então, vamos abrir amanhã mesmo. Quando estiver ganhando o meu dinheiro, quero guardar tudo o que puder, pra comprar logo as pernas.

— Só que eu acho que depois vai ser difícil pra Você retirar. Você é de menor. É melhor eu abrir a caderneta no nome de nós dois juntos.

— Isso o homem do banco vai explicar. Depois a gente combina onde vamos se encontrar.

— Na porta da agência, ao meio-dia e pouco. Na hora do almoço.

— Está feito.

A feira estava muito movimentada, mas não foi difícil de localizar o rapaz dos enfeites. Difícil foi explicar o que Cléber pretendia. O artesão olhava seguidamente para a cadeira de rodas e balançava a cabeça negativamente. Olhava também para as pessoas e seus andrajos. Finalmente, observou:

— Vocês estão parecendo mendigos. O povo não vai querer comprar nada de Vocês, pensando que pode ter sido roubado. Eu não me visto como um lorde inglês, mas estou limpo. Eu digo isso porque, quando eu vivia sujo, com a barba comprida e a calça rasgada, ninguém queria saber de levar nada. Custou pra eu perceber que a aparência tem muito valor.

— Quer dizer que, se nós trocarmos de roupa, Você ajuda a montar o nosso negócio?

— Não posso prometer muita coisa, porque eu não sei quem Vocês são. Mas eu vou dizer onde é que compro o material.

— E quanto às peças dos modelos?

— Vocês vão ter de pagar o preço.

— Sem desconto?

— É com isso que eu vivo. Vocês vão ver que eu ganho muito pouco.

Evidentemente, não estava pondo fé na rapaziada. Desconfiou de que poderia ser furtado. Se não fosse a presença de Deodato, teria posto os três para correr.

— Quanto vai ficar o lote todo?

— Preciso fazer as contas.

Pôs-se a separar as peças mais simples, anotando numa folha de papel o preço de cada uma. Ia perguntando o que achavam desta ou daquela. Cléber punha restrições em algumas, para dar importância à opinião. Aí o outro explicava quais que tinham mais saída, dando informações que seriam preciosas, se o objetivo deles fosse verdadeiramente tornarem-se mascates.

Feita a soma, tudo ficava em quinhentos reais. Muito mais do que o pai poderia dispor. Aliás, como é que Cléber iria abrir a caderneta de poupança, se gastasse tudo o que tinha naquelas bugigangas?

Deodato foi taxativo:

— O plano foi por água abaixo. Nós não temos tanto dinheiro. Além do mais, é preciso comprar as ferramentas e todos os apetrechos...

Cléber demonstrou extremo aborrecimento:

— Eu não sabia que precisava de tanto capital. E se eu me propuser a vender algumas peças pra Você?

— Eu não faço esse tipo de negócio. Hoje estou aqui; amanhã posso ir embora. Não faço fiado e não dou em consignação. Se quiser, é nota sobre nota. Podemos cortar pela metade. Você começa com menos peças...

— Quanto ficam só os anéis?

— Sessenta e cinco reais.

— Pessoal, passem o seu dinheiro. Depois eu devolvo.

Estavam combinados. Precisavam impressionar Deodato. Somaram quarenta e cinco reais.

— Pai, dá os vinte que faltam. Depois Você retira da minha reserva. Essas peças eu vendo num piscar de olhos.

Ressabiado, Deodato completou a quantia, que o vendedor embolsou de imediato. Condoído com a condição de inferioridade do aleijado e vendo o interesse dele em se manter ativo, apesar das contrariedades financeiras, acrescentou dois colares e duas pulseiras, prometendo dar assistência, caso levassem o projeto adiante.

Os rapazes fingiram absorver-se no exame do material adquirido, colocando o pai de lado. Deodato tinha de realizar as compras solicitadas por Maria, de modo que pediu que esperassem por ele:

— Volto em dez minutos.

— Nós te esperamos aqui mesmo.

Assim que se afastou, Cléber propôs negócio ao vendedor:

— Se fizer o lote todo por trezentos e cinquenta, incluindo o que já pagamos, eu compro tudo já.

Mostrava o maço de dinheiro que estava com Juliano.

— Mas não pode contar nada pro meu pai, senão o velho vai querer gastar tudo em cachaça.

— Deixo por quatrocentos e cinquenta.

— Trezentos e oitenta e nem mais um centavo.

— Quatrocentos e quarenta.

— Assim não vai dar. Essas coisas são fáceis de montar. É que estou querendo as peças prontas. Quatrocentos.

— Está certo, mas os brindes eu quero de volta.
— Não seja morrinha. Aposto que Você não consegue nem duzentos por semana.
— Tudo bem, mas não vão ficar vendendo por aí, aviltando o meu preço.
— Não esquentá. Se tudo der certo, a semana que vem a gente volta. Trata de fazer outras coisas mais coloridas e brilhantes.

Luciano e o amigo conhecido por Banguela apanharam o embrulho e sumiram.

Quando Deodato regressou, vinha com ar de muita tristeza.

— Você, com tanta vontade de trabalhar, e eu, sem poder ajudar.

— Que é isso, pai. Se Vocês forem arrumar o barraco, instalar a luz e ligar a água, dando uma faxina geral, já estarão fazendo muito. Você vai ver como seremos capazes de fazer a multiplicação do artesanato, como Antunes disse que Jesus multiplicou os pães e os peixes. É preciso ter fé, mesmo que seja do tamanho de uma sementinha de pimenta.

— De mostarda.

— Que seja. É isso aí. Vamos pra casa, que eu quero levar as minhas coisas embora.

A tarde se passou em tremenda azáfama. Maria não podia fazer muito esforço, mesmo assim conseguiu deixar o chão limpo e menos nauseabundo. A pia foi desentupida, os registros foram abertos, a descarga da privada foi arrumada, os fios foram esticados, as lâmpadas se acenderam, a cama recebeu umas escoras, o colchão foi coberto por lençóis, dois travesseiros foram acrescentados, a porta ganhou trinco por dentro e cadeado por fora. Faltavam os apetrechos para cozinhar, mas isso não fizeram os pais questão de providenciar. Queriam o filho de manhã em casa, para a primeira refeição. Ele e Juliano, embora tivessem insistido em que o garoto fosse para a sua própria casa. Inútil. Mas ele prometeu que levaria a sua parte dos mantimentos, porque achava que iria ajudar muito o amigo na produção e na venda das quinquilharias.

Às sete da noite, os pais se retiraram, deixando os três com melhor aparência, limpos e trocados. Às oito, estavam os mequetrefes comendo uma *pizza* no restaurante mais próximo. Era a sensação da liberdade e do poder que se instalava nas mentes juvenis. Que se danassem os mais velhos!

A SOCIEDADE PROSPERA

A tentativa de fazer valer o artesanato deu resultado. Quem não era estimulado a dar a esmola do dó, à vista dos tocos, considerava o esforço do rapaz na confecção dos artefatos e adquiria anel, colar ou broche, escolhendo as peças segundo a maior ou menor vontade de ajudar o pequeno.

Durante a primeira manhã, ocorreu a Cléber que poderia escrever cartaz ou distribuir impresso em que declarava a necessidade da aquisição das próteses.

Às onze e quinze, levantou acampamento, sem ter sido molestado por ninguém, e dirigiu-se com os parceiros para a agência do banco em que desejava abrir a conta de poupança. Tinha tomado o cuidado de levar a certidão de nascimento e contas pagas de luz e de água, para comprovação do endereço. Insistira com o pai para que levasse não só os documentos de identidade como também os funcionais.

Antes do encontro, separou cerca de duzentos reais dos quinhentos arrecadados, quantia fabulosa perante os magros salários dos pais e do produto dos furtos dos amigos. Desejava impressionar o velho, para que não fizesse objeção ao novo modo de vida. O que não revelaria era a mendicância, tanto que, levado a um mictório público, lá tirou os andrajos que o tornavam maltrapilho e colocou a roupa domingueira.

Ao meio-dia e meio, chegou o pai. À uma e meia, saíram de posse do contrato, esclarecidos quanto à possibilidade de apenas o pai poder retirar as economias, o que lhe dava acesso direto ao saldo, prejuízo no plano, caso os depósitos fossem muito substanciais.

— Como é que Você conseguiu tanto dinheiro?

— Vendi tudo o que comprei e ainda mandei buscar mais no endereço que o cara me deixou. Parece que tenho jeito pra vendedor.

— Tem muito jeito mesmo. Como é que Você vai fazer pra comprar mais?

— Do mesmo modo. Vendo com lucro.

— Mas Você não depositou tudo?

— Quase tudo. Tenho uns trocados pra comprar o material e começamos a nossa produção hoje mesmo, enquanto o resto do material fica exposto.

— Onde é que Vocês montaram a banca?

— Longe da polícia e dos malandros, num lugar não muito movimentado. É melhor, porque assim as pessoas notam as mercadorias.

— E onde, exatamente, caso eu precise procurar Você?

- Perto da estação Tatuapé do Metrô.
- Aquilo é um mundo.
- Cléber não queria ir muito longe nas explicações.
- Diga onde quer que eu fique.
- Fique do lado dos pontos de ônibus. Ali tem outras bancas e algumas barraquinhas de camelôs. Eles vão te ensinar a trabalhar.
- Vamos fazer isso mesmo. Combinado, pessoal?
- Combinado!
- Boa ideia!

O período da tarde foi mais lucrativo ainda. À medida que o dinheiro ia entrando, os dois ajudantes iam fazendo as compras mais urgentes, inclusive de ferramentas parecidas com as que viram com o rapaz do artesanato. Mais à tardinha, Juliano foi em busca da loja da matéria-prima, mas não comprou muita coisa, apenas o que desse para impressionar os passantes e Deodato. A intenção era utilizar o negócio apenas como fachada para a mendicância. Por isso, expunham poucas peças, repondo o estoque à proporção que ia sendo vendido. Em três tempos, lograram aprender a malícia da comoção popular, tanto que as vendas diminuíram sensivelmente em contraste com o notável aumento das esmolas.

Na quinta-feira, tiveram o primeiro atropelo, quando apareceu o dono do pedaço, exigindo aluguel do ponto.

- Cléber não se apurou:
- Quanto Você vai querer?
 - Duzentos por dia.
 - O que dá em troca?
 - Ninguém se aproxima. Vocês vão operar em segurança.
 - E a polícia?
 - Está no bolso.
 - E se não receber tudo isso, por exemplo, se chover?
 - Se Vocês forem bacanas comigo, se não mancarem, eu faço pela metade. Mas só naquele dia.
 - E quem me garante que Você não está blefando? Que só está querendo se aproveitar da gente?
 - Aí o sujeito levantou discretamente a camisa e mostrou o trinta-e-oito.
 - Vocês podem perguntar por aí se não é o Zelão quem manda. De tarde, venho buscar a grana. 'Tá combinado?
 - Ainda acho que duzentos é muito.
 - Tem quem cobre trezentos ou mais, conforme a zona. Vão lá no Centro pra ver.
 - Se a gente ficar no prejuízo, vamos cair fora. 'Tá certo?
 - Tudo bem!

Naquela noite, precisaram refazer os planos quanto ao dinheiro. Se os depósitos somassem quinhentos por semana, em três ou quatro meses, Deodato ia querer comprar as pernas mecânicas e, aí, ia se intrometer na vida deles.

Cléber estava *sinucado*. O exagero da arrecadação ia constituindo-se em problema, porque não podiam guardar na conta nem ficar com o dinheiro na mão. Seriam assaltados, com certeza. Mesmo se comprassem utensílios e móveis, iam revelar a riqueza da fonte.

— Vamos ter de fazer algo diferente.

Os outros não conseguiam imaginar nada, a não ser que deveriam levar um pouco para casa, para ajudar as famílias.

— Vocês podem fazer isso. Eu, não. Eu não gasto com cigarros, só com remédios. Assim mesmo, Antunes não deixa faltar nada. Esta semana, já passou por aqui duas vezes. Se ele cheirar que fazemos quase mil por dia, vai criar caso.

Banguela quis ajudar:

— Por que Vocês não se mudam. Vão pra um lugar longe, do outro lado da cidade.

Juliano explicou:

— Aí, Antunes manda a polícia atrás. Eu até que posso desaparecer, mas são poucos os que têm dois pés a menos.

Cléber achou a ponderação sensata, mas aproveitou a ideia de Banguela:

— Nós podemos alugar uma casa pequena, nos fundos de uma vila, fora da favela, sem papéis e sem contratos. Pagamos adiantado e vamos comprando coisas fáceis de vender depois. Se for o caso, arrumamos um lugar secreto e escondemos o dinheiro. Se eu tivesse idade, ia comprar uma caixa reservada em algum banco.

— O que é isso?

— Os bancos guardam joias e objetos preciosos, sem perguntar o que estão guardando.

— O teu pai não podia fazer isso?

— Claro que não! Ia ficar curioso e...

— Está certo!

Juliano queria saber o que poderiam comprar. Cléber não tinha pensado no assunto.

— Que tal aparelhos elétricos?

— Vão pensar que estamos roubando.

— E joias?

— Vai ser difícil de vender depois.

— Então, é melhor guardar o dinheiro.

— Vai perder o valor.

— Pô, meu! Desse jeito é melhor torrar logo.

— É o que Vocês estão fazendo. Aliás, não estou gostando da hora que estão acordando. Vocês parecem *babacas*. Onde se viu ficar prejudicando a saúde com fumaça.

— Você diz isso porque não sabe como é legal.

— Pode até ser, mas causa distúrbios neurológicos. Foi o que a Assistente Social...

— Ela não sabe nada.

— Deve saber, porque estudou.

— Deixa a gente em paz. Você disse que não ia amolar...

— É que estão atrapalhando os planos. Por que não deixam a maconha pra...
— O *crack*.
— *Crack*? Mas isso é morte certa. Eu vi na televisão. Vocês vão acabar em fria e vão me levar junto.

Juliano se esquivou:

— Eu só experimentei uma vez.
— Então, para com isso. E Você, Banguela?
— Pra mim, 'tá legal.
— 'Tá legal a droga ou 'tá legal parar?
— Os dois.
— Ô cara, isto é sério.
— 'Tá legal! Eu vou parar. Mas não vou ficar sem o fumo.
— Só nos fins de semana.
— Aí vou ter de sair de casa.
— E quando é que Você está puxando?
— Você está faturando e eu, numa boa.
— Desgraçado! Qualquer hora a polícia vai levar a gente.

Cléber estava assumindo o comando da operação.

— Se continuarem pondo em risco o plano, vou ter de arrumar outros.

A ameaça de perda do faturamento teve resultado. Juliano logo se propôs a mudar:

— Não vou perder a boca rica. Não sou tão tonto assim.

— Espero que nem esteja tão viciado.

— Só um pouquinho.

— Você vai acabar me dando trabalho. E Você, Banguela? Parece que está grudado na droga.

O outro coçou a cabeça. Se estivesse com os pais, diria um palavrão; com a polícia, contaria uma mentira; com os colegas, a coisa havia de ter um ar de lealdade e de honestidade. Era como um código de honra. Prestava serviço e era correspondido. Se falhasse, estaria fora. Sabia bem disso. Tinha de se perfilar:

— Farei tudo o que meu mestre mandar...

— De verdade?

— Juro por Deus!

— E isso vale alguma coisa?

— Então, eu juro pela minha mãe ou por qualquer coisa que Você...

— 'Tá bem. Só que eu vou ficar de olho. O que Vocês acharam da ideia de alugar outra casa, só pra esconderijo?

Banguela resmungou:

— Eu não gostei, mas, como o dinheiro não é meu...

Juliano acrescentou:

— E se não der certo? Você vai perder tudo de uma vez.

— Do jeito que estamos indo, logo vamos poder comprar uma casa. Vocês vão ver.

— Vamos ter de esperar quatro anos, até Você completar dezoito anos e ficar de maior.

— Enquanto isso, vamos aproveitar. Quem é que já transou com as meninas da escola?

Banguela se antecipou:

— Com o nosso dinheiro, podemos pagar uma profissional.

Foi a vez de Juliano se interessar:

— Quem sabe como é que a gente pode se virar?

Banguela:

— É só passar pela avenida, à noite.

Cléber:

— Mas lá só tem travestis.

— Travestis?

— Claro! — e Cléber ria a bom rir. — Eu não devia ter falado nada. Devia ter deixado Você entrar nessa. Vamos deixar pra decidir amanhã à noite. Quem tiver alguma ideia legal, diz pros outros.

— Tá na hora de voltar pra casa.

— Mas antes ajuda o Juliano a limpar os pratos. Quem mandou querer comer comida por peso!

— E não foi bom?

— Mas agora vamos deixar tudo em ordem. Se meu pai passar por aqui, vai arrumar desculpa pra me levar de volta. Inteligência e caldo de galinha não fazem mal pra ninguém.

— Só pra galinha...

— Quem é que vai *soprá* a galinha?

As brincadeiras iriam prosseguir até apertar o sono. O dia era lucrativo, mas o trabalho cansava e derrubava. As noites eram de sono pesado, principalmente porque estavam *biritando* uns drinques de aperitivo; tudo em nome da liberdade e do poder.

GRAVE AMEAÇA AO PLANO

Não poderiam os três safardanas obter sucesso o tempo todo. A primeira desilusão se deu quando pretenderam utilizar dinheiro na compra do prazer feminino. Precisaram entrar em ambiente por demais pernicioso, ensombrado por densa fumaça, cheio de carantonhas de viciados, onde a grosseria das expressões não poupava o aleijado:

— A “menininha” está necessitada? Então, por que não sai pulando atrás da primeira mundana e trepa com ela em cima da mesa?

Os ares eram terríveis e punham medo no coração dos jovenzinhos.

Houve uma garota de programa que se condeou do coitado e o levou para o quarto. Percebeu o quanto era jovem e viu que, se não era a primeira vez que praticava o ato sexual, deveria ser sua iniciação com mulheres formadas. Suspeitou até que era, sim, a primeira vez, com mulheres, porque a juventude experimenta sempre com os do mesmo sexo.

Começou a fazer carícias e tocou em todo o corpo do rapazelho. Ao chegar a mão junto aos tocos das pernas, desencadeou forte reação contrária à libido, de modo que pôs fim a todo o entusiasmo que suas formas haviam despertado.

Quando se esperavam sorrisos e gozos, acharam-se lágrimas e sofrimento. Cléber sentiu-se nas mãos de uma estranha, com a qual não poderia manter nenhuma integração sentimental. Resolveu que a vergonha não deveria comentar-se e pagou o combinado, com mais um tanto, para que se calasse a meretriz.

De volta ao salão, na obscuridade propícia à bolinação e às preliminares do sexo, a moça deixou o rapaz diante de garrafa de mau conhaque e foi procurar outro. Não se esqueceria de como reagira o aleijadinho e punha em si mesma a culpa por tê-lo convidado. Entretanto, o dinheiro aplainava o bulício da consciência e satisfazia o princípio do perene tormento da desonra social.

Cléber aguardou os companheiros, embriagados e zonzos, que tinham saído da mesa com o objetivo determinado de concluírem o negócio a que tinham ido. Esperou pouco, pois logo se desincumbiram de suas tarefas, estimulados fortemente pelo *show* erótico-pornográfico a que haviam assistido, ainda mais que estiveram incentivando-se pelas fantasias do prazer e da conquista dos direitos masculinos.

Na rua, receberam a visita de dois indivíduos que haviam reparado neles, porque tudo tinham pago sem tugar nem mugir. Anunciaram o assalto e levaram o que havia de valioso nos pescoços e braços. Um brinquinho de ouro foi arrancado de Banguela, cortando

o lóbulo da orelha. As muletas foram arremessadas longe, às gargalhadas e impropérios. Cléber foi jogado ao chão e teve os pés de madeira arrancados sem dó nem piedade. Juliano se encolheu no desvão de uma porta, chorando desesperado, temendo terminar ali mesmo, porque os dois perigosos elementos estavam dementados, dispostos a levar avante o que lhes desse na veneta.

Todavia, da mesma forma que começaram, terminaram, desaparecendo da vista dos três. Só Banguela percebeu que tinham voltado para a boate, se é que aquele antro podia ser assim chamado.

Quando se recuperaram um pouco do susto, foi Juliano quem censurou os outros:

— Viu no que deu Vocês quererem vir neste *inferninho*?

Cléber precisou defender a iniciativa:

— Aqui até que tiveram comisseração...

— Você está brincando!...

— Noutro lugar, a polícia teria levado a gente pro Juizado de Menores.

— Mas não me venha dizer que valeu. Eu acho que não vou me lembrar de ter estado com uma mulher, sem ficar todo molhado pelo medo que senti.

Banguela estancava o sangue da orelha:

— Será que vou precisar ir ao médico?

Cléber quis examinar mas estava muito escuro:

— Vamos sair daqui. Vocês, catem as muletas e os pés.

Deu um jeito de se acomodar no carrinho, tendo notado que as rodas tinham sofrido com os pontapés dos assaltantes.

— Vou ter de mandar arrumar isto, porque o soldado pode querer cobrar a cadeira. Será que vai acreditar que fomos atacados sem motivo? Ou vai achar que brigamos?

Banguela não estava para hipóteses:

— Já está tudo aqui. Vamos embora.

Buscaram a avenida mais próxima, melhor iluminada, e Cléber pôde observar o que se passava com a orelha do amigo. Não gostou do que viu.

— Acho que vai precisar de uns pontos. Vamos ter de ir a um pronto-socorro.

— Não tem nenhum por aqui.

— Vamos pegar um táxi.

— Quem tem dinheiro?

Ninguém tinha tostão. Tudo fora levado pelos meliantes.

— E agora?

— Só se a gente ligar pra delegacia, pedindo ajuda. Não precisa de ficha.

— Mas não vamos acabar presos?

— Quem tem documentos?

Os três tinham recuperado os papéis mais as carteiras vazias. Resolveram arriscar. Foi Cléber quem teve a ideia salvadora:

— Qualquer coisa, a gente chama Antunes. Mas quem tiver bagulho, vai se livrando de tudo. 'Tá?

Ninguém tinha, porque haviam consumido. O pouco que sobrara ficara nas mãos dos gatunos.

No primeiro orelhão, uma decepção: estava arrebetado. Precisaram andar quase dois quilômetros para encontrar um bar aberto. Quando disseram que era para chamar a polícia, o dono disse que não podia emprestar o telefone. Eles que procurassem um telefone público mais adiante.

Finalmente, conseguiram trazer uma viatura. Em vinte minutos, Banguela estava recebendo assistência médica. Mas havia um porém: tinham de apresentar queixa, registrar a ocorrência. Como dizer que estavam na boate? Tinham ido ao cinema e estavam voltando.

— Nome de cada um? Endereço? Documento de identidade? Telefones pra chamar os pais?

Cléber viu que iriam sair-se muito mal. Decidiu apelar:

— Eu tenho um amigo na Polícia: o Soldado Antunes, herói condecorado. Ele foi baleado pelo mesmo cara que me amputou as pernas.

— Endereço do soldado?

Não havia alternativa. Cléber teve de declinar o endereço da residência e local de prestação de serviço.

Enquanto os rapazes confabulavam, os guardas conversaram com os médicos, para confirmarem a impressão que tinham tido de que os acompanhantes do aleijado estavam drogados.

— Vamos levar os três pra delegacia. Lá o Doutor Delegado vai decidir o que fazer.

Não havia como se livrar da autoridade dos policiais militares.

Duas horas ficaram à espera da chegada do amigo. Durante esse tempo, cada qual ruminava os sucessos da noite. Juliano encostou-se na parede e adormeceu. Estava baqueado. Banguela tinha o estômago revirado, tendo vomitado diversas vezes. Não parava de passar a mão pelas bandagens que envolviam a orelha dilacerada. Levava cinco pontos e tomara uma injeção que lhe dava os enjoos. Cléber se perdia em pensamentos de frustração. Tinha imaginado que a noite seria o mais prazerosa possível. Não se conformava com o péssimo desempenho sexual. Tinha-se surpreendido com a pequenez de seu pênis na mão da prostituta, o que não levava em conta ao supor que o dinheiro faria a diferença. Até que ela havia sido gentil, carinhosa. Ele é que fora o culpado pela incompetência. O conhaque estava fazendo efeito ainda, mas não muito, dado que o impacto dos diversos acontecimentos desagradáveis o acordara para a realidade. O período de espera, porém, amolecia-lhe o ânimo, mesmo porque os policiais não tinham dado mostras de que iriam encaminhá-los ao Juizado de Menores.

Quando Antunes chegou, veio com Deodato e com as mães de Banguela e de Juliano. Experiente, sabia que precisava libertar os três, o que conseguiria com mais facilidade se os pais apoiassem os pequenos, demonstrando ansiedade e sofreguidão. No caminho, instruíra os outros para não brigarem com os filhos, prometendo surras, o que seria o mais comum à vista das informações que recebera de que estavam chumbados.

Aquela madrugada, os três passaram em suas casas, sob a promessa formal que os pais fizeram ao Delegado de que iriam cuidar dos filhos. Estes, por sua vez, guardaram absoluto segredo da aventura sexual, apoiando os depoimentos no fato de terem sido vilmente assaltados quando voltavam do cinema, tendo parado ali para comerem, momento em que foram arrastados pelos bandidos. Não souberam explicar as pupilas

dilatadas e o terrível cheiro de bebida destilada. De qualquer jeito, ficaram devendo explicações.

UM DIA CHEIO

Deodato, ao contrário das mães de Banguela e de Juliano, atendendo a recomendação expressa de Antunes, não interrogou o filho assim que chegaram a casa. Dissera-lhe o soldado:

— As coisas todas vão entrando nos eixos. Não permita que Cléber, simplesmente, se defenda, inventando mentiras. É melhor deixar que as ideias fermentem no cérebro dele do que fazer ele acreditar que está enganando todo mundo. Amanhã, depois de uma boa noite de sono, Você vai ver que estará mais acessível, mais cordato, mais afim.

Deodato desconfiava de que havia premissas espíritas nesse palavreado, como se inspirado tivesse sido o amigo diretamente pelo plano da espiritualidade. Pensava nele desenvolvendo a mediunidade e via em todas as expressões a tradução do ideário dos protetores. Por isso, apesar da vontade de se inteirar da verdade dos acontecimentos que levaram o filho e companheiros à delegacia, cumpriu o conselho, conservando-se em silêncio.

É verdade que Maria estava assustada, vendo a cadeira com as rodas quebradas, quase não dando para movimentar. Mas era tarde da noite e estava muito cansada. Os arranhões e hematomas tinham recebido curativos no pronto-socorro, de sorte que não tinha mais com que se preocupar de imediato. Trabalhara o dia todo e o sábado prometia ser de arromba, dado que a patroa iria receber convidados para o almoço. Sendo assim, resmungou uns avisos de que o rapaz precisaria tomar mais cuidado, especialmente com as amizades, e foi dormir o restante das horas.

Quando Cléber acordou, o dia ia alto. Nove horas e tanto. O pai estava cuidando da comida, pois lhe cabia cozinhar na ausência da esposa. As meninas brincavam lá fora, para não perturbarem o sono do irmão. Com elas, a jovem governanta, Rosângela, que ficara vivamente impressionada com a condição de sofrimento do rapaz, tanto que não via a hora de estarem juntos para perguntar-lhe certos fatos relacionados com a perda das pernas. Não teriam, contudo, tempo para conversarem durante todo o dia, porque logo apareceu Antunes, com o projeto de conduzir o peralta para uma excursão educativa.

— Você vai comigo fazer um passeio.

— A cadeira está avariada.
— Não se preocupe. Nós vamos e voltamos na viatura.
— Pra onde Você quer me levar?
— Pra um lugar que Você ainda não conhece. Já avisei teu pai. Fica sossegado que Você vai gostar de visitar o Centro Espírita.

Cléber avaliou a situação:

Se eu disser que não, vou ter de aturar as perguntas a respeito do que tenho feito e do que fazia no local da agressão. Vai perguntar o que fazem os outros dois e se estão indo na escola. Vai ser uma chateação. Se ele me levar no Centro, vai me pôr ouvindo alguma lengalenga religiosa e depois vai querer saber o que achei de tudo. Aí, faço uns elogios, digo que está tudo bem, que as explicações foram claras, invento alguma dúvida, dou motivo pra ele assuntar à vontade e me livro do interrogatório.

Ao passar pelo terreno livre na frente da casa, avistou Rosângela, que lhe acenou, como a lhe desejar boa sorte. Fez de conta que não viu, mas interessou-se em observar o jeito da mocinha, cujos seios apontavam sob o vestido pobre e justo de menina que está crescendo. As irmãs se escondiam atrás da outra, talvez com medo do monstro de pernas de madeira.

Na viagem, Antunes foi dando as primeiras ideias do que iam encontrar:

— Hoje é dia de atendimento das pessoas carentes. Nós chamamos de *assistidos*. É preciso que as pessoas preencham uma ficha e prometam cumprir algumas obrigações. Uma delas é manter os filhos na escola: de dia, se não trabalham: à noite, se ajudam os pais em casa ou em algum emprego.

— Todo mundo cumpre direitinho?

— Vejo que Você é desconfiado. É claro que não temos recursos pra acompanhar cada família. Mas, às vezes, enviamos questionários aos diretores das escolas. Aí, os faltosos recebem novos conselhos...

— ... e ficam sem os alimentos e os trocados.

— Você se engana, se pensar que estamos cobrando as coisas. Nós só mostramos que eles têm muito a perder, se não derem instrução às crianças. A nossa filosofia, ou seja, a doutrina de Allan Kardec exige muitas leituras. Se a pessoa não tem instrução, vai deixar de entender muita coisa.

— Quando o senhor lia pra mim, não era tudo que eu compreendia.

— Estou sabendo. Mas eu procurava explicar de acordo com os meus conhecimentos. Você pensa que eu entendo tudo? Vai demorar muito pra isso.

Cléber não queria deixar a conversa descambar para os acontecimentos da noite:

— E que há de tão interessante em ver um punhado de mendigos beijando as mãos dos protetores?

— Não seja crítico sem conhecer. Lá não existe ninguém abonado. Se existe, não faz nada diferente dos outros: costura, cozinha, fornece medicamentos, procura aconselhar, explica, ajuda, auxilia, conforta, diz umas palavras de bom ânimo. Tudo depende da necessidade das pessoas. Muitos dos que trabalham pedem ajuda pros outros. É uma verdadeira sociedade beneficente.

— *Beneficiente...*

— Eu também pensava que fosse assim, mas me explicaram que se diz *beneficente*. E eu agradeço a Você a oportunidade de lhe ensinar alguma coisa.

Cléber não acreditou mas deixou passar batido o esclarecimento.

Nesse meio tempo, chegaram. Havia pouca gente no salão principal, onde poderiam acomodar-se cerca de cem pessoas, talvez um pouco mais.

Com a ajuda de Antunes, o rapaz foi caminhando de muletas até os fundos do prédio, onde ficava a cozinha. Lá, a azáfama era grande. Várias mulheres preparavam a comida, em caldeirões bem grandes. Ao verem Antunes, foram logo pedindo ajuda.

— Quer descascar batatas, por favor?

Josefa falava em tom imperativo. Era mais uma ordem do que um pedido.

— Este daqui é Cléber, filho de Deodato.

— Nem precisava dizer. É a cara do pai, só que mais bonito.

As outras se aproximaram curiosas. Mas não procuraram pelas pernas de pau. Queriam ver a semelhança fisionômica.

— É bem parecido.

— Não nega a raça.

— Os olhos são iguaizinhos.

— Ele veio pra ajudar?

— Você quer ajudar?

— O que devo fazer?

— Que tal descascar as cebolas?

— 'Tá legal!

Logo lhe empurraram um cesto enorme e deram alguns palitos de fósforos para colocar entre os dentes:

— É pra Você não chorar.

Enquanto iam descascando, iam conversando:

— Quem é que paga as despesas?

— Cada um dá o que pode. É uma espécie de contribuição social, como num clube. Mas o dinheiro mais graúdo vem de subvenção do Governo, porque esta entidade é reconhecida como de utilidade pública. É uma verba anual. Mas não é suficiente. Precisa que a turma arrecade mais, vendendo livros, fazendo campanhas junto aos comerciantes, participando das quermesses da igreja com uma ou duas barraquinhas...

— E os padres deixam?

— Depende do padre. Tem os que deixam e os que proíbem. O que nos ajuda muito são as doações de roupas e de alimentos. E assim vamos levando. Também não são muitas as famílias a quem damos assistência. O forte deste Centro é a sopa que distribuimos pelo bairro toda noite. Essa é a principal atividade, a principal tarefa de benemerência. Você se lembra do lema de Kardec?

— Fora da caridade não existe salvação.

— Boa, rapaz! É isso aí! A turma aqui resolveu tomar como divisa essa frase e todos procuram fazer o melhor que podem. O teu pai esteve conosco muitas vezes. Agora que ele está cuidando da tua mãe e das tuas irmãs, não tem vindo muito. Aliás, só vem pra uma ou outra reunião. Até a tua mãe tem comparecido. Você sabia?

— Não.

— Pois veio duas vezes esta semana. E prometeu voltar na semana que vem.
Cléber pensou na matreirice da mãe:
Deve estar empenhada com a ajuda ao Gaspar.
Parecendo ter lido o pensamento do garoto, Antunes complementou:
— Eu acho que ela ficou agradecida por teu pai não estar bebendo mais e estar muito mais calmo. Por falar nisso, ele brigou com Você por causa de ontem?
— Não brigou nem deveria. Nós não tivemos culpa...
— Eu sei que foi Você quem procurou a polícia. Vocês não foram detidos. Mas os teus amigos estavam drogados. Isso poderia fazer com que os investigadores segurassem Vocês lá ou mandassem pro Juizado de Menores. A tua ideia de me chamar salvou os três.
— Mas nós não fizemos nada. Fomos roubados e agredidos...
— Porque estavam onde não deviam. Se tivessem vindo pra cá, estariam em boa companhia. Foram se meter...
— Nós não pensamos...
— Não tem importância. A vida ensina. As experiências devem ser bem aproveitadas. Não vão cair noutra. O pior é que aqueles dois estão viciados. Onde é que arrumam dinheiro...
— Eles me ajudam com o artesanato.
— E Você dá um tanto pra cada um.
— Nós dividimos.
— O teu pai me disse que Você guardou uns quatrocentos reais na primeira semana. É muito mais do que teu pai e tua mãe ganham juntos. Sabe o que eu penso? Penso que Você está pedindo, expondo os tocos das pernas.
Não havia insinuação. Antunes falava como se tivesse visto. Cléber se desconcertou. Resolveu arreganhar os beiços:
— E isso é crime? Crime é me terem tirado as pernas. Agora a sociedade está só compensando. Quem tem dó é porque tem culpa. Quem dá é porque tem.
— Não precisa ficar abespinhado. Eu passei a manhã toda falando que nós damos de tudo para os necessitados, justificando o ato da doação e do recebimento. Foi o Cristo quem disse pra que as pessoas vendessem e dessem tudo aos pobres, se quisessem seguir os seus ensinamentos, pra ir com ele ao reino do Pai. Mas é preciso entender que os bens devem ser utilizados com inteligência. Sustentar o vício com o dinheiro da comiseração pública, por certo, não vai ser tido em boa conta, quando Vocês voltarem ao etéreo.
— Vai falar isso pra eles. O que eles querem é ficar numa boa.
— E Você? Você também está fumando?
— Eu, não.
— Por quê?
— Porque eu sei o que acontece com os viciados. Eu vi na televisão e confirmei no hospital. O Doutor me proibiu...
— Proibiu ou explicou?
— Ele disse que eu não teria muito futuro...
— E Você ficou com medo?
— Não fiquei, não. De verdade. Só que eu queria vencer na vida. Com meus próprios meios. Com a minha inteligência.

— Então, vai ter de aconselhar os dois...
— Já fiz isso. Mas eles não querem saber...
— É porque têm dinheiro sobrando.
— Eles sempre deram um jeito.
— Trombadinhas...
— Eu não disse nada.
— E eu sou policial à toa?..
— Quer dizer que vai ficar em cima da gente?
— Quer dizer que estamos terminando de descascar as batatas e as cebolas e Você não chorou nenhuma lágrima.
— Você não me respondeu.

— Respondi, sim, quando eu trouxe Você pra ver a gente trabalhar pelos irmão sofredores. Agora nós vamos lá fora acompanhar a distribuição do que tivermos aos irmãos, segundo a necessidade deles. Eu só quis pôr as coisas em dia; em pratos limpos. Não queria que Você descobrisse que estamos sabendo de muita coisa e que vamos perseguir o grupelho. A vida, Vocês vão ter de aprender sozinhos. Gostaram da amostra de ontem? Pois esperem por muito mais. Quando descobrirem que Vocês estão ganhando tanto dinheiro, vão encontrar quem venha tirar de Vocês. E se Vocês quiserem reagir, vão cair na esparrela do revide pelas armas. Vão matar ou morrer, que é o destino dos bandidos da rua. Aqueles outros lá do alto da sociedade... Isso é uma outra história.

Antunes se cansara de tanta explicação. Tinha imaginado falar algumas coisas. Não esperava que Cléber fosse assim sagaz. Teria de deixar os fatos falarem por si mesmos. Pôs o garoto no meio do terreno, em um ponto onde pudesse observar o que se passava ao redor e se dirigiu ao interior do prédio.

O rapaz foi obrigado a escutar algumas conversas, nas quais os interlocutores demonstravam, com clareza, os objetivos de estarem ali. Percebeu a avidez de quem somente queria receber bens materiais. Inteirou-se de alguns problemas sérios de relacionamentos, havendo mães que se queixavam dos filhos preguiçosos, viciados e marginais. Intuiu o sofrimento de mulheres que apanhavam dos maridos ou companheiros. Ouviu os conselhos dos atendentes, desejosos de demonstrar o valor das diversas virtudes para o que chamavam de progresso ou evolução do espírito. Sentiu a boa vontade deles e o esforço para acertar nas palavras ou para remendar as fissuras provocadas pelos constrangimentos, pela violência, pela incompreensão. Os dramas humanos corriam ali no varejo da fraternidade e da solidariedade de um povo trabalhador e honesto. Ninguém veio dar-lhe nenhum conselho nem pedir-lhe momento de atenção. Situava-se angustiadamente fora da paisagem humana. Era como se nada daquilo lhe dissesse respeito e, no entanto, sofria inexplicavelmente por estar diante de tanta injustiça, de tanta insensatez, de tanta tragédia. Começava a compreender que o Pai deveria ter algum alto objetivo, trancando os espíritos imperfeitos nesse cárcere de carne. E olhava para as pernas de pau, como se se tivesse libertado de um pedaço da clausura. E essa liberdade o punha diretamente defronte de si mesmo, no início da vida intelectual, quando deveria, com os de sua idade, estar correndo atrás de uma bola, surfando na praia, paquerando as garotas.

Quando Antunes veio buscá-lo, ficou silencioso. Ruminava as ideias que lhe haviam passado pelo cérebro de revoltado, encaixando as noções espíritas explicadas pelo diligente doutrinador e amigo. Iniciava-se a sua transformação espiritual.

GASPAR VAI AO MÉDICO

O domingo passou sem grandes novidades. Enquanto Deodato arrumava a cadeira de rodas, Cléber foi de muletas à feira, em busca de explicações do artesão, pois não compreendia direito como é que se conseguem certas presilhas ou o modo mais prático de confeccioná-las. Foi muitíssimo bem recebido, tendo sido convidado para que voltasse mais vezes. Não adquiriu qualquer peça, pois havia queimado todo o dinheiro durante a maldita excursão do prazer, mas prometeu ser fiel em relação às compras que prometera.

Na segunda-feira, teve o encontro habitual com os dois companheiros e exigiu que contassem, tintim por tintim, tudo o que acontecera durante o final de semana.

Juliano se fechou num mutismo absoluto.

— Meu pai tentou me pegar, narrou Banguela, mas escapei e fiquei o tempo todo em nosso refúgio.

— Refúgio?

— Foi Você quem disse. Não se lembra?

— E que aprontou por lá?

— Não aprontei nada. Fiz minhas necessidades na privada, se é isso que Você quer saber...

— Não fuja do assunto.

— Fumei um restinho de maconha...

— Mentira!

Cléber empregava o recurso que vira Antunes usar, o do jogar o verde para colher maduro. Mas Banguela pegou logo a malícia do outro:

— Se Você está tão interessado, por que não foi ver?

— Isso quer dizer que fumou de cair. E não deve ter sido coisa leve.

— E que Você tem de ver com isso?

— Vou explicar a Vocês.

E contou a conversa com Antunes, concluindo:

— Se o vício prejudicar nossa fonte de lucro, agora que devo mesmo fazer o artesanato, não vai dar pra continuar com Vocês. Também não vou querer ver nenhum dos dois desencarnar tão cedo.

— Desencarnar?

Era a vez de Banguela se surpreender.

— Bater com as dez, morrer...

— Eu entendi. Mas é só espírita que diz assim.

— Pois é um jeito bem legal de dizer. Significa que a morte liberta o espírito.

— Então, morrer não deve ser tão mau.

— Se Você tiver cumprido as tuas obrigações.

— Que obrigações?

— As que Você marcou antes de nascer.

— E eu marquei alguma coisa?

— Todos marcam.

— ‘Tá brincando!

— É claro que não estou.

— Histórias da carochinha...

— Que é que Vocês entendem da vida e da morte?

— Vou esperar pra ver, quando chegar a minha vez.

— Bobagem! Se Você não fizer o bem pras pessoas, vai ter de enfrentar o Umbral, as Trevas.

— Inferno agora mudou de nome.

— É quase isso. Quando Antunes...

— Sempre esse Antunes. Ele está metido em tua vida e agora vem causar problemas pra nós.

— Vocês querem ou não querem saber mais alguma coisa?

— Vamos deixar pra outro dia.

— Então, fiquem só sabendo que, quanto a mim, estou decidido a abrir mão das próteses mais sofisticadas.

— Que é isso, cara? Que é que vai fazer com o dinheiro?

— Vou ajudar em casa. Quem sabe até comprar uma boa casinha pros velhos. As meninas estão ficando imbecilizadas com a televisão. Não querem saber de mais nada. Eu vi o que passa nos sábados e domingos. Ficam ali babando.

— E que é que Você tem com isso? Sabe o que vai acontecer? Elas vão querer outro aparelho maior. Som estereofônico. Vão querer ir no auditório. Vão vestir aquelas fantasias tolas que só mostram as imbecilidades que pensam da vida.

— Ô Banguela, até parece que Você está de acordo comigo!

— Como assim?

— Pois vai ser isso mesmo que vai acontecer, se eu não ajudar a pôr outras ideias nas cabeças delas. E isso só vai ser possível se forem em boas escolas. Aí é que entra o meu dinheiro.

— ‘Tá ficando louco!

— Pensem como eu e, quando morrerem, vão ver que os bons espíritos virão receber Vocês. Façam tudo errado, e Vocês vão ver o que é bom pra tosse.

— Aí vêm os demônios, como dizem os padres e os pastores, e te arrastam...

— Não me ponham nessa. Isso é com Vocês.

— ... e me arrastam pros caldeirões de óleo fervente.

Cléber estava a ponto de desanimar. Lembrou-se, contudo, das próprias reações e decidiu dar tempo ao tempo. Tinha sido só depois de muita insistência de Antunes que tivera coragem de pensar naqueles termos. Ajudara muito ter visto a atuação do pessoal do Centro. Sentira que as pessoas ofereceram as mesmas barreiras psíquicas, embora não falassem tudo às claras. Mas a turma da doutrinação não perdera a vontade de ajudar. Durante o almoço, comeu com a maior alegria, em meio às brincadeiras de todos. Nenhuma vez fizeram qualquer referência ao fato de ter sofrido a terrível amputação. Antes, faziam questão de levantar temas que podia compreender e o tinham posto muito à vontade, para só falar se quisesse. Nenhuma vez ficou em total evidência. Tinha sido, em suma, respeitado. Pensou muito sobre tudo isso naquele período em que ficou em casa. Ao visitar o irmão, soube que, na segunda-feira, iria fazer os exames. Prometeu ir, à noite, saber como tudo tinha sido.

Essas lembranças amorteceram a discussão e os amigos se sentiram aliviados da pressão catequizadora.

O dia passou no constante temor da chegada de Antunes e companheiros. Entretanto, só Zelão foi buscar a sua quota diária. O rendimento foi excelente. Cléber, contudo, começava a se sentir mal ao deixar as pernas expostas. Houve mesmo um momento em que colocou os pés de madeira. Mas passou um *engraçadinho*, que fez uma piada de mau gosto:

— Com esses pés, Você pode até correr na *São Silvestre*.

E não deu nada. Aliás, o rendimento decaiu muito naquela hora. Aí Cléber resolveu retirar as próteses, muito sentido por ter de fazer isso para que as pessoas compreendessem a sua perda. *Que diferença faz com ou sem esses pedaços de pau? Eu não estou aleijado do mesmo jeito?*

Às oito horas, chegava à casa do policial. Gaspar correu ao seu encontro. Era só sorrisos. Mas não foi capaz de explicar nada direito. Precisou que Odete relatasse o resultado dos exames:

— O Doutor ficou muito interessado no caso de Gaspar. Primeiro, fez uns testes com palitos e com riscos. Queria que equilibrasse dois ou três. Evidente que não conseguiu. Depois queria que passasse o lápis sobre umas linhas. Eu não vi direito, mas havia círculos, retas e outros desenhos. Ficou tudo muito ruim. Aí, deu um livro para ele ler. Tinha letras muito grandes. Gaspar foi perfeito. Não leu depressa, mas leu tudo. Então, as letras foram diminuindo e as frases aumentando. Com dificuldade, ele leu tudinho. O Doutor quis saber se ele havia entendido e Gaspar contou a historinha inteira, sem errar nada. O Doutor ficou impressionado. Toda vez falava *muito bem!, muito bem!* (Odete reforçava o incentivo para que Gaspar se sentisse melhor.) Depois escreveu uma longa carta, cheio de nomes complicados e disse pra passar no guichê das consultas. Lá, a moça mandou esperar um pouco e depois chamou Gaspar no alto-falante. Tinham sido marcados outros exames. Os papéis estão aqui: tomografia computadorizada do cérebro...

— Quer dizer que não tem nenhum resultado positivo?

— Quer dizer que pode ser que ele vá ser operado. O Doutor explicou que tanto pode ser um tumor como pode ter havido um problema qualquer de coagulação que deve estar pressionando os miolos.

— Ele disse isso só pra dar esperança.

— Ele disse que pode ser e não que é. As radiografias e os outros testes é que vão revelar. A enfermeira explicou que esses exames são muito caros, mas lá o atendimento é de graça. Não é uma maravilha? Você já pensou se o teu irmão puder jogar bola...

Odete mordeu os lábios. Tinha falado besteira. Cléber, no entanto, percebeu o constrangimento da boa senhora e saiu-se com esta:

— Aí eu vou torcer pro time dele. Pode deixar. Vou ser o maior fã e vou chefiar a torcida uniformizada.

Como por encanto, desfez-se o clima de expectativa e a senhora pretextou ter de sair para ligar a televisão e preparar o vídeo para gravação do capítulo da novela. Iria rezar o terço, na novena que percorria as casas do bairro. Ficassem ali vendo o programa.

Cléber imantou-se no sofá. Sempre menosprezara o enredo boçal das moçoilas e das corocas tentando enganar os galãs e velhas raposas. Interessou-se, porém, pelas cenas da mais absoluta riqueza, com cortinados de seda, grandes escadarias de mármore, móveis luxuosos, mordomo e criados, e o espírito malvado da personagem que desejava prejudicar os mais pobres. *Será que estão fazendo a crítica dos costumes depravados da gente rica?*

Naquela noite, mais que nunca, sentiu que era absolutamente ignorante, inculto, incivilizado e que ganhar dinheiro talvez não fosse o objetivo maior de sua vida. Assim que desse, no começo do ano, refaria a matrícula na escola. Queria estudar de novo. Guardaria, porém, segredo da deliberação. Os companheiros deveriam ser convencidos de maneira mais habilidosa do que o fizera a respeito das ideias espíritas.

CLÉBER É TESTADO

A semana passou tranquila. Tudo parecia caminhar segundo os prognósticos mais otimistas. Cléber, decidido a auxiliar a família, foi depositando na conta a quase totalidade de sua parte dos rendimentos.

Na sexta-feira, à noitinha, estava no barraco com Juliano, quando chegou Antunes, bastante eufórico:

— Cléber, meu filho, tenho grandes novas.

Que é que pode ser? — pensava o rapaz. — Será que os espíritos se manifestaram a respeito de meu caso ou elucidaram o futuro de Gaspar? Será que alguém ganhou na loteria?

Não teve tempo de maiores preocupações, pois Antunes foi antecipando:

— Ligaram do hospital. O Doutor me mandou levar Você na segunda pra receber as próteses tão aguardadas. O teu caso foi julgado muito relevante e o Estado destinou verba especial para a aquisição das pernas mecânicas mais aperfeiçoadas. Devo dizer que vêm da Alemanha.

Cléber não sabia o que pensar; menos ainda o que dizer:

— Mas ele me falou que as melhores eram americanas.

— Isso não tem nenhuma importância. O fato é que são de última geração. Na segunda, nós vamos ficar sabendo exatamente como são. Talvez Você vá precisar de um tempo pra se acostumar com elas, mas isso o Doutor irá resolver da melhor maneira. Você não ficou feliz?

Na verdade, a mente do rapazelho estava dividida entre receber do Céu essa dádiva e prosseguir fingindo estar arrecadando dinheiro nas ruas para adquirir as próteses.

— Estou muito feliz.

— Segunda-feira, iremos juntos.

— Já contou pra minha família?

— Ainda não tive oportunidade. Mas estou convidando Você pra vir comigo. Juliano também poderá vir. Não tenho muito tempo, porque hoje devo baixar lá no Centro, mas prometo trazer os dois de volta. Aliás, eu tive uma ideia: será que não vão querer dar um pulo no Centro? Hoje é dia de reunião mediúnica, mas as pessoas podem assistir, desde que fiquem em silêncio, concentradas em oração.

Foi Juliano quem surpreendeu os dois:

— Eu aceito. Faz tempo que desejava matar minha curiosidade. O Cléber tem falado bastante das coisas do Espiritismo. Eu prometo não me assustar com nada. Depois do susto com os assaltantes, não vai ser qualquer coisa que vai me deixar espantado.

— Eu vejo que Vocês estão com roupas novas.

— Compramos hoje mesmo. O dinheiro está dando...

Antunes não queria imiscuir-se na forma pela qual estavam arrecadando os fundos. Preferiu desviar o assunto:

— Tudo bem. Agora vamos embora. O meu parceiro também tem de se recolher.

Deodato e Maria se rejubilaram com a notícia. Desde que se abrisse a esperança de cura para Gaspar, o relacionamento entre ambos havia melhorado ainda mais. Tinham comparecido três vezes ao Centro nos últimos dias, ocasiões em que muito solicitaram aos protetores que ajudassem os filhos. Era difícil para Maria não julgar que tudo estava sendo providenciado pelo plano da espiritualidade. Deodato, contudo, punha certas restrições, sabendo que toda vantagem poderia reverter em compromisso de reposição através de muito trabalho. Era como as coisas, para ele, pareciam acontecer. *Você trabalha e depois recebe o pagamento. Na programação do etéreo, o pagamento pode ser antecipado, porque os caminhos do Senhor não podem ser compreendidos pela mente humana. Aí, os homens têm de trabalhar pra restabelecerem o equilíbrio da existência.* Não pensava exatamente nesses termos, mas poderíamos traduzir-lhe assim os raciocínios.

Não tinham projetado ir ao Centro naquela noite, porque desejavam ficar com as meninas. Tinham conversado a respeito e chegado à conclusão de que a ida ao Centro poderia significar o abandono dos familiares. Esse sentimento de culpa lhes fora acentuado na última palestra, quando o orador lembrou que a principal responsabilidade das pessoas está em auxiliar os de seu sangue. *Fazer o bem deve começar sempre em casa* — fez questão de repetir muitas vezes. Assim, resolveram não acompanhar o filho, insistindo com ele para que agradecesse a boa vontade dos benfeitores.

No íntimo, Cléber começava a desconfiar de que tinham sido os espíritos que estavam colocando a mendicância como problema a ser equacionado proximamente. Enfim, lembrando-se da curiosidade do amigo, quis ir ver como decorria a reunião, preocupado com a ideia de fazer ou não um teste para ser respondido pelos espíritos.

Chegaram em cima da hora, quando o pessoal ia fechar a porta. Imediatamente se acomodaram, as luzes foram apagadas, permanecendo apenas uma luzinha azul sobre a mesa, ao redor da qual várias pessoas se sentavam.

— São os médiuns, ia instruindo Antunes. — Agora, a música vai ser abaixada e vamos ouvir várias orações. Depois as luzes vão se acender e serão efetuadas leituras do ***Evangelho Segundo o Espiritismo***, de Allan Kardec. Às vezes, são escolhidos outros livros, ao acaso, sob inspiração...

Não pôde prosseguir. O diretor da reunião pediu concentração, invocou os guias do Centro, especialmente o amigo João, orientador espiritual da casa, conforme explicou, pedindo especial deferimento para as intenções benignas de todos os presentes. Lembrou diversos nomes de pessoas necessitadas de amparo, entre os quais se ouviu o nome de Gaspar, e orou a prece de São Francisco de Assis, conforme, em seguida, Antunes explicou aos acompanhantes.

— Você não deveria estar junto à mesa?

— Quando a gente traz pessoas novas, estando a mesa com a possibilidade de ser completada, somos dispensados, para dar assistência aos convidados. Agora, as luzes vão ser apagadas, o som vai ser desligado e vai ser dado início ao tempo reservado às manifestações dos espíritos. Se tivermos sorte, João poderá vir fazer uma preleção a respeito de um dos temas importantes da Doutrina.

De fato, assim que o diretor da reunião facultou a palavra aos médiuns, houve a manifestação de uma entidade que se identificou como João:

— Graças a Deus! Queridos irmãos, este que vos fala é o vosso amigo João. Tenho o privilégio de vos dirigir a palavra para falar da ventura de se estar sob o amparo das forças da espiritualidade. Vocês se lembram de Jesus, quando esteve no deserto e recebeu as três tentações do demônio? Pois o texto bíblico foi registrado para demonstrar aos pósteros, ao povo da época e de todos os tempos, que o materialismo é sumamente tentador. E como respondeu o Senhor? Disse que não era só de pão que se alimentava o homem, mas de toda palavra provinda de Deus.

Cléber se mexia na cadeira, impaciente. Não era o que tinha solicitado. Esperava, porém, para avaliar se a palestra guardava alguma relação com o seu teste. Juliano, por seu turno, escutava absorto, como a beber os ensinamentos. Tinha imaginado que as pessoas que recebiam os espíritos começavam a se debater, como tinha visto na televisão, em uma cena de Candomblé. No entanto, a entidade utilizava o nome de Jesus e do Senhor com a máxima naturalidade. E lembrava a **Sagrada Escritura**. *Então, esses ensinamentos valem também pros espíritos?* Admirava-se, pois julgava que os dizeres poderiam ser relativos apenas às atividades dos humanos.

João prosseguia:

— Reservamos para esta noite a presença de alguns irmãos desencarnados necessitados de esclarecimentos, porque, recentemente, se desprenderam de seus corpos e se encontram muito preocupados com os parentes que deixaram na Terra. São seres que devem entender que sua responsabilidade ficou em segundo plano, em relação aos compromissos da encarnação. Peço, pois, ao orientador encarnado que explique a cada um exatamente como se sentiria se fosse Você a pessoa querida. Fiquem com Deus em sua infinita misericórdia.

Por mais uma hora, aproximadamente, desfilaram, na voz de diversos médiuns, as queixas de algumas entidades que se julgavam em débito para com os familiares. Cléber notou que todas se lamuriavam por não terem aprendido os princípios espíritas enquanto vivos e que estavam encontrando muita dificuldade em serem ouvidas ou pressentidas pelas pessoas com quem desejavam comunicar-se, especialmente porque essas pessoas pertenciam a religiões que não admitiam a possibilidade desse relacionamento. Uma das frases se destacou do conjunto, para encanto do rapaz:

— Se eu soubesse que a vida poderia receber outro tratamento, teria pedido ao Senhor que me tirasse as pernas, pra que eu não pudesse...

O restante das palavras se perdeu. Entretanto, a referência era clara em relação ao que solicitara Cléber, uma vez que desejava ver esclarecido o fato de que poderia ter sofrido a amputação das pernas por solicitação anterior ao nascimento.

Até o final da sessão, ficou imerso em pensamentos tristes, porque rememorava o quanto tinha sido mau, despótico, terrível e inconsequente até o dia em que se encontrara

com o carrasco, debaixo da ponte. De repente, levou tremendo susto: ocorreu-lhe que o coágulo na cabeça do irmão poderia ter sido provocado pela bolada que lhe dera no berço. Tentou afastar a impressão de mágoa, contudo, ficou estático, lívido, como se o peso do mundo estivesse sobre seus ombros. Passaram-lhe ideias de vingança contra o malfeitor que quase tirara a vida de Antunes. Rejubilara-se com a morte dele. Várias vezes, o soldado havia demonstrado seu indulto ao desafeto de ocasião. Cléber nunca havia concordado com esse sentimento. O amigo chamava de altruísmo, punha Jesus na conversa, dizia que, se o Pai não perdoasse, ninguém entraria em seu reino. Como iria reagir o irmão, se descobrisse que fora ele quem lhe estragara o cérebro? Embatucou. A manifestação dos espíritos demonstrava que se punham a par dos problemas provocados durante a vida. Mais cedo ou mais tarde, portanto, iria encontrar-se perante Gaspar, para acertarem os débitos. Traçava-se, para seu jovem julgamento, um plano de reconciliação necessária. E isso ocorreria em relação a todos os credores. Era a conscientização da responsabilidade cármica.

O resto do tempo passou silencioso. Antunes percebeu que algo calara fundo na alma do jovem e respeitou-lhe a atitude.

— Onde Vocês querem passar a noite? Cada um em sua casa ou no barraco?

Ambos preferiram ficar no barraco.

Antunes arrumou carona com os amigos do Centro e largou os dois em seu modesto tugúrio, imersos em cismas existenciais profundas, apalermados e zonzos pela impossibilidade de resolverem todas as dúvidas.

A noite passaria cheia de sonhos e pesadelos. A manhã lhes reservaria algumas surpresas.

EXPERIMENTANDO A SORTE

Banguela chegou muito agitado mas não abriu o bico. Parecia estar ruminando um plano que não desejava partilhar com os demais. Arisco, não respondeu a nenhuma perquirição dos amigos. Nem se expandiu como costumeiramente.

Foi Cléber quem desejou propor outra estratégia para o sábado:

— Hoje é dia que meu pai está em casa e Antunes fica meio solto, porque não está dando plantão. É um perigo ficar expondo as pernas cortadas. Vamos fazer o seguinte: a gente vai a outro lugar, onde o Zelão não esteja, e, simplesmente, tentamos vender as quinquilharias. Vou fazer um cartaz, pedindo pro povo ajudar o aleijado.

— Não vai dar certo.

Era Juliano, querendo demonstrar os riscos da empreitada.

— Por quê?

— Sempre vai ter um cara querendo pôr banca em cima da gente. Se tiver um três-oitão na cintura, fica valente. Ou, então, a fiscalização da Prefeitura pode aparecer. Se não der o rapa, vai querer parte do lucro.

— E eu não sei disso? Só estou querendo ver o que acontece. Se levarem tudo, a gente se apruma na semana que vem. Não precisa pôr à mostra toda a mercadoria. Vamos tentar. Eu estou cismado que vai dar certo. Vamos procurar um bairro mais chique. Eu fico com esta roupa mais decente e Vocês dão chá de sumiço, de campana, pra me avisarem se suspeitarem de algum bode. Afinal, hoje é sábado e qualquer coisa que entrar é a mais. Antunes diria que é *por acréscimo de misericórdia*.

A provocação passou despercebida aos companheiros, mas o protetor, no etéreo, compreendeu, perfeitamente, que Cléber ironizava para receber algum sinal de boa vontade dos espíritos amigos.

A cadeira de rodas foi deixada no barraco e os três avançaram pelos trezentos metros da favela, até o asfalto. Ali conseguiram um táxi que os conduziu pelas avenidas vazias até a região dos Jardins.

Escolhido o logradouro público, os peraltas estenderam uma toalha no chão sobre a qual esparramaram os produtos, pregaram a cartolina na parede, com os dizeres: *Ajudem o aleijado, comprando uma bijuteria*. Uma hora depois, como não havia vendido uma só peça, apesar da boa movimentação das pessoas, Cléber acrescentou: *Não aceito esmolas*.

Trabalho pra viver. Outra hora decorrida sem sucesso, e Cléber retirou as pernas de madeira. Aí, o povo começou a reparar no aleijão e a deixar contribuições, ignorando completamente os dizeres do cartaz. Houve quem tivesse lido mas comprar os objetos nem pensar. Esses é que deixavam mais dinheiro e ainda faziam gestos de evidente solidariedade para com o pequeno artesão, que manipulava os arames e pedras, empunhando alicates e tesouras.

Em certo momento, um velho, bem vestido, de bengala, postou-se ao lado e passou a observar o empenho de Cléber em confeccionar o artesanato. Este logo suspeitou de que o sujeito poderia entender do riscado e parou o serviço, pondo-se a conversar:

— O senhor não deseja comprar um lindo colar pra tua filha ou uma pulseira pra patroa?

— Não estou interessado.

— Quem sabe um anel pra netinha ou uma presilha de cabelo. Eu tenho diversos modelos.

— Não estou precisando de nada.

— Quem sabe...

— Ó meu jovem, não precisa se aborrecer. Não vou te dar nenhuma esmola nem adquirir nenhuma peça. Na verdade, Você não entende nada desse serviço, mas louvo a iniciativa de deixar bem claro que não deseja ser considerado um inútil. Aqueles dois que estão com Você devem estar se aproveitando de tua boa vontade.

— Aqueles dois são meus amigos. Sem eles, eu não ia a lugar nenhum.

— Pois deveriam estar trabalhando, sem fingimentos. Agora, fumando a erva maldita, não vão colaborar pro pagamento do aluguel do ponto.

— Que aluguel do ponto?

— Mil reais. Por dia.

— Você está sonhando!

— Não estou, não.

— Nem que eu ficasse o mês todo aqui não ia arrecadar tanto.

— Não ia mesmo. Mas ia atrapalhar os que estão reservando a área. Eu não estou no ramo há pouco tempo. Sei muito bem que Vocês estão faturando a falta de pernas e mais nada. A venda do material é pra não dar na vista. Agora Vocês vão recolher tudo e desaparecer pra sempre. E pra mostrar que estou sendo bonzinho, Vocês não vão precisar pagar as horas que ficaram ao relento.

Cléber começava a desconfiar de que o velho era só papo furado, mas, prudente, fez a pergunta de maneira direta:

— E se a gente não sair?

— Não sair por bem, Você quer dizer, porque sair por mal fica por minha conta.

O velho empunhou um apito:

— Se eu assoprar, em dois minutos Vocês serão jogados numa viatura da polícia e serão acusados de uma série de coisas, inclusive de consumo e porte de drogas, o que pode ser interpretado como tentativa de venda. Vocês é que sabem.

Falava no plural, dirigindo-se a Cléber, querendo sugerir que ele explicasse aos outros o perigo que corriam.

— Vocês têm dez minutos.

Quando Cléber começou a arrumar a mala para dar o fora, percebeu que os outros dois tinham desaparecido. *Só me faltava agora carregar todo o peso.* Demorou um tempão para colocar de volta os pés, amarrou a mala nas costas com a toalha, arrancou e despedaçou o cartaz, pegou as muletas, fez enorme esforço para se levantar, quase caiu de costas, mas não obteve ajuda de ninguém. O velho estava na esquina, apoiado na bengala, observando-lhe os movimentos. De lá, fez sinal de positivo com o dedão para cima e com as duas mãos indicou o caminho que o jovem deveria seguir.

Cléber, contudo, ficou rente ao meio-fio, aguardando um táxi. O primeiro disponível só chegaria cinco minutos depois, tempo em que o sujeito não parava de acenar-lhe com o relógio.

Finalmente em casa, ajudado por pessoas da favela, pôs-se a chorar, sem conceber a verdadeira razão das lágrimas. Eram as primeiras desde que verificara a perda das pernas. Sentia-se um inútil, perante a prepotência das pessoas. Se tivesse a autonomia de antigamente, teria dado um pontapé no leão-de-chácara e corrido com ele, que não lhe parecera tão disposto a enfrentar gente inteira. *Só fez isso porque me viu incapacitado.*

Quando acalmou a crise, pôde pensar sobre as experiências. Deduziu que não iria conseguir sobreviver apenas com a venda daqueles badulaques. Se quisesse prosseguir, iria ter de se cadastrar na Prefeitura, submeter-se às leis e impostos, mudar de ramo de comércio e, ainda, se dispor a compartilhar o local com centenas de marreteiros. Nesse caso, o rendimento não iria dar para manter os amigos ajudando, sendo que ele dependia de ambos para quase tudo. E as coisas iriam piorar muito mais com as novas próteses, que lhe dariam, com certeza, a aparência de gente inteira, conforme vira nos prospectos no hospital.

Não será o caso de deixar em casa...

A ideia de continuar mendigando era forte em sua mente. Lembrou-se de uma piada que o Doutor contara, de um judeu curado pelo Cristo e que perdera a fonte de lucro, requerendo de volta a condição anterior. Até o médico havia concluído que há bens que vêm para mal. Ele se encontrava exatamente assim. Com uma diferença, a vida que levava anteriormente já não era mais possível, porque a dificuldade da falta de pernas o impediria de movimentar-se inteiramente à vontade. Além do mais, sua cabeça estava feita pelo sofrimento e ele acreditava que não se satisfaria em se aventurar, simplesmente, longe de casa. Precisava do apoio familiar, da mesma forma que via, na ajuda financeira possibilitada pela mendicância, a saída para os desajustes dos parentes.

Quando se lembrou de que deveria preparar alguma coisa para comer, chegaram os dois amigos, esbaforidos, querendo saber o que ocorrera, por que tinha abandonado o lugar sem esperar por eles.

Cléber é que deveria ofender-se com o desaparecimento de ambos, entretanto, contentou-se em contar tudo o que se passara, encerrando a narração com uma pergunta:

— Onde estavam Vocês?

Tinham preparado a desculpa mais plausível:

— Fomos comer alguma coisa.

— Mentira. Se tivessem ido comer, teriam me procurado pra perguntar se eu também queria. O que o velho me disse é que estavam fumando maconha .

— Fumamos, mas foi só um pouco, pra nos deixar...

— Mas nós não tínhamos combinado... Deixa pra lá. O que me deixa azucrinado é que Juliano não aprendeu nada no Centro.

— Aprendi, sim. Aprendi que devo pedir desculpa a Você. Aprendi que Você deve me desculpar. Aprendi que devo prometer...

— Isso Você não aprendeu, porque, se tivesse aprendido, não teria me deixado lá sozinho, no pior momento. E Você, Banguela, está em condições de entender o que estou dizendo ou está doidão?

— Me deixa quieto, Clé. Hoje estou *fudido*. Não estou bom da cabeça. E esse cara aí ficou me passando sermão o tempo todo.

Cléber interrogou Juliano com os olhos. Este fez sinal que depois falaria. Mas Banguela revelou o que pensava:

— Eu vou acabar com aqueles caras que bateram em nós, mesmo que esse covarde não for comigo. Você tem desculpa, mas ele, não. Ficou falando em dívidas dos outros, em dívidas da gente. Que sei lá! O que sei é que eles vão me pagar. Deixa eu comprar...

— A gente não estava lá porque ele tentou comprar um revólver pra emboscar os assaltantes.

— Tá maluco, seu?! Deixa pra lá. Se eles tivessem tirado as tuas pernas, até que se poderia compreender. Mas só te rasgaram um pouquinho a orelha. O médico não disse que vai dar pra pôr brinco de novo? Então?

Mas Banguela estava tomado e não queria saber de nada. Deitou na cama de sapatos e tudo e lá ficou desacordado, curtindo os efeitos da droga. Mesmo quando chegou Deodato, não acordou. Aí, causou um problema para os outros que queriam ir comer em casa, mas estavam com medo de largá-lo sozinho. Cléber considerou o perigo de um escândalo pelo estado em que Banguela se encontrava e resolveu abandoná-lo à própria sorte.

— Se der, a gente manda a mãe dele vir buscar.

CONVERSAS INTERROMPIDAS

Ao chegarem, Cléber foi distribuindo embrulhos para as irmãs e para a mãe. Eram pequenos presentes que se constituíam de brincos, broches e colares. Traziam o selo do imperfeito, porque fizera questão de dar-lhes só as peças que ele mesmo havia produzido. O gesto inesperado encantou a todas. Lurdes recebeu um mimo diferente, uma boneca de plástico, de ótimo acabamento, que pôs as outras duas com inveja. Era efeito com que não contava, mas a menorzinha agarrou a boneca, não deixando ninguém se aproximar.

Estando o almoço servido, Juliano foi convidado a partilhar da refeição, o que fez com imenso agrado.

Cléber era o novo centro das atenções, pelas coisas que tinha para contar. Relatou as peripécias da manhã e como fora obrigado a se retirar, sem se referir, evidentemente, ao vício dos colegas e à necessidade da mendicância para arrecadar dinheiro. Pintou o velho com cores mais vivas e transformou a bengala em temível arma secreta, dentro da qual se escondia fina lâmina de aço.

A peripécia representou muito perigosa para Maria e Deodato, que tiveram oportunidade de admoestar o filho, sem, contudo, demonstrarem rancor ou má vontade. Falavam carinhosamente, preocupados com a possibilidade de ser maltratado.

— Vocês pensam que não sei me defender? Se aquele velho viesse com muita prosa, iria dar-lhe uns bons pontapés. O duro é que estava acompanhado por quatro bandidos, uns caras cheios de músculos, como esses gorilas dos filmes da televisão.

Fazia gozação mas os outros não acharam graça nenhuma.

Depois do almoço, Juliano foi para casa, as meninas ficaram presas à tela da televisão, enquanto Maria punha ordem na cozinha. Rosângela não estava, para frustração de Cléber. Mas não fez perquirição alguma a respeito dela.

— Pai, precisamos conversar.

— Sobre?...

— Sobre uns planos que estou fazendo. Você sabe quanto tenho na conta?

— Uns seiscentos reais.

— Mais de dois mil.

Deodato ficou estupefacto. Precisava trabalhar quase o ano todo para arrecadar a quantia que, em três semanas, o maroto faturara.

— Mas devo dizer a verdade. Esse dinheiro não vem das vendas. Vem das esmolas que me dão, quando mostro os pedaços de pernas.

— Bem que Antunes preveniu...

— Vamos deixar o Antunes de lado. Hoje de manhã, eu fiz o teste da venda com e sem mostrar as pernas. Com as pernas de pau, foi um fracasso. Sem elas, muitos dão alguma coisa. Alguns jogam notas até de dez reais.

— Mas isso não está certo...

— Vamos conversar sobre o futuro da família. Eu não vou precisar mais comprar as próteses. Então, também não vou precisar mais guardar dinheiro, a não ser que reserve pra comprar outras coisas, como uma casa maior, roupas, comida...

— Não cabe a Você...

— Espere um pouco. Paciência. Depois Você fala. Eu não quero ser egoísta mas também não sou cego. As coisas aqui em casa estão muito apertadas. Mamãe está trabalhando...

— Ela está de olho na licença...

— Que se dane a licença! Eu estou falando nela não trabalhar mais. Nela ficar tomando conta das crianças. Nela cuidar do nenozinho que vai nascer. Nela trazer de volta o Gaspar.

— Sem o dinheiro dela...

— O dinheiro dela não é nada perto do que eu posso arrecadar.

— Você está querendo dizer que quer continuar...

— ... que vou continuar explorando a comiseração e a boa vontade do povo.

Não puderam prosseguir, porque Maria apareceu na porta e disse, tranquila, que as contrações estavam com intervalos de menos de dez minutos. Era hora de ir para a maternidade.

Os cinco partos anteriores tinham sido fáceis. Nada fazia prever que a criança fosse oferecer qualquer espécie de problema. Os exames pré-natais foram favoráveis e o tempo de gestação só se reduzira de duas semanas.

De fato, o nascimento se deu em parto normal e a criança chegou perfeita. Diferente das outras quanto à cor da pele, porque todos os outros eram bem claros, como os pais, e a que estava chegando puxava para um moreno acentuado, principalmente porque os cabelos eram escuros e fortemente encaracolados.

Deodato não aceitou presenciar o nascimento, permanecendo na sala de espera. Cléber não o acompanhara, tomando a iniciativa de ficar com as meninas, as quais precisava conquistar, para o que havia pensado em algumas histórias. Contudo, elas preferiram ficar diante da televisão, o que o levou a desejar ficar com a mais nova no quarto, brincando com a boneca, rindo e aproveitando-se do fato de que era muito pequena para se interessar pelos programas.

Mas a menina não era expansiva e não largava o brinquedo de modo algum. Não falava palavra, apesar de ter quase dois anos. Quando Cléber fez menção de pegar a boneca, começou a chorar, desesperada, defendendo-se do ataque do irmão, a ponto de atrair a mais velha para o quarto:

— Essa aí agora não vai parar mais.

Tinha pouco mais de seis anos, mas a experiência lhe ensinara muitas das verdades da vida.

— Quando ela fica assim, o que é que Vocês fazem?

— Vou chamar Rosângela.

— O que é que Você está esperando?

Isabel saiu correndo

Quando Rosângela chegou, Lurdes estava soluçando, prostrada, quase sem fôlego. Mesmo no colo da amiga, demorou para se acomodar.

Cléber deduziu que as coisas não iam bem com a pequena. Talvez tivesse problemas mentais. Talvez sofresse de distúrbios cármicos, desses que ouvira Antunes descrever, segundo a vontade das pessoas antes da encarnação. Com certeza, estava precisando ir ao médico.

A presença, porém, de Rosângela, na intimidade do quarto, o deixou sem jeito. Puxou conversa:

— Ela sempre fica assim?

— Só quando é contrariada.

E o assunto morreu, ambos constrangidos com o inesperado encontro.

Cléber resolveu sair para o quintal. A mocinha foi atrás. Não queria perder a excelente oportunidade de matar a curiosidade a respeito da dolorosa condição do rapazinho.

— Você sente dor nas pernas?

Cléber se sentiu magoado. Tinha ela de falar do motivo de sua inferioridade?

— Às vezes, quando faz mais frio.

— Me disseram que a pessoa sente coceiras, como se ainda tivesse os pés.

— É verdade. Às vezes, quando acordo, desejo movimentar os dedos, como se ainda estivessem aí. E até parece que estão.

— Você não se incomoda com as minhas perguntas?

— Só um pouco.

— Então, não falo mais nada.

— Não tem importância. Falando ou não falando, vou continuar sem as pernas.

— Por que Você diz *sem as pernas*, se Você tem um bom pedaço abaixo dos joelhos?

— É essa a impressão que eu tenho.

— Mas deve ser bem pior...

— Você não tem outra coisa pra dizer?

Rosângela, não querendo deixar morrer a conversa, emendou:

— Você vai voltar a estudar, o ano que vem?

— Eu pretendo. Por quê? Você também parou?

— Eu preciso trabalhar. Mas vou estudar à noite.

— Você não tem medo? A barra é muito pesada. Tem muito bandido.

— A polícia tem rondado a escola.

— Mas até lá são dois quilômetros, na escuridão.

— Tem muita gente que vai.

Teriam conversado a tarde toda, se não viessem chamar Cléber. Era Antunes:

— Vamos até o teu barraco. Parece que o Banguela aprontou uma. Pôs fogo em tudo e agora está querendo se matar.

— Eu falei pra ele que o *crack* era a pior viagem.

— Então, não vai adiantar levar Você.

— Me leve assim mesmo. Quem sabe...

— Suba na viatura.

E lá saiu o carro com a sirene aberta.

O quadro era muito triste. O fogo fora apagado pelos moradores. As paredes estavam negras de fuligem e o chão encharcado de água. Dentro da poça estava sentado Banguela, com um pedaço de garrafa na mão, ameaçando quem intentasse se aproximar. Ao ver o amigo, pareceu não reconhecer:

— Que é que esse aleijado veio fazer aqui? Veio me ver morrer?

Havia mais três policiais, tentando dissuadir o alucinado. Sabiam que não oferecia perigo mas temiam que se ferisse antes que pudessem dominá-lo.

Cléber se retraiu. Não sabia como ajudar. Antunes pediu para que dissesse alguma coisa:

— Você precisa distrair ele.

— Ninguém vai atirar?...

— Por que atirar? Ele é só um garoto assustado. Se quisesse machucar os outros, já estava na mão. O que não queremos é que o povo faça ideia errada da Polícia. É preciso agir com cautela.

Enquanto isso, imbecilizado, o pobre gritava:

— Quem é que gosta de ver sangue? — E exibia o corte da orelha não cicatrizado, de onde escorria sangue, porque arrancara o curativo.

Cléber criou coragem e se destacou do grupo:

— Banguela, Você sabe o que está fazendo?

— Ô cara, vê se fica na tua!

— Você 'tá perdendo a oportunidade...

Nem conseguiu concluir. Os policiais avançaram por todos os lados e abafaram o desatinado, não lhe dando tempo para reagir. Estava salvo. Debateu-se inutilmente nas mãos dos milicianos, até que foi algemado, teve as pernas amarradas e foi colocado na viatura.

Quando Cléber voltou para casa, levado por Antunes, encontraram Deodato com os olhos injetados de sangue.

— Que foi, pai? Aconteceu alguma coisa?

— Tudo bem, filho. Tua mãe e a criança passam bem.

— Então...

Antunes não deixou o interrogatório prosseguir:

— Cléber, Você fica em casa com tuas irmãs. Eu vou levar teu pai ao Centro.

Deodato se deixou conduzir sem resistência. No fundo da alma, confiava em que os protetores iriam iluminar-lhe a mente e desfazer os maus sentimentos contra Maria e o recém-nascido. Pensara que a cor fora a causa da revolução de ânimo. Mas começava a perceber que era mera desculpa. Desencadeava-se um misto de desânimo e de impotência, após longo período de contenção. Precisava desabafar e Antunes compreendeu que, perto

dos filhos, era o pior lugar. *No Centro*, pensava o militar, *os protetores encontrarão ambiente melhor pra exercerem o socorrismo. Aqui, os espíritos obsessores vão ter sucesso em sua empreitada de maldade.* Quase insensivelmente, repetia o pai-nosso, como a exorcizar os infelizes.

Cléber foi capaz de deduzir por que o pai estava tão triste. E pediu por ele, pela mãe e pelo meio irmão aos espíritos dos antepassados, que viessem para proteger a todos, inclusive ao Banguela, que o deixara vivamente impressionado.

À noitinha, voltava o pai mais tranquilo, pedindo desculpas aos filhos, abraçando-os e prometendo-lhes amor e compreensão. Chorava mas não assustava. As quatro crianças vieram agradá-lo. Enquanto carregava Lurdes, Beatriz e Isabel passavam-lhe as mãos pelas faces. Cléber alisava-lhe os ralos cabelos.

— Amanhã, Vocês vão querer ver seu irmãozinho? — perguntou, com o coração pequenino, com medo de que os outros estranhassem a criatura. — Então, vamos ver o que Cléber aprontou pra gente comer.

— Não fui eu, pai. Foi Rosângela quem esquentou o que sobrou do almoço.

Se Deodato não estivesse tão preocupado com os próprios sentimentos, teria percebido certa emoção nas palavras do filho.

O dia seguinte reservara-se para as alegrias do passeio. Apenas Cléber se compenetrara dos prejuízos com o incêndio e se decidira em definitivo por continuar pedindo. Interpretava os acontecimentos como sinal de que deveria prosseguir até vencer. Desvaneciam-se os pruridos de honestidade moral incutidos pela Doutrina Espírita.

BOAS PERSPECTIVAS

Às sete da manhã, batiam palma na frente da casa de Deodato. Em outros tempos, iriam acordá-lo. Agora, porém, desde às cinco e meia estava mourejando para deixar tudo em ordem, na ausência da esposa. Preparava o café para acompanhar o leite que fora comprar, juntamente com o pão.

Quem poderá ser tão cedo?

Era um sujeito escurinho, de má catadura, nervoso:

— Precisamos conversar.

— Sobre?

— Eu sou o dono do barraco em que morava tua cunhada e que estava sob a responsabilidade de teu filho e que ontem puseram fogo nele.

— E agora veio ver se tira alguma vantagem da gente trabalhadora.

— Tenho todos os direitos.

— Pois deve ir cobrar de quem pôs fogo. Meu filho perdeu todos os móveis, roupas e eletrodomésticos...

— Se ele tem de quem cobrar, que me diga o nome da pessoa, pra eu ir também.

Deodato sentiu que as velhas desconfianças nas pessoas tinham aflorado, desde que tanto se magoara com o nascimento da criança que deveria registrar como filho. Mas não perseverou na defensiva. *Afinal de contas, o homem tem razão. Atearam fogo numa propriedade dele.*

Os ânimos exaltados acordaram Cléber, que dormia na sala. Ouviu as palavras do pai e não pôde reconhecer o homem ponderado dos últimos tempos. Resolveu intervir:

— Seu Romeu, não fique aflito. Eu dou um jeito nas coisas.

— Como não vou ficar aflito? Você já viu como ficaram as paredes e o telhado?

— Não caíram.

— Mas falta pouco.

— Então, vamos ter de ver direitinho o que vai ser preciso consertar.

— E Vocês pagam todas as despesas?

— Vamos ver se as exigências não são descabidas.

— Eu acho que pouca coisa vai ser aproveitada.

— Vamos fazer o seguinte: às nove, Você espera a gente pra ajudar a fazer o levantamento do material.

— Eu quero saber se Vocês vão continuar alugando a casa.

— Até quando o aluguel está acertado?

— Tem mais um mês.

— Tudo bem. Daqui até lá a gente conversa sobre isso. Fique tranquilo.

Deodato punha muita admiração nas atitudes do filho. Parecia um homem adulto e ele nem completara os quinze anos. Não achava certo devolver o barraco em melhores condições, já que o incêndio acabou escondendo os defeitos anteriores. Quis argumentar:

— O teu nome é Romeu?

— Sim.

— Então, escute bem o que vou falar. O meu filho não entende muito dessas coisas. O homem se impacientava.

— Eu acho que o senhor devia cobrir uma parte das despesas...

— Espera aí!

— Não espero nada. Ouça, porque o senhor só tem a ganhar.

— Mas eu perdi...

— Não é por isso que vai querer ganhar nada a mais.

O dono do barraco viu que sua intenção de se aproveitar do acidente para ganhos suplementares estava descoberta. Mas fincou pé:

— Quer dizer que vou ter de arcar com os prejuízos.

— Prejuízo nenhum. O que não pode é querer que a gente reforme o cômodo, pondo tudo novo, quando o que lá havia estava uma porcaria.

Cléber não estava disposto a ouvir a discussão mas Romeu não queria deixar as coisas para as calendas:

— Não é porque Vocês têm amigos na Polícia que vão me deixar no prejuízo.

— Ninguém falou em prejuízo.

Cléber interrompeu:

— Vocês querem me ouvir? Vamos ver o que vai ser preciso fazer. O que tocar a mim, eu pago. Se for pra acrescentar benefícios...

— Eu não quero nada demais. Só quero as coisas como eu deixei nas tuas mãos.

— Então, precisamos conversar lá mesmo, fazendo levantamento de tudo.

— Mas o teu pai está ameaçando não pagar.

— Ele não disse isso. Ele disse que ninguém deve ter lucro com a desgraça alheia. Foi o que entendi. Quanto à gente ter amigos policiais, Antunes é gente fina, espírita de mesa branca, homem direito e cumpridor das obrigações. É bom não ofender quem não está presente.

— Fiquei nervoso.

— Isso não é bom pra saúde.

— Então, Vocês vão lá às nove horas?

— Vamos.

— Vou ficar esperando.

— Até logo.

Quando Romeu se afastou, Deodato, que não se conformava com a interferência do filho, resolveu chamar-lhe a atenção:

— Cléber, do jeito que esse cara é esperto, vai querer tirar vantagem. A gente não pode dar uma de inocente.

— Deixa comigo, pai. Se eu resolver continuar morando lá, vou ter de deixar tudo em ordem.

— Você aluga coisa melhor.

Deodato falava como se o filho fosse continuar com os mesmos rendimentos.

— Mas o homem pode ter razão. Afinal de contas, se a gente fizer o cálculo direitinho de todos os aluguéis pagos, não vai cobrir as despesas da reforma. É pouco, mas ele aplicou um capital.

— Acidentes acontecem.

— Pode ter a certeza de que Banguela pôs fogo de propósito.

— Mas ele nem morava com Vocês.

— Ontem, quando eu saí com Antunes e Juliano, deixei ele dormindo. Pensei em mandar alguém e não mandei ninguém. Eu fui culpado de deixar o carinha...

Se prosseguisse comentando, iria ter de explicar o consumo das drogas, iria ter de demonstrar que não participava das rodadas, iria ter de defender os amigos como colegas de trabalho, e todas essas coisas eram de difícil compreensão para um pai agitado, como estava Deodato. O nervosismo era evidente. Tinha necessidade de desferrar a vergonha da mulher? A ocasião era muito boa. Cléber intuiu tudo isso e se calou. Ou melhor, apenas acrescentou:

— De onde veio o meu dinheiro tem muito mais. Vamos acordar as meninas e mandar chamar Rosângela.

— Ela prometeu estar aqui às oito.

— Então, vamos tomar café.

Antes que terminassem, apareceu Antunes. Vinha preocupado:

— Ontem, com o fato de ir ao Centro, acabei não comentando a respeito do barraco. Acho que vamos ter umas despesas...

Cléber sorriu e pôs o dedo indicador sobre os lábios, em sinal de silêncio:

— O dono do barraco já veio criar caso hoje cedo. Mas combinamos o que vamos fazer daqui a pouco. Se Você me levar, a gente dispensa meu pai pra fazer o almoço. Hoje de tarde, vamos todos visitar minha mãe e o novo membro da família. Você tem notícias de Banguela?

Antunes sabia que estava recolhido na delegacia, esperando a hora de ser enviado a centro de recuperação de menores infratores.

— Não há muito que possamos fazer por ele. O caso será decidido pelo Juizado de Menores. O pessoal dos Direitos Humanos vai ter de trabalhar em favor dele, porque a família não tem recursos. Deixem comigo. O que eu puder fazer, eu faço. Não existe caso perdido, mas esse carinha está enrascado.

Cléber demonstrou apreensão:

— Eu acho que a família não gosta dele.

Antunes não via como tranquilizar o rapaz:

— Vou pedir pros diretores do Centro perguntarem na Federação Espírita se existe vaga em hospital especializado. Eu sei que eles fazem esse tipo de encaminhamento. Mas vamos mudar de assunto. O menino já tem nome?

— Maria quer que se chame Deodato.

— Bem lembrado.

— Eu disse pra ela que quem registra sou eu e não vou pôr o meu nome...

Precisou fingir-se de engasgado para não falar nada que ofendesse a mulher. Mas foi suficiente para que os outros medissem a sua zanga. Intimamente, acharam que tinha até razão, porque é muito difícil de engolir semelhante drama.

— Eu acho que vou pôr o nome nele de Benedito ou Sebastião. Ou os dois juntos.

— O que Maria acha disso?

— Não falei nada pra ela.

— Então, é bom falar. Vocês ainda têm tempo. Segunda-feira Você está dispensado do trabalho justamente pra efetuar o registro.

— Quero aproveitar pra acompanhar Cléber ao hospital.

Antunes queria amenizar as coisas:

— Não precisa. Aproveite o dia pra descansar. Eu levo Cléber e depois vou buscar. Aliás, essa mamata vai acabar. Eu fui avisado de que vou receber incumbências internas. Falta só a turma que está em treinamento ser liberada pras ruas.

Deodato estava sentindo-se rejeitado. Começava a invejar a ascendência moral do amigo sobre o filho. *Eu tenho de ficar em casa cozinhando, enquanto ele vai resolver o caso das reformas. Eu tenho de cuidar de registrar o filho do outro, enquanto o meu filho vai com ele receber as pernas novas.* Lastimava-se, mas não encontrava meios de superar as dificuldades que lhe tinham sido impostas pelo desenrolar dos acontecimentos. Se estivesse mais adiantado nos estudos da Doutrina Espírita, iria poder compreender melhor esse angu-de-carço em que mergulhara. De qualquer modo, lembrava-se de que Jesus pedira ao Pai para perdoar os inimigos e ele, atualmente, não encontrava nenhum adversário traiçoeiro, ao nível dos que crucificaram o Senhor. *Quem sabe o errado seja eu mesmo, que não estou sendo capaz de me conformar com a sorte!* Lembrou-se dos tempos das bebedeiras e sutilmente achou melhor não insistir nessa linha de pensamentos. *Deodato até que é um bonito nome. Vou perguntar no Centro se alguém sabe o que quer dizer. Quem sabe tenha um sentido bacana, ajustado à situação.*

Parecendo ter lido no coração do amigo, Antunes saiu-se com essa:

— Você sabe que Deodato é um bonito nome?

— O que representa?

— Se não estou enganado, quer dizer *o que foi dado por Deus.*

Cléber complementou:

— Quem sabe essa criança seja um presente de Deus?!

E a conversa morreu aí.

As coisas com Romeu correram serenas. Ele, seja porque se acalmara, seja porque Antunes estava presente, acabou reconhecendo que, pelo menos, a pintura deveria correr por sua conta, porque as paredes estavam sujas quando alugou o barraco para a tia de Cléber. O madeiramento do telhado deveria ser trocado, mais a porta e o gabinete da pia.

Esta era uma peça carunchada, apodrecida pela umidade, porém, Cléber achou que não valia a pena discutir por tão pouco. Os batentes estavam intactos, mas os móveis todos se perderam, com todas as coisas que guardavam: roupas, o rádio, as bijuterias, o liquidificador. Ainda bem que Cléber resolvera colocar o dinheiro na poupança, senão as economias teriam virado fumaça.

De volta, Deodato foi colocado a par das tratativas, achando justo o acordo, prometendo trabalhar no conserto do telhado. Mas as providências não poderiam restringir-se só aos finais de semana, de modo que Cléber agradeceu e calou-se, para não magoar o pai. Contudo, havia imaginado arranjar quem pudesse fazer o serviço sem cobrar muito. *Se for o caso, levo o pai de Juliano, que deve estar desempregado. Um dinheirinho a mais não vai fazer mal.*

A visita à maternidade trouxe muita alegria ao coração das meninas. Rosângela viu-se obrigada a ir junto, de modo que Cléber se viu incomodado com os olhares curiosos do pai. Também Antunes levava Odete e Gaspar, de modo que todos puderam reunir-se ao redor da criancinha que dormia no berço, ao lado da mãe.

Odete, instigada pela curiosidade, queria saber o nome do pequeno.

— Deodato. Ele não quer esse nome e eu compreendo o seu sentimento. Mas, se a criança tiver o nome dele, eu acho que vai gostar mais dela.

A delicada condição do pai fez o assunto morrer aí, entretanto, Deodato resolveu concordar:

— Vai ficar Deodato mesmo. Não pra que eu me ligue mais a ele, mas pra me lembrar sempre de que Deus me está dando chance de melhorar.

Antunes voltou-se para a janela. Uma lágrima insistia em brotar-lhe da fonte das emoções.

DE PERNAS NOVAS

Cléber pensava que teria de passar muito tempo até se acostumar com as novas pernas. Contudo, foi-lhe muito grata a surpresa de que eram bem acolchoadas, tendo sido ajustadas perfeitamente aos extremos de seus cotos. A cor de carne do plástico externo não dava a impressão de algo artificial, de modo que podia até expor as pernas abaixo da junção, pois não se diria que eram artificiais. Além de tudo, suprema perfeição tecnológica, era possível calçar qualquer sapato ou tênis. Restava-lhe a necessidade de bengala, para apoio inicial, mas, como lhe disse o médico, em pouco tempo seria dispensada.

— Doutor, eu estou crescendo.

— Nós podemos ajustar os parafusos internos e solicitar troca da parte externa da prótese. Caso suceda crescimento além da conta, podemos contar com a manutenção da fábrica, ou seja, vamos conseguir outro conjunto, porque a assistência é pra toda a vida, conforme reza o contrato do Estado com a firma fornecedora.

— Maravilha!

— O que Você não vai poder fazer, creio que nunca, é sair correndo. Contudo, existem próteses mais resistentes, adequadas para a prática de diversos esportes. Um dia, Você vai querer participar dos Jogos Olímpicos para Deficientes.

— Já ouvi falar na televisão.

— Essa turma é muito boa. Homens são, colocados em cadeiras de rodas ou sobre pernas mecânicas, mesmo sendo bons esportistas, não alcançam desempenhos similares aos dos deficientes. Mas é preciso treinar bastante.

Antunes ouvia com muita atenção. Punha fé em que essas palavras poderiam ser empregadas na conversão dos revoltados contra o Senhor, lá no Centro, sempre que ouvisse as lamúrias dos que se julgam vítimas da sorte.

Cléber havia combinado com o pai de Juliano que se encontrariam à tarde, para ajustarem o serviço de reforma do barraco. Precisava, para isso, ter dinheiro na mão, uma vez que não lograra obter talão de cheques. Imaginou que o pai tivesse interesse em ajudá-lo, de forma que foi buscar o velho em casa. Ia com as pernas novas, de tênis, embora se equilibrasse mal. Mas dispensou a cadeira, mantendo uma muleta e a bengala.

Como Antunes não podia dispor de todo o tempo, foi de táxi. Era despesa com que podia arcar, posto que cada dia fora da mendicância representasse sério retrocesso na campanha de arrecadação.

Juliano tinha sido encarregado de localizar Banguela, instruído por Antunes para que procurasse advogado disponível junto ao pessoal dos Direitos Humanos. Esse era motivo de expectativa para Cléber, que desejava ver o amigo reencontrar o caminho da vida, o que, pela sua compreensão, deveria passar pelo mais irrestrito apoio dele e de Juliano, credores das despesas do incêndio do barraco.

Enxugadas as lágrimas, Deodato quis examinar as próteses, fazendo Cléber repetir várias vezes o que lhe havia dito o médico. Estava muito sensibilizado.

— Já foi registrar a criança?

— Fui.

— Deixa ver a certidão.

Deodato não estava com muita vontade de mostrar.

— Que nome deu pra ele?

— Fique tranquilo. Está tudo como tua mãe queria.

— Deixa ver.

Realmente, a criança recebeu o mesmo nome, com pequena alteração: *Deodoro*. Deodato fez questão de esclarecer:

— Deodoro é pra ninguém fazer confusão com o meu nome.

— ‘Tá certo, pai. O sentido deve ser o mesmo.

— Será que tua mãe vai entender?

— Amanhã, a gente fica sabendo. Ela não vai receber alta?

— Vai.

— Quando voltar do banco, o senhor vai ajudar a reformar o meu quarto. Assim, vai poder fiscalizar os serviços do pedreiro e do carpinteiro. E vai poder ir fazer as compras no depósito de material de construção.

— Pra alguma coisa há de servir ser almoxarife.

— Além de *xerife*...

À noite, Antunes passou para levar Cléber para o Centro. Tinha programado ir primeiro para casa. Queria que o seu pessoal e Gaspar vissem como Cléber estava outro. E queria que lhe apalpassem as pernas, como se fossem algo de muito valor.

Cléber é que não estava gostando nada disso. As irmãs haviam engolido o receio e se aproximado, sob o amparo de Rosângela, tendo tido a primeira impressão da frieza do material. Até Lurdes foi levada para passar a mão pela superfície lisa. Essa atitude dava aos outros certa noção de poder do aleijado sobre as pessoas comuns. Mas o rapaz não se punha à vontade, lembrando-se de que preferia ter ido ele mesmo atrás de Banguela. *Coisas da vida* — pensava, recordando-se da frase de Antunes: — *Os desígnios de Deus são insondáveis*.

No Centro, ouviu com atenção todas as manifestações mediúnicas, não tendo logrado nenhuma resposta às inúmeras questões que formulou intimamente. Todos os espíritos que se apresentaram, todavia, insistiram no mesmo ponto, ou seja, que as coisas

não caem do Céu mas precisam ser buscadas com muito estudo e muito trabalho caritativo. Houve mesmo um que disse, literalmente:

— *Todo esforço em prol da sabedoria ou a favor do próximo é contado nesta e na outra vida. Deus é pai de misericórdia e leva em conta a sinceridade com que as pessoas buscam a Verdade. Ora, a Verdade se encerra no Amor, porque Deus é Amor. Portanto, amar ao próximo como a si mesmo e ao Pai acima de qualquer coisa irá constituir-se no objetivo angelical. Quem será capaz de expressar melhor esse pensamento? Se for, poderá considerar-se ao nível de Jesus, o Mestre do círculo galático, o responsável pelas entidades existentes neste setor do Universo. Esta não é lição da maior humildade?! Prefiramos existir sob a luz dos protetores maiores a tentar ofuscar a vista dos seres infelizes, pretensão que os que estão comunicando-se não têm. Mas é importante lembrar o evangelho do Cristo, porque muitos são os que olvidam as mais mezinhas lições que levam a suplantar os vícios e a enaltecer as virtudes. Fiquem na paz do Senhor!*

Três meses depois, vamos encontrar Cléber instalado em *camelódromo*, com barraquinha bem montada de objetos de adorno pessoal. Aprendeu a pintar lenços de seda, reproduzindo motivos adquiridos em lojas especializadas. Seu traço fino, contudo, realçava a qualidade da peça, obtendo elogios rasgados dos compradores. Não mais retirava as pernas artificiais, como fizera no início. O lucro não era grande mas dava para ele e Juliano se manterem, até auxiliando a família.

O barraco ficou limpo e melhor mobiliado. Fechou-se o local da latrina com parede e porta, acomodando-se a pia debaixo do chuveiro. Dava para Cléber tomar banho sentado na bacia da privada. As paredes ostentavam, até a metade, azulejos brancos e o piso fora forrado de lajotas de cerâmica. Abriu-se a canalização para o esgoto, de modo que os dejetos não mais eram despejados a céu aberto. O beliche acomodava melhor os dois amigos, ampliando o espaço para a pequena mesa, o fogão de quatro bocas e o armário de roupas. Sustentado na parede, via-se o aparelho de televisão. Aburguesara-se a miserabilidade do ambiente com o conforto de pequena geladeira. Maria fez questão de colocar cortinas, enquanto Antunes lotou uma prateleira inteira de livros espíritas. Deodato limitou-se a observar tudo, carregando o bebê.

À noite, Juliano ajudava o amigo a deslocar-se até a escola, empurrando-lhe a cadeira, que ficava guardada na portaria, até o final das aulas. Voltavam, fazendo companhia a Rosângela, em bando de mais de vinte, alguns estimulados à matrícula pelo próprio Cléber.

Banguela não se livrara da maléfica influência do vício perverso. Fugira duas vezes do reformatório (vamos chamar assim a moderna Casa de Atendimento dos Menores Infratores) e fora recambiado em estado lastimável. As visitas de Cléber e de Juliano nem sempre coincidiam com as épocas de melhora de humor, de forma que, às vezes, a presença deles provocava mais o furor e a angústia do que a esperança de retornar ao mundo dos vivos.

Gaspar, havia um mês, fora operado e convalescia, por assim dizer, da surpresa de poder usar as mãos e as pernas disciplinadamente. Tivera extraído pequeno tumor que

pressionava o cérebro. Mas isso fora tudo que Cléber e os familiares puderam compreender das explicações técnicas do cirurgião.

No Centro, João respondeu a apelo silencioso de Cléber:

— *O sentimento de culpa só se compreende quando leva o indivíduo a refazer o procedimento, não reincidindo no hábito, vício ou atitude errada quanto a si mesmo ou aos outros. Quem deseja, a todo o custo, conhecer as minudências do comportamento que o levou a esta ou aquela reação vai acabar perdendo precioso tempo, que poderia ser destinado à prática das virtudes. Ao contrário do que se dá no etéreo, o tempo dos encarnados flui perenemente, levando consigo as melhores disposições físicas, estruturando a vida sempre de modo a consignar novos fatores, desarmando, muitas vezes, as situações ideais para o aprendizado pela instrução ou pelo trabalho. Quando se diz que não se deve deixar para amanhã o que se pode fazer hoje, está repetindo-se lei universal válida para o âmbito da matéria. Dessa forma, os encarnados devem superar a vontade de tudo compreenderem para tudo realizarem. No plano da espiritualidade, dar-se-á a descoberta das ações que geraram as reações, caso contrário, os seres não conseguirão ascender ao próximo círculo existencial, local mais adiantado, para onde só vão os que se depurarem da maldade e dos vícios gerados pelo egoísmo. A essa atitude dos humanos damos o nome de fé no Senhor e de esperança de salvação. E qual o lema dos amigos aqui reunidos sob a bandeira do Espiritismo? Fora da caridade não existe salvação. Pratiquemos, pois, a caridade, antes e acima de tudo. O mais virá por acréscimo de misericórdia do Pai. Eis a nossa interpretação dos ensinamentos de Jesus.*

Indaiatuba, de 06.04 a 12.06.95.

Este título foi publicado pela Editora São João